

SUPLEMENTO
ESPECIAL

[CORREIO BRAZILIENSE]

Terça-feira, 21 de abril de 2009

HISTÓRIAS DE QUEM AMA BRASÍLIA

Uma cidade é a soma de tudo o que nela vive, tudo o que o gênio humano construiu, todas as camadas de acontecimentos que se sucedem numa linha infinita do tempo. Uma cidade de 49 anos é, diante das mais antigas metrópoles do planeta, uma cidade-bebê. Mas dentro dela a contagem do tempo é outra, é a da vida de cada um de seus habitantes. O mais velho brasiliense, nascido depois da

Uma cidade é a soma de tudo o que nela vive, tudo o que o gênio humano construiu, todas as camadas de acontecimentos que se sucedem numa linha infinita do tempo. Uma cidade de 49 anos é, diante das mais antigas metrópoles do planeta, uma cidade-bebê. Mas dentro dela a contagem do tempo é outra, é a da vida de cada um de seus habitantes. O mais velho brasileiro, nascido depois da inauguração, tem 49 anos e o mais novo deve estar nascendo agora. E todos os dias, surgirão novas vidas para uma cidade eternamente renovada. O **Correio** foi atrás de 49 brasilienses nascidos um em cada ano desde 1960 para, com eles, contar a história dessa gente que veio ao mundo para amar a cidade planejada no Rio de Janeiro e construída no cerrado goiano. E os juntou a 49 dos símbolos mais importantes da cidade surgidos nesses quase 50 anos. Trama histórica e afetiva que resultou neste suplemento. Parabéns para todos nós!



1960

A MENINA QUE

(FILHA DE UM OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO, SANDRA É HOJE PESQUISADORA DA HISTÓRIA DE BRASÍLIA)

NASCEU COM A CIDADE

ERIKA KLINGL

Moradora de Brasília desde 1957, a família de Sandra Torres perdeu os quatro dias da festa de inauguração da cidade. Não por querer. As vésperas das comemorações, eles ponderaram sobre os riscos da viagem de 25km entre o barraco de madeira onde moravam, em Taguatinga, e a Esplanada dos Ministérios. Era aventura demais para o marido, a mulher com 38 semanas de gestação e duas filhas pequenas. A estrada era de chão e com alguns buracos provocados pelas chuvas. Já pensou se Sandra nasce em meio à festa, bem perto de Juscelino Kubitschek?

Menos de três semanas depois da inauguração da capital, nascia uma menina que, com o tempo, desenvolveu um amor absoluto pela cidade. Quarenta e nove anos mais tarde, ela reencontra diariamente a época da fundação da nova capital e, emocionada, descobre histórias relacionadas à infância vivida entre a poeira vermelha das construções e os ônibus da TCB que, nos dias de passeio, levavam à família ao Zoológico. "A gente ia sempre para ver os bichos. Sempre gostei de ver o elefante. Levávamos comida e passávamos o dia lá até, porque era muito longe para chegar", lembra-se.

A paixão de Sandra por Brasília é tamanha que virou sua fonte de renda. Há 15 anos, ela trabalha no Arquivo Público do Distrito Federal. Numa mistura de lembranças e história, hoje, é gerente de documentação do órgão responsável pela proteção dos registros da formação de Brasília e das regiões administrativas. Trabalha na organização e conservação de papéis que contam todos os detalhes da história da região onde vivem 2,5 milhões de brasileiros. "É emocionante me relacionar com o passado. Foi aqui que encontrei a pasta com informações sobre meu pai na construção civil", conta.

Daniel Ferreira/CB/DA Press



... muito longe para chegar", lembra-se.

A paixão de Sandra por Brasília é tamanha que virou sua fonte de renda. Há 15 anos, ela trabalha no Arquivo Público do Distrito Federal. Numa mistura de lembranças e histórias, hoje, é gerente de documentação do órgão responsável pela proteção dos registros da formação de Brasília e das regiões administrativas. Trabalha na organização e conservação de papéis que contam todos os detalhes da história da região onde vivem 2,5 milhões de brasileiros. "É emocionante me relacionar com o passado. Foi aqui que encontrei a pasta com informações sobre meu pai na construção civil", conta.

Sobrevivência

A família de Sandra repetiu o caminho de boa parte dos 64.314 mil candangos que trabalharam febrilmente na construção da cidade. Nascidos no Nordeste, respectivamente no Ceará e no Maranhão, a mãe e o pai dela moravam no interior de Goiás quando a notícia da transferência da capital chegou a Ceres — localizada a 200km de Goiânia. "Minha mãe era uma visionária. Achou que eles poderiam vencer aqui. Ela estava certa", garante.

Na época em que a família tomou o rumo do coração do país, a maior corrente migratória já vista no Brasil seguia os mesmos sonhos. Na inauguração de Brasília, de acordo com dados censitários da época, a maioria dos candangos era procedente de Goiás, seguidos por mineiros, baianos e cearenses. Em comum, a esperança democrática que se erguia com a mesma velocidade que os prédios da nova capital. A mistura gerou um fenômeno gregário entre os que chegavam para a construção. Para não perder os vínculos, os migrantes buscavam se aninhar no meio de contrêrneos.

Metade dos candangos vindos do Norte e do Nordeste escolheram morar no que viria a ser a Asa Sul do Plano Piloto, no entorno da futura Praça dos Três Poderes e nos acampamentos do Núcleo Bandeirante. Essas três localidades, na verdade, concentravam 49% de toda a população que vivia em Brasília na época.

E, à medida que o DF se transformava, a população ia migrando dentro do quadrilátero. "Nos primeiros anos, minha família morava no Núcleo Bandeirante, mas ganhamos, em 1959, um lote em Taguatinga. Meu pai sozinho ergueu uma casa de madeira e nos mudamos", lembra-se. Fazia um ano que a cidade havia sido fundada, mas ainda sem saneamento algum. A água era tirada de balde das cisternas no quintal da casa e os resíduos iam para a fossa ou eram queimados. "Mas a vida era ótima. Havia árvores no quintal e a gente brincava de amarelinha e betê", diz, com saudade.

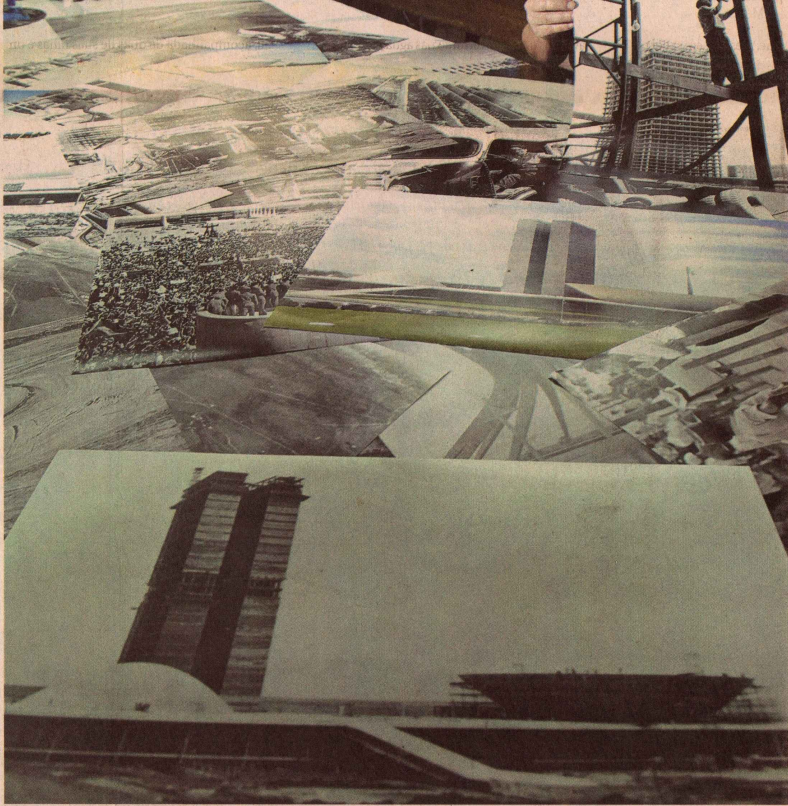
Como esquecer a chegada da televisão preto-e-branco de marca Telefunken onde ela e os irmãos acompanhavam a série *Batman, o homem-morcego*, todas os dias às 17h? Ou desprezar a emoção de assistir, em 1974, no Ginásio Nilson Nelson, ao show do Jackson Five? "Tenho muito carinho pelo que vivi em Taguatinga e no Guará, para onde mudamos no fim dos anos 60, quando a cidade foi fundada."

Nascimento

Além de Taguatinga, no início de Brasília, já havia outras cinco cidades em plena formação: Candangolândia, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Sobradinho e Gama. (Planaltina e Brazlândia são anteriores a

E MAIS...

Junto com Brasília, o 21 de abril de 1960 trouxe à cena dois dos mais importantes veículos de imprensa da capital e do país. Foi nesse dia que o **Correio Braziliense** voltou a ser editado, dessa vez em Brasília, por iniciativa de Assis Chateaubriand, 167 anos depois de ter sido fundado em Londres por Hipólito José da Costa — o primeiro jornal brasileiro. Ainda em 21 de abril, foi inaugurada a *TV Brasília*, que transmitiu imagens da inauguração da cidade. Os dois veículos também noticiaram outros fatos importantes do ano como a vitória, em outubro, de Jânio Quadros às eleições para presidente da República do Brasil e, em novembro, de John F. Kennedy a presidente dos EUA. Também foi em 60 que a IBM lançou o primeiro computador eletrônico e que começou a carreira musical do grupo The Beatles e do grupo The Supremes.



FILHA DE UM OPERÁRIO QUE AJUDOU A CONSTRUIR O CONGRESSO NACIONAL, SANDRA PASSA OS DIAS PERCORRENDO DOCUMENTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE

Brasília). Mas era no Plano Piloto que a magia acontecia. Onde homens e mulheres realizavam os sonhos de Juscelino, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Entre eles, o pai de Sandra, que ajudou a erguer o Congresso Nacional. "Ele nunca levou a gente lá. Fui um dia numa excursão da escola e me maravilhei com o bem que aqueles homens fizeram ao construir uma Esplanada tão linda."

Quando JK inaugurou Brasília, o avião ainda era um esboço do que hoje é a Esplanada dos Ministérios e as asas Sul e Norte. Apenas 19 quadras residenciais, das 96 localizadas das quadras 100 a 700, estavam construídas. E a maioria delas ainda não estava com todos os prédios e estrutura prontos. A avenida W3 tinha cerca de duas dúzias de lojas funcionando, todas na Asa Sul. Vários dos prédios públicos também só vieram depois. Mas naquele 21 de abril, estavam prontos alguns dos marcos da história de Brasília e do país: o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, o

Supremo Tribunal Federal, o Palácio do Planalto, 11 edifícios ministeriais, o Cine Brasília, a Igreja, o Palácio do Jaburu e a Avenida Dom Bosco.

A nova capital foi inaugurada no último ano do mandato do presidente Juscelino Kubitschek, que durante toda a campanha presidencial defendeu a criação da nova cidade e que rapidamente passou a ser vista como símbolo da modernidade e principalmente de um novo Brasil. A modernidade não estava apenas nas linhas das construções de Oscar Niemeyer e no traçado urbano de Lucio Costa, mas principalmente na ideia de desenvolvimento e interiorização do país que a cidade representava. Sandra testemunhou isso durante toda a vida e se lembra com carinho de cada etapa vencida por ela, como uma mãe e filha lutadora, e pela dinâmica cidade que ainda enfrenta os desafios do crescimento desenfreado e da desigualdade social que persiste 49 anos depois.

1961

MÁRCIA NAS ÁGUAS DO PARQUE

(ELA NEM SABIA QUE ESTAVA COM SAUDADE)

NOELLE OLIVEIRA

Os belos e expressivos olhos azuis de Márcia escondem uma mulher tímida e uma garota levada, nascida no ano de 1961, na recém-inaugurada capital federal. O nome, segundo histórias contadas pelo pai, é uma referência a Márcia Kubitschek, filha de Juscelino e Sarah. A filha da cidade sempre viveu aqui e foi no cerrado que construiu uma família hoje formada por cinco filhos e seis netos. Os irmãos, também em número de cinco, são todos brasileiros. "Sempre nos divertíamos muito, era tudo muito calmo e inventávamos nossas próprias brincadeiras. Tenho muitas saudades dessa infância", relembra Márcia Braga Rezende.

Os avós da brasiliense vieram para cá ainda durante a construção da cidade, em 1957. Na época, foram dois dos primeiros agentes dos Correios na única agência que existia em Brasília, localizada na Cidade Livre – hoje o Núcleo Bandeirante. "Nos fins de semana, os candangos se reuniam todos lá na agência para receber suas cartas. Eu pegava um caixotinho, subia, e ia chamando nome por nome. A alegria deles em receber as notícias da família era indescritível", relembra com carinho a avó de Márcia, Helena Ribeiro Braga, hoje com 91 anos.

Helena, uma bela senhora de impressionante lucidez, vive em Brasília e relembra as antigas histórias da construção da capital. Ela teve as duas filhas no estado de Goiás. Os oito netos, 14 bisnetos e seis tataranetos, no entanto, são todos brasileiros.

Márcia nasceu no mesmo ano em que a Água Mineral foi inaugurada, 1961. Era um de seus locais preferidos na cidade e de seus irmãos, que, mesmo sem saber nadar, passavam os dias se divertindo nas águas

geladas. "Naquela época levávamos boias de carro e de caminhão, feitas com a câmara de ar, e passávamos o dia nas piscinas. Eu subia em uma dessas boias e deixava a água me levar, quando via que não dava mais para encostar o pé no chão começava a chorar e a gritar, aí sempre vinha alguém me empurrar de volta", relembra, com alegria.

Enquanto os menores brincavam com as pedrinhas em áreas rasas, os maiores se aventuravam atrás dos macacos e se arriscavam a tentar chegar à áreas mais profundas das piscinas. "No fim do dia, era aquela choradeira. Como minha avó muitas vezes ia com a gente, ela pegava o Fusca que tinha na época, colocava todo mundo na parte de trás do carro e fâmos embora reclamando", revela Márcia.

A criação do Parque Nacional de Brasília, área de preservação ambiental, está diretamente relacionada à construção da cidade. Acordo entre o Ministério da Agricultura e a Novacap mantinha, em parte da área que hoje pertence ao parque, um viveiro destinado à arborização da nova capital.

Como na época faltava areia para as obras da cidade e não havia estradas, o material terra que se extraía nas proximidades. Uma draga – máquina que retira areia do fundo dos rios – foi então instalada onde hoje é a Água Mineral. A medida que a areia ia sendo retirada formava-se um grande buraco que as pessoas chamavam de "Piscina do Buresti", uma referência a Ugo Buresti, um dos pioneiros responsável pela extração no local.

A correria do dia a dia, no entanto, fez com que Márcia, que mora no Valparaíso há 27 anos, nunca mais fosse até a Água Mineral. A perda do Correio, após 30 anos sem visitar o local, Márcia voltou ao Parque Nacional, acompanhada de duas de suas filhas e um neto. De

Edilson Rodrigues/CB/DIA Press



TRINTA ANOS DEPOIS, MÁRCIA VOLTA À ÁGUA MINERAL PARA RELEMBRAR A ALEGRIA QUE ERA BRINCAR DE BOIA DE CAMINHÃO

E MAIS...

Durante o governo de Jânio Quadros, foram criadas em Brasília inúmeras comissões de sindicâncias para apurar possíveis irregularidades nas obras da construção, mas nada foi constatado. No primeiro aniversário da cidade, o late Clube de Brasília promoveu uma regata de barcos à vela, repetindo o que ocorreu no ano anterior, na inauguração da cidade. No mesmo dia, foi inaugurada a Estrada Parque Taguatinga-Guará, o Cine-Teatro Cultura e a Praça 21 de Abril (ambos na W3 Sul). Com uma peça de Cacilda Becker, um pequeno auditório foi aberto ao público no local onde funcionaria o futuro Teatro Nacional. A Concha Acústica também é de 1961. Foi nesse ano que Yuri Gagarin deixou o mundo assombrado: ele foi o primeiro ser humano a ver a Terra do espaço e nos avisou que ela é azul. Também em 1961, exilados cubanos, com a ajuda da CIA, fizeram a fracassada tentativa de invadir a Baía dos Porcos para tomar a ilha de Cuba.

volta a um dos marcos de sua infância, Márcia se emocionou com as lembranças. "Está tudo igualzinho", maravilhou-se.

Fez questão de entrar na água, tocar as pedras e mostrar para a filha mais nova, Maria Eduarda, 6 anos, de onde 'brotava' a água da piscina. "Vou só esperar o sol firmar, juntar todos os meus netos, e trazer pra cá. Que saudades", repetia a antiga visitante que mostrava onde a mãe gostava de ficar e a parte da piscina de sua preferência. Já no caminho de volta para casa, Maria Eduarda perguntou à mãe: "Vamos voltar no sábado?"

Hoje
o nosso traje
é de festa.

Parabéns, Brasília, pelos 49 anos.

 **ParkShopping**

Completo pra você

1962

MARCELO E A UNB: PARA MUDAR O MUNDO

(LEMBRANÇA DE GRANDES LUTAS)

ERIKA KLINGL

O prédio do diretório acadêmico era de madeira e ficava do lado do Instituto de Artes”, aponta o secretário de Educação Integral do Distrito Federal, Marcelo Aguiar, enquanto caminha pelos gramados da Universidade de Brasília (UnB). “Ah, não está mais lá. E olha como está bonito o prédio das Artes”, observa. Ele tem razão na surpresa. A UnB mudou muito desde 1962, quando foi fundada. Assim como Marcelo, que nasceu no mesmo ano e queria ser arquiteto, mas descobriu, nos corredores do Minhocão — o Instituto Central de Ciências —, que o mundo era repleto de desigualdades sociais e que só seria feliz se fizesse algo de efetivo para ajudar a transformar a sociedade.

Mais de duas décadas depois de formado, Marcelo ainda não projetou nenhum prédio ou casa. Nem planejou qualquer reforma em escritórios. Dedicou-se a estudar os fundamentos da educação democrática. “Eu já tinha uma angústia em botar a mão na massa, mas a UnB era um ambiente fértil para mobilização e formação política que ajudou a fortalecer o meu senso de justiça”, resume Marcelo Aguiar. O secretário foi peça fundamental na aplicação do programa Bolsa Escola, do senador Cristovam Buarque (PDT), e há três meses é o responsável por trazer os princípios de Anísio Teixeira para a educação de 500 mil crianças da rede pública de ensino do DF. Junto com Darcy Ribeiro, Teixeira idealizou a UnB.

Responsabilidade

A universidade que ajudou a moldar o secretário Marcelo Aguiar era, em 1962, um esboço da transformação pela qual passava a própria cidade de Brasília, inaugurada havia apenas dois anos. A UnB começou como mais um sopro de mudanças para o país. Em 9 de abril quando o câmpus foi aberto pela primeira vez. Eram 413 alunos, 84 professores e quatro cursos matutinos. No primeiro vestibular da instituição, em fevereiro de 1962, concorreram 830 pessoas. O campus ainda era um grande canteiro de obras. O Minhocão, o coração da universidade, começaria a ser construído em 1963 e só seria concluído em 1971.

E MAIS...

João Goulart era o presidente do país em 1962. Foi ele quem ordenou a abertura dos portões do Palácio da Alvorada às 15h30 de 18 de junho para que todos pudessem saudar a Seleção Brasileira de futebol que acabara de conquistar o bicampeonato na Copa do Mundo, no Chile. Quem também fez festa neste ano foi o cinema nacional. O *Pagador de Promessa* ganhou os mais importantes prêmios do ano: a Palma de Ouro, no Festival de Cannes (França), o Prêmio Especial do Juri, no Festival de Cartagena (Colômbia) e melhor Filme e melhor Trilha Sonora no San Francisco International Film Festival (EUA). A cultura também teve destaque em 1962 com o surgimento da carreira musical de The Beach Boys.

No início, a UnB era uma fração do que viria a ser hoje. A oferta de quatro cursos subiu para 73. O total de 413 alunos que estudavam na instituição cresceu para 26.149. De 84 docentes, passou para 1.535. E a área da federal passou dos 3 milhões de m². Mas uma coisa continua a mesma. O sonho de pais e jovens estudantes em cursar o ensino superior numa das melhores instituições do país. Na última seleção, somando-se a terceira etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e o vestibular, foram quase 30 mil alunos buscando uma vaga.

Naqueles tempos, ter um filho na universidade era muito mais do que podiam sonhar os pais de Marcelo. Eles moravam, desde 1957, na capital que só foi inaugurada três anos depois. “Vivamos num acampamento perto do Baão do Aeroporto”, lembra. “Com o início da cidade, fomos para o Cruzeiro e para o Gama e eu sempre estudei em

Daniel Ferreira/CB/DA Press



MARCELO AGUIAR, O EX-MILITANTE ESTUDANTIL, VOLTÀ À UNIVERSIDADE QUE MOLDOU SEU FUTURO

escola pública”, completa. “Um ensino gratuito, mas de muita qualidade com aulas de laboratório e práticas de matemática e ciências que formavam o aluno para os desafios.”

Com apenas 17 anos, Marcelo entrou na UnB e rapidamente passou a fazer parte do movimento estudantil e a lutar pelo fim da ditadura, que aconteceria cinco anos depois.

Quando Marcelo chegou à UnB, ela já havia enfrentado invasões, prisões, perseguições e demissão coletiva de professores. “No início da década de 80, a gente vivia um momento em que podia reivindicar, mas, ao mesmo tempo, havia uma tensão grande”, lembra-se Marcelo. “Não à toa, a UnB foi palco para o surgimento de grandes nomes da política do DF de hoje. E é, sem dúvida, uma das mais importantes instituições de ensino do país”, garante.

1963

CLÁUDIA, SEMPRE PERTO DE DOM BOSCO

(A VIDA AO REDOR DA IGREJA)

KARLA MENDES

Quando soube que nasceu no mesmo ano em que o Santuário Dom Bosco foi fundado, a funcionária pública Cláudia Pfeilsticker Gonçalves de Oliveira se sentiu honrada. "Foi um privilégio... Eu não sabia", comenta, com um sorriso. "Estudei aqui perto e sempre morei na Asa Sul. Então, de certa forma, a Dom Bosco fez parte da minha infância", diz.

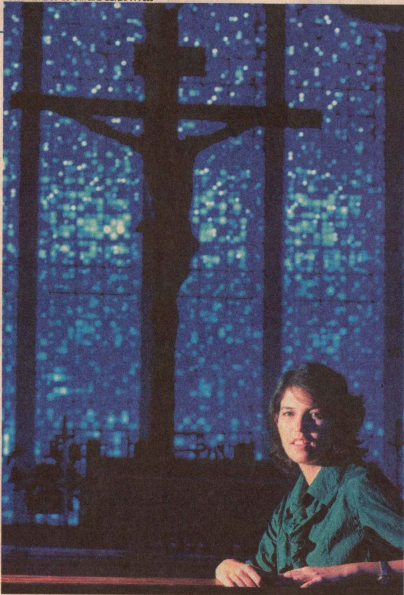
Por motivos óbvios, Cláudia não se lembra de que foi batizada no santuário, mas a lista da secretaria paroquial não deixa mentir: o nome dela está lá. "Minha mãe disse que eu fui batizada no Hospital de Base, que devia ser vinculado a essa igreja. O padre foi daqui, isso eu tenho certeza", diz. Na adolescência, Cláudia frequentou as missas na Dom Bosco, mas depois passou a cumprir seus compromissos religiosos na Igreja da 108 Sul, que era mais perto da sua nova casa. Mas o vínculo com o santuário nunca foi perdido. "Eu sempre passo aqui e fico admirando. Eu gosto muito da igreja, acho ela muito linda, acho bem bonitos os vitrais, o lustre. Meus avós fizeram bodas de ouro aqui e foi uma cerimônia belíssima. Então, tenho um vínculo muito grande com a igreja."

Cláudia lembra o misticismo que sempre rondou Dom Bosco. "Tem essa mística da cidade, tem muito essas coisas de sonho. Dizem que Dom Bosco foi o visionário que previu Brasília há muitos anos. A gente sempre ouve essa história, de que ele falou que aqui ia jorrar leite e mel." Dizem que o italiano Dom Bosco viveu de sonhos e que, em 30 de agosto de 1883, ele viu uma terra de riqueza, próxima a um imenso lago, entre os paralelos 15° e 20° do hemisfério sul, exatamente onde está localizado o Planalto Central.

Em 1963, outro italiano, o escultor milanês Gianfrancesco Cerri, eternizou em chapas de bronze algumas visões e a história do santo - que morreu em 1888 e foi canonizado em 1934 - no Santuário Dom Bosco. Os sonhos dos dois italianos estão esculpidos nos 12 portais e em outras pequenas obras de arte do santuário, como a pia batismal, também de Cerri. A igreja de linhas modernas começou a ser construída em 1963 e foi inaugurada em 1970.

Não por acaso o santuário foi eleito a sexta maravilha da capital, em dezembro passado. Com projeto arquitetônico é de Carlos

Fotos: Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



CLÁUDIA GONÇALVES FOI BATIZADA NA DOM BOSCO E NEM SABIA DISSO

E MAIS...

O futuro do país estava nas mãos de cerca de 11,5 milhões de brasileiros, que foram às urnas em 6 de janeiro para decidir qual o regime de governo que deveria ser adotado no Brasil. Por ampla vantagem de votos - 9,46 milhões contra 2,07 milhões -, os eleitores preferiram o presidencialismo ao parlamentarismo. Em 13 de setembro, João Goulart empossou Castelo Branco na chefia do Estado-Maior do Exército. No mesmo ano, Martin Luther King fez o discurso que marcou a história dos direitos civis nos Estados Unidos. Em 22 de novembro, o presidente John Kennedy foi assassinado.

Alberto Naves e o paisagístico, de Burle Marx, o Santuário ocupa uma área de 10 mil metros quadrados. No exterior, 80 colunas fecham-se em arcos. No interior, um lustre de 3,4 metros de altura, com 7,4 mil peças de vidro murano, é obra do arquiteto Alvimar Moreira. Os vitrais, projetados por Cláudio Naves e fabricados pelo artista belga Hubert Van Doorne, refletem 12 tonalidades de azul.

1964

OTTO E O BANCO CENTRAL (O ORGULHO DE SER DO BC)

KARLA MENDES

O sonho de Otto Chaveiro Lobo sempre foi trabalhar no Banco Central. Graduado em matemática pela Universidade de Brasília (UnB), Otto começou sua carreira como professor, foi funcionário do Banco do Brasil até 1998 e, na segunda tentativa, foi aprovado no concurso do BC. "Sempre tive vontade de trabalhar no Banco Central", diz. Na preparação para as provas, a coincidência: descobriu que o ano de seu nascimento (1964) era o mesmo da criação do BC. "É um orgulho, é um monumento importante, um marco histórico para o Brasil. Antes disso, a autoridade monetária era meio difusa entre Banco do Brasil e outros órgãos e, com isso, fortaleceu tanto a parte de execução monetária quanto de supervisão bancária. É uma fase importante para a economia do Brasil".

Otto se identifica muito com a capital federal e não pretende morar em outro lugar. "Sempre procurei fazer carreira aqui. Gosto muito de Brasília. Na área onde estou, aqui é o melhor lugar", afirma.

A construção da sede do BC começou dez anos depois de a instituição ser criada e só foi concluída em 1980. Foi a primeira grande obra de arquitetura a não seguir a linha estética adotada pelos arquitetos modernistas do período. O prédio tem 21 pavimentos mais seis sub-solos e se caracteriza por grandes balanços que avançam para fora do prédio. Projeto é de Hélio Ferreira Pinto.

E MAIS...


Em 1º de abril daquele ano, um golpe militar derrubou João Goulart da Presidência e Brasília foi ocupada por 5 mil soldados do Exército. O senador Ranieri Mazzilli assumiu a Presidência da República com apoio das Forças Armadas. Logo depois, o governo foi exercido por uma junta militar. O marechal Castelo Branco interviu na Universidade de Brasília (UnB) com 400 soldados e, no dia 15, assume a Presidência da República. No mesmo ano, a China explode a primeira bomba atômica e o Muro de Berlim é aberto para passagem de pessoas acima de 65 anos.



OTTO: "SEMPRE TIVE VONTADE DE TRABALHAR NO BC"

**A TIM AGRADECE AOS
BRASILIENSES QUE ESCOLHERAM
SE COMUNICAR SEM FRONTEIRAS.**

Com a portabilidade, os brasilienses podem escolher a operadora de telefonia fixa ou móvel que bem entendem. E já são muitas as pessoas que trouxeram seu número para a TIM. Elas agora vão descobrir todas as vantagens de ter uma mente sem fronteiras, com o melhor da tecnologia ao seu lado. Se você já trouxe seu número para a TIM, obrigado. Se ainda não trouxe, aproveite: não existem mais fronteiras para isso. TIM. Você, sem fronteiras.



TODO MUNDO
SABE QUE
BRASÍLIA NÃO
TEM ESQUINAS.
E AGORA
TAMBÉM

SEM ESQUINAS.
E AGORA
TAMBÉM NÃO
TEM FRONTEIRAS.



Você, sem fronteiras.

1965

Daniel Ferreira/CBDA Press

NOELLE E A REVELAÇÃO DA TORRE



PARA A MENINA MORADORA DO GAMA E FILHA DE OPERÁRIO DA CONSTRUÇÃO, VISITAR O PLANO PILOTO ERA UMA VIAGEM, UMA AVENTURA

DA PRIMEIRA VEZ EM QUE ELA VIU BRASÍLIA DO ALTO, SENTIU QUE JAMAIS DEIXARIA DE AMÁ-LA

NOELLE OLIVEIRA

A vista panorâmica de Brasília em um dia de sol forte e céu azul nunca saiu da memória de Marlúcia Luzia de Andrade. Foi a primeira vez que ela foi à Torre de TV. Tinha 8 anos. O medo de elevador ainda não era tão grande, mas não evitou que a subida até a plataforma fosse feita com fôlego preso. Mas a experiência deixou para sempre na memória da menina uma imagem inesquecível. "Amo muito essa cidade e aquela vista traz muito do que Brasília representa pra mim", revela. A brasiliense Marlúcia nasceu em 1965, mesmo ano em que o mirante da Torre de TV começou a funcionar. O pai dela, Albérico Sousa Andrade, chegou à

capital em 1959 para trabalhar de mecânico na construção.

O mirante, a 50 metros do chão, que tanto maravilhou a pequena Marlúcia, foi inaugurado em 21 de abril, em comemoração ao quinto aniversário da cidade. Na época, faltava ainda a conclusão da parte metálica superior da Torre, que já alcançava 140 metros de altura, de um total de 218 metros. A estrutura de aço, projetada pelo urbanista Lucio Costa, foi construída pela Companhia Siderúrgica Nacional e só ficou completamente pronta em 1966, respondendo a um prédio de 70 andares.

Em 1963, já com uma vida mais estabilizada, os pais de Marlúcia se mudaram para o Gama. Foi nessa casa que ela cresceu e vive até hoje com o pai. "No dia que nasci, minha mãe, acompanhada por duas vizinhas, foi a pé até o hospital, o primeiro que existiu no Gama, levando duas lamparinas para iluminar o caminho", conta.

Com uma infância difícil, marcada por uma situação financeira penosa, ir ao Plano Piloto não era um passeio comum para Marlúcia. As oportunidades se transformavam em grandes ocasiões, dia de festa para a família. Foi justamente em um desses raros passeios que a brasiliense visitou o mirante da Torre. Em outro, já adolescente,

conheceu a Feira de Artesanato que funciona no local. Na memória, os brinquedos coloridos pregados nas paredes e os inúmeros cata-ventos. "Toda criança ficava louca com aquilo", diverte-se.

Em 1967, a Torre de TV foi inaugurada oficialmente, incluindo a Fonte Lumínosa e a Feira de Artesanato. Hoje o ponto turístico é o primeiro local onde Marlúcia leva parentes e visitantes que chegam à sua casa. E também o refúgio para onde a brasiliense vai quando quer espalhar em momentos de nervosismo ou estresse. "Quando muito do artesanato que tem lá, de comprar pequenas coisas bem trabalhadas, de conversar com amigos que tenho por lá e assistir às diferentes manifestações culturais. É um lugar que me faz bem", avalia.

Antes da realidade tão pouco comum na vida da pequena Marlúcia, que carregava o material escolar dentro de um saco plástico de açúcar, já que não tinha pasta, o Plano Piloto é hoje o ambiente de trabalho da atual servidora da Secretaria de Fazenda. Quando anoitece, porém, Marlúcia volta às origens, no Gama, onde encontra o pai no mesmo lugar de sempre. "Eu amo Brasília. Não penso em deixar esta cidade. Quando viajo e volto, a impressão que tenho é que estou no colo de uma mãe cada dia mais viva", compara.

E MAIS...

Três grandes obras, ainda em andamento foram assuntos recorrentes entre os moradores da cidade: o Palácio do Itamaraty, a conclusão do asfalto da Rodovia Belém-Brasília e a ligação férrea de Brasília a Pirapora (Minas) e a Pires do Rio (Goiás). O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi realizado pela primeira vez. O diretor Roberto Santo, o grande vencedor com o filme *A Hora e a Vez*, de Augusto Matraga. O presidente Castelo Branco decretou o Ato Institucional nº 2, que acabou com os partidos políticos. Nos Estados Unidos, o presidente Lyndon Johnson assinou lei que garantiu o voto aos negros. Che Guevara deixou Cuba para "lutar contra o imperialismo em outros países do mundo."

1966

CASCÃO E O BEIRUTE, A TRINCHEIRA DO ROCK

(ELES QUERIAM MUDAR O MUNDO)

Quem vê o advogado Paulo César Cascão circular pela cidade de terno e óculos escuros, rumo à defesa de mais um de seus clientes, não imagina que sua história traz as marcas típicas da juventude brasiliense dos anos 80, eternizada nas letras de rock produzidas na capital federal. Ele foi um daqueles jovens revolucionários, com muitas ideias na cabeça e muita vontade de melhorar o mundo. O figurino mudou, mas os ideais ainda são de melhorar o mundo.

A carreira musical do brasiliense começou em 1981. Sua banda de maior sucesso, a Detrito Federal, foi a primeira de Brasília a tocar na Rede Globo, em 1995. "Virei um herói regional e, na época, me mudei para o Rio de Janeiro. Depois deu uma caída no rock, e aí voltei."

Na adolescência, Cascão descobriu o gosto pela música. Eram tempos de reação à ditadura militar a defesa ferrenha da contracultura. Foi nesse ambiente que, aos 15 anos de idade, ele conheceu o bar que marcaria sua trajetória e a história política e cultural de Brasília, o Beirute. Cascão encontrou sua turma. O bar mais tradicional de Brasília foi criado no mesmo ano em que Cascão nasceu, 1966, quando a cidade abrigava cerca de 360 mil habitantes. "Será que estava escrito?", brinca o brasiliense.

Monique Renne/CBIDA Press



HOJE ELE É O DR. PAULO CÉSAR, MAS NOS ANOS 80 ERA O ROQUEIRO QUE ESTAVA TODAS AS NOITES NA 109 SUL

E MAIS...

Nesse ano, foram concluídas as obras estruturais da sede do Ministério das Relações Exteriores. Com o prédio pronto e a mudança do corpo diplomático para Brasília, a cidade se fortaleceria. Aquele tempo, era grande a torcida para a volta ao Rio. Sob a administração de Plínio Catanhede, Brasília tem a sua estrutura organizacional reformulada. As administrações regionais foram criadas, descentralizando a máquina burocrática. O sexto aniversário da cidade foi marcado pela entrega de importantes obras, como a duplicação da estrada Plano Piloto-Taguatinga, o Ginásio do Gama e o teatro Martins Pena. Juscelino Kubitschek se uniu a Carlos Lacerda, seu ex-grande adversário no projeto da construção de Brasília, lançaram o Partido Popular. JK se alinhou à Frente Ampla, liderada da oposição de lutar pelas liberdades democráticas. A Guerra do Vietnã já custava 2 milhões de dólares aos norte-americanos.

Paulo, assim como a da capital federal, consolidava-se. A efusão política já não era mais a mesma, e o sentimento revolucionário ganhava novos contornos. O herói urbano Cascão era, a partir daí, o Dr. Paulo César, advogado do ramo empresarial. "Hoje o direito é minha paixão e a nova maneira que encontro para exercer a minha justiça social. O que eu fazia por meio do rock, hoje faço no meu trabalho, defendendo o direito das pessoas", conclui Paulo. (NO)

1967

CARIOCA DO OVO, BRASILIENSE DA GEMA (E SAMBA NO PEITO)

Ronaldo de Oliveira/CBIDA Press



MESTRE BRANNCA: "DE PÉ RACHADO"

A descendência carioca é nítida em José Aldano de Souza, o Mestre Brannca. Mas, quando lhe perguntam a naturalidade, ele responde: "Sou brasiliense, graças a Deus".

A história da construção da nova capital fez parte da vida da família de José Aldano. Filho de servidor público que veio transferido para a nova capital em 1961, mestre Brannca viveu boa parte de sua infância em um apartamento dos blocos JK, da 409 Sul.

"Os cariocas servidores que tinham vindo para cá se reuniam em vendas no fundo das casas no Cruzeiro, onde a maioria foi morar. Também tinha aquela coisa do churrasco no fundo do quintal, embalado por muito samba, é claro", relembra mestre Brannca.

Em 1967, mesmo ano em que mestre Brannca nasceu, foram transferidos do Rio os primeiros servidores da área diplomática, que seriam mais tarde abrigados no Palácio do Itamaraty. Com isso, mais cariocas chegavam à capital, ao mesmo tempo em que novos pequenos brasilienses, filhos desses pioneiros, já nasciam aqui.

Carioca com saudade dá samba. José Aldano já completa 34 anos na bateria da Aruc. Há 21, é o comandante do coração musical da escola. Mas não tem essa de querer voltar para o Rio: "Não saio daqui. Amo esta cidade. Rio de Janeiro para mim são apenas alguns dias de férias e estou de volta. Sou, como diriam, um brasiliense de pé rachado." (NO)

E MAIS...

No ano em que o governo promoveu uma reforma monetária e colocou em circulação o Cruzeiro Novo — no valor de mil cruzeiros para cada cruzeiro novo — surgiu, na capital, a Associação Universidade do Distrito Federal (UDF), localizada na avenida W4 Sul. O presidente Castelo Branco morreu em acidente aéreo. O Exército boliviano matou Che Guevara. Cassius Clay, campeão mundial de pesos-pesados, foi condenado a cinco anos de prisão por ter se recusado a lutar na Guerra do Vietnã.

Parabéns Brasília, você merece todo nosso cuidado.

Transplante de medula óssea e RADIOTERAPIA de alta complexidade

RADIOLOGIA com C.T. multisllice



PRESTADOR

D
B
JA
MOE
A

On...
p...
on...



RADIOCIRURGIA - Centro Oncológico do DF

Centro Oncológico do Hospital Santa Lúcia

*Mais segurança
para os brasilienses.*

O Hospital Santa Lúcia há 45 anos investe em tecnologia, humanização e estrutura se mantendo assim, entre os grandes centros hospitalares nacionais. Inauguramos um centro completo. Digno da capital do nosso país.

Totalmente equipado para cuidar do paciente com eficiência e conforto durante o tratamento do câncer. Profissionais do mais alto gabarito, renomados nacionalmente que aplicam todo seu conhecimento e experiência nas mais diversas situações. Priorizando a vida em análises minuciosas de cada resultado e direcionando o tratamento mais adequado.

Somado à excelência do corpo clínico, possuímos equipamentos que consagram o que há de mais inovador no tratamento do câncer, no mundo, possibilitando segurança e modernidade.

No Hospital Santa Lúcia, a evolução da medicina é evidenciada em momentos singulares, como na diminuição do tempo e quantidade de sessões de radioterapia e quimioterapia, oferecendo ao paciente maior conforto. Na exatidão e rapidez da localização do tumor a ser tratado, preservando órgãos vizinhos e reduzindo assim os efeitos colaterais.

Com um tratamento indolor e sem necessidade de internação. Um aumento real nas chances de cura. Oferecendo assim, mais qualidade de vida.

E ainda com o transplante de medula óssea, único realizado no Centro-Oeste, que oferece a população o que há de mais moderno para pacientes de alta complexidade.

Qualidade de vida, a gente acredita nisso.

1968

JAQUELINE E O TREM

(A MENINA QUE
BRINCAVA DE TREM)

KARLA MENDES

Inaugurados em 1968, os trilhos da estação Bernardo Sayão cruzaram o caminho da funcionária pública Jaqueline Almeida, nascida naquele mesmo ano. Pequenina, ela morava em casa na vila construída à margem da linha férrea, no Núcleo Bandeirante, para abrigar os funcionários da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA). "O trem fez parte da nossa vida. A gente pegava carona (nos vagões) e ia para a casa de amigo no Park Way tomar banho de piscina. Tinha uns 14, 15 anos. Vivemos o tempo todo assim", lembra Jaqueline.

Não importava se era de carga ou de passageiros. Qualquer trem que passava era motivo de alegria para a molecada. O "brinquedo" tinha um lado perigoso, já que os garotos se arriscavam pendurados, na rabeira. Se o pai de Jaqueline, baiano que veio para a construção, não deixava, então, a menina era impulsionada pelo gostinho do proibido. "Depois a gente cresce, os meninos mais velhos pulam, mas você fica com medo", pondera. No mundo de fantasia de Jaqueline, tinha casinha no trilho para fazer comidinha.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



NA ESTRADA DE FERRO, ONDE PASSOU A INFÂNCIA, JAQUELINE REMEMORA TEMPO ROMÂNTICO E CHEIO DE ORGULHO

o trem passava, a gente ficava dando tchau daqui, bem de pertinho", recorda. A sujeira, o estrago e o abandono da estação Bernardo Sayão, onde o trem de passageiros parou de funcionar em 1992, não povoam a linha férrea da infância de Jaqueline, que pertence ao tempo de glória, como o da inauguração, contado nas páginas do *Correio* sob sentimento de euforia.

"Quando o comboio foi entrando na estação, houve um frenesi de uma enorme plateia que chorava, batia palmas, ria, gritava, vivia, enfim, um momento de uma emoção incontrolada. Poucos episódios foram tão emocionantes nesta cidade", narrou a reportagem da época. "Foi uma festa de ar-

E MAIS:

Em 4 de abril, morreram, nos Estados Unidos, o líder negro Martin Luther King, e, no Brasil, o jornalista Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados. No dia seguinte, o presidente Costa e Silva tornou ilegal a Frente Ampla, criada por JK e Carlos Lacerda. Greves e passeatas se disseminaram pelo país, culminando com a Marcha dos 100 mil, em junho, mas o pretexto para a instituição do AI-5, em dezembro, foi o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, feito em 2 de setembro, conclamando a população a boicotar os eventos do Dia da Independência. Apesar de amargar o constrangimento da invasão e do fechamento da UnB, Brasília viu bem adiantada a construção do Palácio do Itamaraty e de algumas embaixadas, e recebeu as visitas da Rainha Elizabeth e do cientista Albert Sabin.

rio apaixonado por locomotiva, principalmente a vapor. Os trens de passageiros que iam de Brasília para São Paulo e Belo Horizonte tinham cabine e restaurante. Nas ferrovias, chegamos a transportar

tem o mesmo sentimento de nostalgia. "O trem fazia parte da alma", ressalta. Os trens de passageiros entre Brasília e o Rio de Janeiro começaram a circular em 16 de dezembro de 1968. Os de carga vinham rolando desde 23 de abril, data em que Brasília interliga-se à Mojiana de Estradas de Ferro e à Viação Férrea Centro-Oeste. Morador de Brasília há 40 anos, o mineiro Pedro Silveira Neto chefiou a Bernardo Sayão durante 11 anos, de 1969 a 1980. "Sou um ferroviá-

...nhar bônus de piscina. Tinha uns 14, 15 anos, o tempo do tempo assim", lembra Jaqueline.

Não importava se era de carga ou de passageiros. Qualquer trem que passava era motivo de alegria para a molecada. O "brinquedo" tinha um lado perigoso, já que os garotos se arriscavam pendurados, na rabeira. Se o pai de Jaqueline, balano que veio para a construção, não deixava, então, a menina era impulsionada pelo gostinho do proibido. "Depois a gente cresce, os meninos mais velhos pulam, mas você fica com medo", pondera. No mundo de fantasia de Jaqueline, tinha casinha no trilho para fazer comidinha. "Na estação de passageiros, a gente colcava o rosto e sentia o quentinho, os trilhos pegando fogo", conta.

Jaqueline nunca viajou de verdade, como passageira. Era de família humilde e, com quatro irmãos, o sonho não foi concretizado. "Minha mãe foi para São Paulo comprar roupa para vender. Quando

...o tempo de honra, como o dia da inauguração, contado nas páginas do Correio sob sentimento de euforia.

"Quando o comboio foi entrando na estação, houve um frenesi de uma enorme plateia que chorava, batia palmas, ria, gritava, vivia, enfim, um momento de uma emoção incontrolada. Poucos episódios foram tão emocionantes nesta cidade", narrou a reportagem da época. "Foi uma festa de arromba. Enfeitou-se a estação de ponta a ponta com balões, fitas e flores", recorda Waldomirino Vitorino, primeiro chefe de estação Bernardo Sayão. "Na plataforma não cabia mais gente. E o povo gritava: Viva Juscelino!", orgulha-se.

Raul Bernardo Sena, presidente da RFFSA na década de 1960,

...de setemo, concionando à população a procoitar os eventos do Dia da Independência. Apesar de amargo o constrangimento da invasão do fechamento da UnB, Brasília viu bem adiantada a construção do Palácio do Itamaraty e de algumas embaixadas, e recebeu as visitas da Rainha Elizabeth e do cientista Albert Sabin.

...a moljãia de Estradas de ferro e à Viação Férrea Centro-Oeste. Morador de Brasília há 40 anos, o mineiro Pedro Silveira Neto chefiou a Bernardo Sayão durante 11 anos, de 1969 a 1980. "Sou um ferroviário apaixonado por locomotiva, principalmente a vapor. Os três de passageiros que iam de Brasília para São Paulo e Belo Horizonte tinham cabine e restaurante. Nas ferrovias, chegamos a transportar o petróleo em vagões-tanque."

Ainda hoje, a paixão pelo trem se perpetua pela vida de Jaqueline. "Vou com meu sobrinho soltar pipa no trilho. O pessoal vem aqui fazer fotos em preto e branco. A minha cunhada tem imagens maravilhosas feitas aqui", revela.

1969

HERÓIS DE HISTÓRIAS DE NINAR

(ANA CLÁUDIA E 10 ANOS DA MORTE DE SAYÃO)

NOELLE OLIVEIRA

A brasiliense Ana Cláudia Nascimento Dias cresceu ouvindo histórias da construção da cidade. Muitas narradas pelo avô, Joffre Mozart Parada, que foi trazido para Brasília, em 1956, pela mãos do engenheiro Bernardo Sayão, um dos primeiros diretores da Novacap. "umas tantas se realizaram; outras viraram utopias", revela a menina nascida no ano de 1969, uma década depois do acidente que matou Bernardo Sayão, durante a construção da estrada Belém-Brasília. Foi seu avô, aliás, que abriu o caminho até o cemitério para que o corpo do amigo pudesse ser sepultado. Joffre ficou ainda como tutor dos filhos do pioneiro morto, ainda muito jovens na época.

Ana Cláudia cresceu embalada por promessas e sonhos da construção. Tempos depois, casada e morando no Canadá, ela enviou carta para a família, com frase que não saiu mais da cabeça: "Sou árvo-re do cerrado e a água que tem aqui não me nutre". Assim, selou a volta para Brasília, lugar onde se sente parte integrante da história. Afinal, Joffre Mozart Parada foi responsável pela demarcação de parte da área que hoje abriga a capital federal. Foi ele que demarcou, por exemplo, o Eixo Monumental e inaugurou a pedra fundamental na Ermida Dom Bosco. "Precisava me explicar, já que estávamos muito bem profissionalmente lá no Canadá e as pessoas não entenderiam por que eu estava retornando", argumenta a psicóloga.

Apaixonada por Brasília, Ana Cláudia divide o sentimento com o marido Samuel Dias Júnior, também nascido em 1969. O pai dele, Samuel Dias, foi quem projetou o autódromo da capital e o viaduto Ayrton Senna. O avô, Jankiel Gongkzarowska, veio para a construção de Brasília, em 1958, e trabalhou como fotógrafo registrando momentos da inauguração. Entre as fotos, está a da primeira missa celebrada em Brasília, onde em primeiro plano aparece, ainda menina, a mãe de Ana Cláudia. "Nossas vidas e

Ronald de Oliveira/CB/D.A Press



FILHA DE PIONEIRO, ANA CLÁUDIA CRESCU OUVINDO AS SAGAS DOS CANDANGOS: "SOU ÁRVORE DO CERRADO"

histórias se completam e são cheias de coincidências. Assim como nosso amor por Brasília", descreve Samuel.

Assim como Ana, Samuel comunga com as lembranças da morte de Bernardo Sayão. O tio dele, o topógrafo Jorge Dias, estava na Belém-Brasília, no dia da tragédia. Ele ajudou a colocar Sayão, ainda vivo, dentro do helicóptero que o resgatou. Samuel conta que o tio acreditava que Sayão morreu devido à demora no atendimento, o que não poderia ser muito diferente diante das condições da época.

Hoje, o casal tem dois filhos. Seguindo a tradição familiar, o mais velho, com 12 anos, chama-se Samuel. A caçula ganhou o primeiro nome da mãe, Ana Clara, menina de 8 anos. Ambos são brasilienses e vivem uma vida predominante em Brasília. "Minha família é toda daqui. Nas férias, meus filhos não viajam para visitar os tios, os primos, nem a avó, ou bisavó", explica Ana Cláudia.

É no período das férias que Samuel e Ana Cláudia mais gostam de Brasília. Eles aproveitam a cidade vazia para contemplá-la e fazer pequenas coisas que, nos dias comuns do ano, se tornam mais complicadas. "Sinto que a cidade é toda minha. É bom demais. Não quero praia, gosto do jeito de viver em Brasília", revela Samuel.

E MAIS:

Foi inaugurada a sede do governo local, o Palácio do Buriti. No mesmo ano, estavam em construção as obras da barragem de Santa Maria para armazenamento de água, o Hospital de Taguatinga e a ampliação do Hospital da L2. O Palácio do Itamaraty já estava quase concluído, bem como muitas das embaixadas na Avenida das Nações. Pela primeira vez, as festividades de aniversário da capital foram realizadas não apenas no Plano Piloto, mas também nas regiões administrativas. O Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal inaugurou o Museu da Imagem e do Som para preservar a memória de Brasília. Em ritmo intenso, quase 100 construtoras trabalhavam nas obras de consolidação da capital, que foi visitada pelos astronautas Neil Armstrong e Michael Collins, os primeiros homens a pisarem na Lua.

www.uniceub.br

Parabéns, Brasília.

Temos orgulho de fazer parte desta cidade
com tanto espaço para educação e cultura
e de ver o nome do nosso fundador
no maior desses espaços.

Se há uma coisa que enche o UniCEUB de orgulho é
fazer parte da história da nossa cidade. Há mais de 4
décadas, o UniCEUB educa cidadãos e forma profissionais
conscientes que amam nossa cidade. Não é por acaso
que o Complexo Cultural da República tem o nome do
nosso fundador, João Herculino, apaixonado por Brasília
e obstinado pela educação e pela cultura de qualidade.

Parabéns, Brasília, conte sempre com
o UniCEUB para elevar seu nome.

Parabéns, Brasília, conte sempre com
o UniCEUB para elevar seu nome.



UniCEUB
Centro Universitário de Brasília

Kleber Lima/CB/DA Press

1970



DESDE MENINO, IVAN BRINCA NOS ARREDORES DO MONUMENTO, PRESENTE DO EMPRESÁRIO JAPONÊS EIICHI YAMADA À CIDADE

IVAN E O RELÓGIO DE TAGUATINGA

(CAMINHO PARA SE ORIENTAR)

Quando algum forasteiro se perde em Taguatinga, o motorista de caminhão Ivan Ferreira Fontão sempre usa a Praça do Relógio como referência. Orienta as pessoas pelo espaço cravejado no coração da cidade. "Sempre que alguém quer ir ao Setor de Autopistas, por exemplo, falo: 'Vai até lá e depois vira pra tal lado'", conta. A relação é mais do que territorial. Ivan orgulha-se, por exemplo, de o local estar recuperado, sem incômodas lembranças de bancos quebrados, sujeira e falta de manutenção do monumento. "Agora, a praça tá mais bonita, organizada, do jeito que tem que ser", exalta.

Ivan nasceu em 11 de abril de 1970, mesmo ano em que o governador Hélio Prates da Silveira reconheceu oficialmente Taguatinga como cidade, e o Relógio foi inaugurado. Presente oferecido pelo japonês Eiichi Yamada (presidente da empresa Citizen Watch Co), o monumento de 17m de altura chama atenção de quem passa, estando sempre com os pontos acertados. A presença imponente acabou por batizar a praça, onde o motorista se divertia na época da juventude.

Uma dessas lembranças é a de ir comer cachorro-queente nas antigas barracquinhas que ficavam "nos fundos" da Praça do Relógio,

E MAIS...

Foram inaugurados a Catedral, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, e o Palácio do Itamaraty, com obras de renomados artistas plásticos, como Athos Bulcão e Di Cavalcanti. Também projetada por Niemeyer, a sede do Ministério das Relações Exteriores ficou pronta. A ditadura militar se acirrou e Brasília recebeu a Seleção Brasileira, que havia conquistado o tricampeonato na Copa do México. Ao todo, 100 mil pessoas foram ver de perto seus ídolos, acompanhando-os no trajeto que ia do aeroporto ao Palácio do Planalto.

passeio que era hábito dos fins de semana. Casado há 10 anos e pai de uma moça de 15, Ivan passou a vida na cidade, onde ainda mora. "Nasci no hospital onde agora fica o HPAP. Nasci e fui criado aqui".

Terceiro filho de José Rodrigues e Maria Ferreira Fontão, Ivan lembra que, durante a infância, um de seus programas favoritos era ir ao Cine Paranoá com a família e os amigos. O cinema, que já fechou,

ficava quase em frente à Praça do Relógio. Um dos longas-metragens que se recorda é *Alien*, do diretor Ridley Scott, em 1979. "Gosto muito desse filme, que me fez ver coisas do mesmo estilo", conta.

O casal Fontão construiu o lar em que vive até hoje no terreno comprado pelo pai, conhecido por seu Zé. Considerada atualmente a capital econômica do Distrito Federal, Taguatinga foi onde nasceram e foram criados os cinco filhos da família, quatro mulheres e um homem, Ivan. Registros do governo local indicam que as primeiras residências construídas na cidade ficavam ao lado de onde é a atual Praça do Relógio.

José Rodrigues Fontão chegou a Brasília em 1960, em busca de emprego e melhores condições de vida. Deixou a esposa, Maria Ferreira, Fontão, em São Benedito, no Ceará, onde ambos nasceram, prometendo trazê-la para o Planalto Central quando já tivesse condições de sustentar a família que pretendiam ter. Foram sete anos sem que pudessem se encontrar, mas nenhum deles desistiu dos planos que tinham. Em 1967, seu Zé ganhou um lote, que vendeu para comprar um terreno em Taguatinga. Só então ele trouxe a mulher para viver perto da capital federal.

1971

AMAURI E CELÂNDIA

(MENINO É ORGULHO DEVIDA)

Gustavo Moreno/CB/D.A. Press



UM DOS PRIMEIROS BEBÊS DE CELÂNDIA, AMAURI CRESCEU E FORMOU FAMÍLIA NA CIDADE QUE INSPIROU VITÓRIAS

E MAIS...

Em 1971, Brasília pôde ver de perto as obras do artista Glenio Bianchetti, considerado um dos pintores expressionistas figurativos de maior talento e originalidade surgidos no modernismo brasileiro. No mesmo ano, o país teve que aprender uma nova grafia com a reforma ortográfica que tirava algunsacentos diferenciais. A intenção do acordo ortográfico era aproximar um pouco mais a ortografia do Brasil e de Portugal. Em protesto contra a ditadura, o estilista Zuzu Angel criou uma coleção para denunciar a tortura no Brasil. O desfile que estampava anjos feridos, tanques de guerra e manchas de sangue em Nova York era para denunciar a morte do filho, Stuart Angel Jones, meses antes, na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro. Na Suíça, as mulheres ganharam voz ativa. Por meio de plebiscito feito apenas por homens, elas tiveram aprovado o direito de irem às urnas.

NAIRA TRINDADE

O vento soprava a poeira vermelha para dentro dos barracos de madeirite. Com persistência e um pano na mão, Francisca Coelho Pereira, grávida de cinco meses, vencia a sujeira ao tirar o pó dos móveis. Era março de 1971. Havia poucos dias que ela e o marido, o pastor evangélico Avelino Pereira, tinham ganhado novo endereço. Eles deixaram a Invasão do IAPI, no Núcleo Bandeirante, para se tornarem pioneiros na construção da nova e promissora cidade. Da Comissão de Erradicação de Invasões (CEI — sigla que deu nome a Ceilândia), surgia um lugar gostoso de se morar.

Do ventre de Francisca, nasceu o primogênito de Ceilândia, na manhã daquela quarta-feira, 7 de julho de 1971. O pequeno Amauri Coelho Pereira foi registrado dias depois no Cartório do 1º Ofício Registro Civil Pessoa Jurídica, no Venâncio 2000. Ceilândia ainda não tinha hospital, cartório, delegacias. Por isso, Francisca teve que correr à

maternidade do Hospital Distrital da L2 Sul — considerada naquele ano o maior berçário de Brasília, com média de 340 partos mensais. "Naquela época, a cidade não passava de grande mata loteada", conta a filha de Francisca, Ranete Coelho Pereira.

Amauri Coelho Pereira ficaria conhecido como o primeiro bebê a nascer entre os moradores de Ceilândia. "Meu pai era pastor da Igreja de Cristo de Ceilândia e, por isso, fomos umas das primeiras famílias a chegar", lembra. Assim como a cidade, o menino cresceu com dificuldades. Na infância, conciliava os estudos com a venda de salgadinhos e doces pela rua. De manhã, assistia à aula; de tarde, passava de casa em casa oferecendo os produtos da mãe. "Tinha coxinha, pastel, bolo e doce de coco. Vendia salgadinhos por muito tempo para ajudar nas contas de casa", conta ele.

Aos 15 anos, trocou a cesta de salgadinhos por uma caixa de engraxate. Ele e Ceilândia estavam crescendo. Aos 16 anos, a cidade já contava com 480 mil habitantes. E colhia frutos. Assim como Amauri, que

passara em três concursos públicos: Câmara Legislativa, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros. Ele escolheu proteger a população. Tornou-se policial militar. "Ceilândia se transformou. Até 10 anos atrás, deixou de ser meramente uma vila de camisas para ser independente economicamente. Fornecemos produtos de consumo e mão de obra. Vamos minimizar algumas condições subumanas. Esse é o nosso desafio", planeja o administrador regional, Leonardo Moraes.

Em 2005, como fruto do crescimento, o GDF transferiu o carnal para o Ceilambódromo. "A festa ficou mais próxima do povo", admite o administrador. Hoje, Ceilândia comemora 38 anos e, como seu primogênito, criou vários filhos. A cidade abraça 600 mil habitantes, grande parte vinda do Nordeste do país. Amauri está casado com Alessandra Alencar de Andrade Coelho, 32 anos, e tem quatro crianças: Lucas de Araújo Coelho, 14, Luiza de Araújo Coelho, 12, Maria Eduarda Andrade Coelho, 5, e João Miguel Andrade Coelho, 2, que juntos vão poder comemorar os próximos aniversários de Brasília e Ceilândia.

1972

CLAUDIOMAR E A CEASA

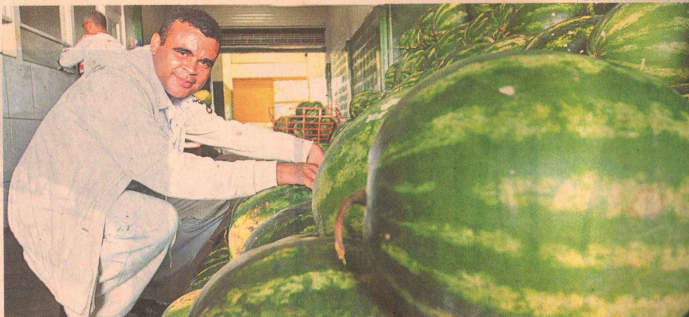
(CAMINHÃO CHEIO
DE AFETIVIDADES)

DA REDAÇÃO

São 7h da manhã. Enquanto a cidade acorda, a Central de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa) está lotada. Vendedores, clientes e carregadores se revezam no espaço entre os caixotes. Trombadas são naturais. Mas o dia começou muito antes para Claudiomar. Ele está de pé desde as 4h e já viajou 122 quilômetros. Tudo para chegar cedinho ao mercado e escolher boas frutas, legumes e verduras. Essa história se repete pelo menos duas vezes por semana.

Claudiomar Rodrigues Martins nasceu em 5 de fevereiro de 1972, no Hospital da Asa Sul, no mesmo ano em que Brasília inaugurou a Ceasa para organizar a comercialização de produtos hortigranjeiros em atacado na cidade. Ele é o terceiro dos cinco filhos de Osvaldo e Divina Rodrigues Martins, mineiros da cidade de Monte Carmelo. O casal se mudou para a cidade de Planaltina em 1971. A família viveu no Distrito Federal até 1976, quando São Bartolomeu, no estado de Goiás, tornou-se a nova casa dos Martins. Há 26 anos, quase toda a prole de seu Osvaldo e dona Divina vive em Cristalina, a duas horas de Brasília, onde Claudiomar é dono do próprio negócio. É para abastecer o Mercado Polo que ele pega a estrada todas as terças e quintas-feiras, sozinho.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



CLAUDIOMAR NA
CENTRAL DE
ABASTECIMENTO:
DUAS HORAS DE
VIAGEM, ÀS TERÇAS
E ÀS QUINTAS, PARA
ABASTECER O
MERCADO POLO, EM
CRISTALINA

governo



mudou para a cidade de Planaltina em 1971. A família viveu no Distrito Federal até 1976, quando São Bartolomeu, no estado de Goiás, tornou-se a nova casa dos Martins. Há 26 anos, quase toda a prole de seu Osvaldo e dona Divina vive em Cristalina, a duas horas de Brasília, onde Claudiomar é dono do próprio negócio. É para abastecer o Mercado Polo que ele pega a estrada todas as terças e quintas-feiras, sozinho.

“Faço compras aqui há mais ou menos um ano e meio. Não tenho nada do que reclamar da Ceasa”, explica. Antes de frequentar a central, ele fazia as compras em distribuidora de Cristalina, que trazia os produtos de Brasília. “Comecei a vir pessoalmente porque, mesmo com os custos da viagem, fica 30% mais barato. Vale a pena a distância”, diz.

Na época da inauguração, o mercado era chamado de Central de Abastecimento de Brasília, Cenabra. A construção começou em julho de 1972 e demorou cinco meses para ficar pronta. Foi aberta ao público em dezembro. O salão e os quatro galpões da estrutura foram projetados para alugar os comerciantes e servir para a compra e venda de produtos hortifrutigranjeiros, além de fortalecer esse segmento econômico no Distrito Federal. A Ceasa veio equipada com um frigorífico para 730 toneladas, com 18 câmaras de conservação e 4.400 m², o suficiente para abastecer a população do DF durante seis dias consecutivos.

Com a lista na mão, Claudiomar vai direto às barracas onde já é cliente cativo. Na primeira em que chega, é recebido com aperto de mão e chamado pelo nome. Olha o tomate, pega um, dois, aperta, dispensa. Olha outros caixotes e finalmente escolhe. É muito criterioso. “O tomate tem que ser durinho. A cenoura só pode ser a tipo mineira, senão mela”, ensina. Mas não sossega, anda de um lado ao outro o tempo inteiro. Chega a hora de negociar o preço. Questionado sobre os métodos de persuasão para conseguir um desconto, ele responde do jeito mais simples, achando graça: “Eu peço e eles dão. Só isso”. Parte das verduras já é levada para seu caminhão por um dos carrinhos onipresentes do mercado.

Depois da compra, ele segue para a pastelaria onde sempre toma o café da manhã: um pastel de carne e um suco. De estômago cheio e guiado pela lista, sempre a lista, ele caminha ligeiro até o outro lado da Ceasa para comprar frutas. Mais uma vez é recebido com atenção especial pelos funcionários da barraca. Para Claudiomar, essa é uma das qualidades da Ceasa. “As pessoas são educadas, tratam bem os outros”, elogia. Quando termina a feira, três horas depois de chegar, o caminhão está carregado com cerca de duas toneladas de alimento.

Mesmo morando fora de Brasília, ele gosta de trazer seus quatro filhos, Ana Cláudia, Gislane, João Vitor e Fernanda, e a mulher, Kátia Aparecida, para passear na capital. Os destinos preferidos das crianças são o Parque da Cidade e o Jardim Zoológico. Claudiomar diz que tem vontade de voltar a morar em Brasília. “Aqui tem mais opção de lazer, de estudo para os meninos.” Por enquanto, ele vai ficar em Cristalina. Expandir os negócios? “Não sou muito apegado ao dinheiro. Quero mais é o meu sossego”, filosofa.

E MAIS...

Em 1972, o governo do general Médici inaugurou o maior centro médico para militares em Brasília, o Hospital das Forças Armadas (HFA). O Brasil continuava sob regime ditatorial, ao mesmo tempo em que mostrava ao mundo seu mais novo ídolo do esporte: Emerson Fittipaldi. O piloto foi o primeiro brasileiro a vencer o Campeonato Mundial de Fórmula 1. Na Alemanha, ocorreu o Massacre de Munique, no qual a delegação israelita enviada aos Jogos Olímpicos sofreu um atentado de autoria do grupo terrorista Setembro Negro. Ao todo, 11 atletas foram assassinados.

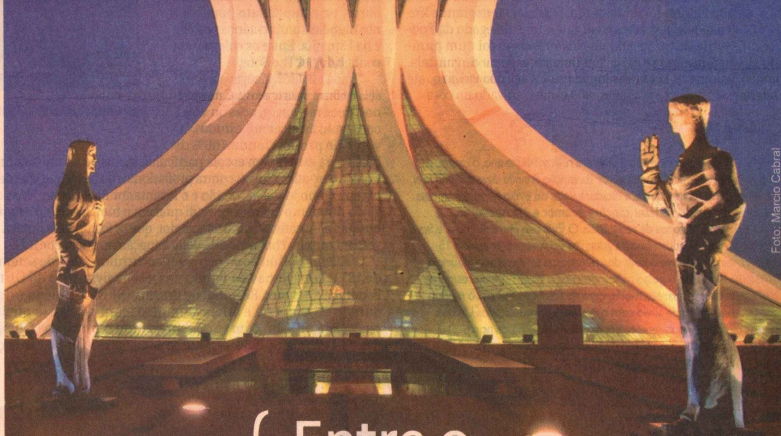


Foto: Mairão Cabral

Entre o
sonho
do profeta e a
coragem dos
brasileiros

www.paulooctavio.com.br

Brasília 49 Anos

Brasília nasceu de sonhos. Sonhos ancestrais. Primeiro foi Dom Bosco, que numa visão iluminada lançou a profecia. Depois veio Bonifácio de Andrada, que propôs a mudança da capital e deu-lhe o nome de Brasília. Em 1955, Juscelino Kubitschek aceitou o desafio, traçou as metas e começou a obra. Com ele, vieram Oscar Niemeyer para desenhar os edifícios e Lúcio Costa para planejar os espaços. Convidaram Bruno Giurgio, Ceschiatti e Athos para envolver com arte os monumentos. E o povo contente, arregaçou as mangas e transformou os sonhos em avenidas, jardins, superquadras, palácios, edifícios e apartamentos. A PauloOctavio herdou a história e planeja, todos os dias, os sonhos de bem morar dos brasilienses.

PauloOctavio®

Você Sonha. A Gente Constrói

1973

MARCOS PAULO E O NILSON NELSON

(LEMBRANÇAS DE UMA PARTIDA DE VÔLEI)

ROVÊNIA AMORIM

Brasília vivia os anos de chumbo da ditadura, e o vôlei ainda não era uma paixão nacional. Porém, em 21 de abril de 1973, as arquibancadas do centro desportivo estavam lotadas por 20 mil brasilienses. Ali, assistiam à rivalidade entre as seleções do Brasil e da Argentina, que marcou o aniversário de 13 anos da capital federal. Os brasileiros venceram por dois sets para a alegria do povo na histórica inauguração do imponente ginásio, em forma de disco voador, em pleno Eixo Monumental. Na época, era chamado de Presidente Médici.

O próprio general Emílio Garrastazu Médici, no comando do país, esteve presente para inaugurar o ginásio. Às 20h25 daquele sábado, ele chegou acompanhado da primeira-dama, dona Scyla. Houve a execução do Hino Nacional. Ao governador Hélio Prates coube o discurso: "Este ginásio, senhores e senhoras, será um dos polos de atração das alegrias da boa gente brasiliense".

Marcos Paulo Cardoso Coelho da Silva, 35 anos, nasceu no ano em que o Nilson Nelson foi inaugurado. O ginásio tem grande importância na vida dele. A primeira vez que o hoje delegado da Polícia Federal lembra de ter pisado no Nilson Nelson foi num mundial, em que a Itália era favorita. "Era boléiro, espécie de gandula. Estava ali para jogar as bolas aos jogadores da seleção italiana, até

então eles eram o suprassumo do voleibol", lembra.

Menino de família pobre, criado no Núcleo Bandeirante e estudante de escola pública, Marcos Paulo encontrou a sorte grande no vôlei. "Descobri a modalidade tendo o privilégio de assistir a um jogo televisionado, no qual pude perceber a garra com que atletas do quilate de Bernard, Montanaro e Renan defendiam a camisa da seleção brasileira", conta. O pequeno, que jogava pela da descalço no asfalto das ruas do Núcleo Bandeirante, apaixonou-se pelo voleibol. Começou a jogar aos 9 anos e destacou-se no brasiliense infantil, nos jogos estudiantis brasileiros, no campeonato paulista e nos mundiais universitários na Itália e na Espanha. Entre os colegas, era conhecido por The Bobs.

"Nada era fácil. Chegava a pegar seis ônibus para ir e voltar dos treinos", conta. Mas, graças ao vôlei, conseguiu avançar nos estudos. "O vôlei me proporcionou 100% de

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



NO GINÁSIO NILSON NELSON, MARCOS PAULO REÚNE MEMÓRIAS EMOTIVAS DA ÉPOCA DE BOLEIRO

E MAIS:

E MAIS:

Em 1973, o país vivia sob a ditadura militar. Neste ano, o cantor e compositor Geraldo Vandré, autor da canção *Pra não dizer que não fulei da flores*, hino da resistência à ditadura, volta do exílio e causa surpresa ao declarar que só vai fazer canções de amor e paz. Apesar do autoritarismo, há flores de resistência. O Exército entra em cena e faz uma terceira investida contra a guerrilha do Araguaia, matando 15 guerrilheiros, inclusive o líder dos rebeldes, o ex-deputado Maurício Gracioso. No Chile, o golpe militar derruba o governo, e o presidente Salvador Allende aparece morto com o tiro na boca. Porém, o mundo respira um pouco de alívio com o cessar-fogo dos Estados Unidos. Após oito anos no sangrento conflito com o Vietnã, os norte-americanos assinam o acordo de paz.

1974

LEONARDO E A FACULDADE DULCINA

(O RITO DE SUBIR NO PALCO)

MARIA FERNANDA SEIXAS

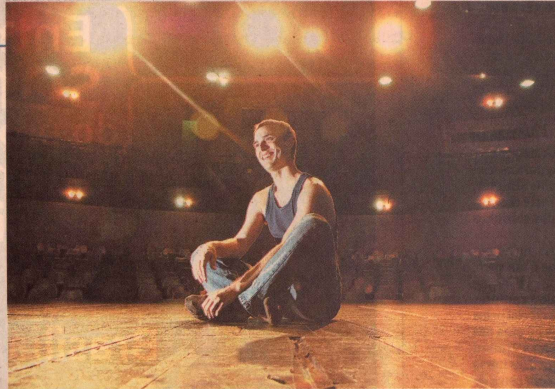
Nos sonhos da atriz e diretora Dulcina de Moraes, cabia a inauguração da sede da Fundação Brasileira de Teatro (FBT), em 10 de março de 1974. A data estava marcada na agenda do então presidente Emílio Garrastazu Médici. No entanto, entre idas e vindas, o projeto só foi concretizado em 21 de abril de 1980. Da decisão de transferir do Rio de Janeiro a instituição para Brasília, foram necessários 10 anos de negociação, prazos descumpridos, tempo perdido e jogo de cintura para erguer a obra e inaugurá-la com a peça *Gota d'água*, de Chico Buarque. A estreia foi um sucesso e Dulcina chegou a afirmar que aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Naquele ano de 1974, nascia Leonardo Villas Braga, menino que teria a vida intimamente ligada ao projeto de Dulcina de Moraes, que

nos". conta. Mas, graças ao vôlei, conseguiu avançar nos estudos. "O vôlei me proporcionou 100% de bolsa para estudar em escola particular, inclusive na universidade", explica o ex-atleta. Jogou contra profissionais de peso, que já se destacavam, como Marcelo Negroão e o levantador Ricardinho. "Mas chegou o momento em que entendi qual era o meu limite no esporte e busquei alternativas", diz o ex-jogador, que se formou em direito. "Investi na carreira com a mesma determinação do atleta que fui."

O Nilson Nelson começou a ser construído em 8 de setembro de 1971, com verbas do Fundo de Desenvolvimento do Distrito Federal e do Banco Regional de Brasília (BRB). O projeto é do arquiteto modernista e atleta-olímpico Icaro de Castro Mello — recordista de salto com vara, representou o Brasil nas Olimpíadas de Berlim em 1936 —, que se especializou em construções

Daniel Ferreira/CB/D.A. Press



LEONARDO SOBE COM ORGULHO O LOCAL SAGRADO CONSTRUÍDO PELA ATRIZ DULCINA DE MORAES

lutava para ser erguido. Em 2008, quando pisou pela primeira vez na Fundação Brasileira de Teatro, ele viveu uma das mais fortes experiências: a de lecionar. Cineasta, ator, roteirista e professor de artes (ou tradutor cultural, como prefere ser chamado), buscou entender o sentido de ser artista, sentimento comungado com a grande atriz. "Aprender teatro, hoje, é aprender não só uma nova língua, mas nova forma de pensar a vida. A grande dificuldade é que comumente se utilizam categorias mentais do universo cotidiano para tentar entender o universo cênico, e isso traz grandes erros", afirma.

A trajetória de Leonardo no teatro foi oposta à de Dulcina. Enquanto a atriz pertencia à sétima geração de uma família de artistas e já atuava muito antes de aprender a andar ou falar (ainda bebê, fez o papel de uma boneca numa peça teatral encenada pela mãe, Conchita de Moraes), Leonardo pouco se relacionou com o tema na infância e na adolescência. Timido, gostava de desbravar a cidade em sua bicicleta, ouvir música clássica e brincar com os amigos da rua e da escola. Cresceu na casa dos pais, no Lago Norte, e, como uma boa parte dos jovens de Brasília, viveu período de turbulência com a capital. "Não entendia a dinâmica individualista da cidade na época e não me identificava com a galera da minha idade. Apesar de sempre amar Brasília,

esportivas. São dele também o Estádio Mané Garrincha e o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, além dos grandes ginásios esportivos de Recife, Fortaleza e Teresina.

O ginásio passou a ser chamado de Nilson Nelson em 1987, homenagem ao cronista esportivo gaúcho, que morou vários anos em Brasília e morreu naquele ano. Por um bom tempo, o espaço ficou no ostracismo após 1º de janeiro de 1991, quando o teto desabou com temporal. Em 2008, após passar por reforma, o Nilson Nelson sediou a Copa do Mundo de Futsal da Federação Internacional de Futebol (Fifa). Para o conforto do público, as arquibancadas de todo o anel superior ganharam cadeiras. Porém, a capacidade de público, de 20 mil torcedores, caiu para 11.771 pessoas.

E MAIS:

O ano de 1974 foi agitado na vida política mundial. Em Portugal, a ditadura, que vigorava desde 1926, foi deposta em 25 de abril, com a Revolução dos Cravos. Em agosto, nos Estados Unidos, o polêmico caso Watergate teve o desfecho com a renúncia do presidente republicano Richard Nixon, que finalmente cedeu à pressão com a confirmação das denúncias de espionagem encomendadas por ele contra o Partido Democrata. No Brasil, foi inaugurada a primeira linha de metrô do país, na cidade de São Paulo, ligando os bairros de Jabaquara e Vila Mariana. O ano também ficou marcado pelo incêndio do edifício Joelia, uma das maiores tragédias da história de São Paulo, que registrou mais de 170 mortes.

muitos aspectos me incomodavam", confessa.

Aos 17 anos, Leonardo se mudou para o Canadá e, lá, fez o primeiro contato com os palcos. "Sentia que precisava me expressar e fui me transformando com a atuação", lembra. Ao voltar ao Brasil, o rapaz foi tentar a vida em São Paulo. Atuou em peças, foi oficinaireiro de teatro, escreveu roteiros e dirigiu curtas-metragens. Sete anos depois, retornou à capital federal. "Um dia percebi que voltaria para cá. Sempre critiquei a dependência do brasileiro de um referencial externo, mas sabia que, ficando em São Paulo, reforçava esse pensamento", conta.

Quando entrou como professor no espaço físico da Fundação Brasileira de Teatro, observou que ali se destaca a riqueza humana e histórica. "O lugar mexe com a gente. O cheiro de bolor denuncia o suor impregnado em toda a parte, que faz com que as paredes pulem a arte. É uma atmosfera intrigante." A admiração pela atriz cresceu durante a experiência como professor. "Por vezes, parei para observar o rosto enigmático dela, estampado bem na entrada da faculdade. Parece que nos desafia. E juntamente esse lampejo que me fez abraçar a causa da curiosidade, para além das definições que cristalizam as técnicas teatrais", analisa.

1975

FÁBIO E O CONJUNTO NACIONAL

(ROTINA DE
TRABALHO E LAZER)

MARIA FERNANDA SEIXAS

Fábio Alves da Silva tinha 15 anos quando viu um sapato bonito numa propaganda da televisão. Alguns dias depois, o pai deu-lhe um dinheiro e indicou o ônibus que deveria pegar. Assim que chegasse ao ponto final — a Rodoviária do Plano Piloto —, deveria subir as escadas rolantes em direção ao Conjunto Nacional de Brasília (CNB). No shopping mais antigo de Brasília, deveria procurar o sapato numa loja que ficava num corredor com gaiotas penduradas no teto. Aquela foi a primeira vez que o brasiliense, criado no campo, pisava em um shopping center.

Justo ali, 20 anos mais tarde, ele trabalharia numa grande loja de eletrodomésticos e móveis, inaugurada na segunda e mais importante etapa de construção do CNB, em 1975. Coincidentemente, o ano de seu nascimento. A festa de entrega da obra foi cheia de pompa. A loja levou a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, campeã do carnaval do Rio de Janeiro de 1975, para a inauguração do shopping. O governador Elmo Serejo cortou a fita simbólica e uma multidão de 30 mil pessoas aproveitou o sambão.

Criado em um pacato núcleo rural de Planaltina, Fábio diz que o trabalho no centro de Brasília é um desafio diário. "Aprendi a lidar com a minha timidez e com a vida agitada daqui para poder trabalhar com públicos diferentes, pobres e ricos", comenta. Exatamente por essa resistência ao caos urbano, Fábio optou por continuar morando em Planaltina para manter um padrão de vida mais tranquilo.

Da rotina rural, ainda mantém o ritmo de acordar antes de o sol nascer. Às 5h30, todos os dias, ele já está de pé. Leva a mãe para o trabalho, volta para casa, prepara o café da manhã e acorda a mulher e o filho de 7 anos. Às 7h50 vai para a parada e segue de ônibus até o trabalho. Só volta para casa às 20h30. E nos fins de semana em que está de folga, ele não consegue fugir da rotina. Leva a mulher e o filho para passear no CNB. "Deve ser meu destino mesmo", brinca.

Daniel Ferreira/CBDA Press



FÁBIO PISOU A PRIMEIRA VEZ NO CONJUNTO NACIONAL AOS 15 ANOS PARA COMPRAR UM SAPATO: HOJE TRABALHA NO SHOPPING

E MAIS...

Em 1975, Lula foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Os estados do Rio de Janeiro e da Guanabara se fundiram, e começou a vacinação contra meningite. O Brasil reconheceu a independência de Angola e Moçambique e, em novembro, foi criado o Programa Nacional do Alcool (Proálcool). Nos esportes, João do Pulo bate recorde mundial no salto triplo, durante o Pan-Americano, e Pelé assina contrato com o Cosmos de Nova York. Morre o jornalista Vladimir Herzog no DOI-Codi, em São Paulo.

49 anos de história e 9 de conforto

**Melhor do que só visitar os monumentos de Brasília, é passar sua estadia em um deles.
O Brasília Alvorada Hotel parabeniza a capital de todos os brasileiros por mais um ano
de sonhos e grandes realizações.**



Brasília Alvorada

HOTEL

braços abertos para você



1976

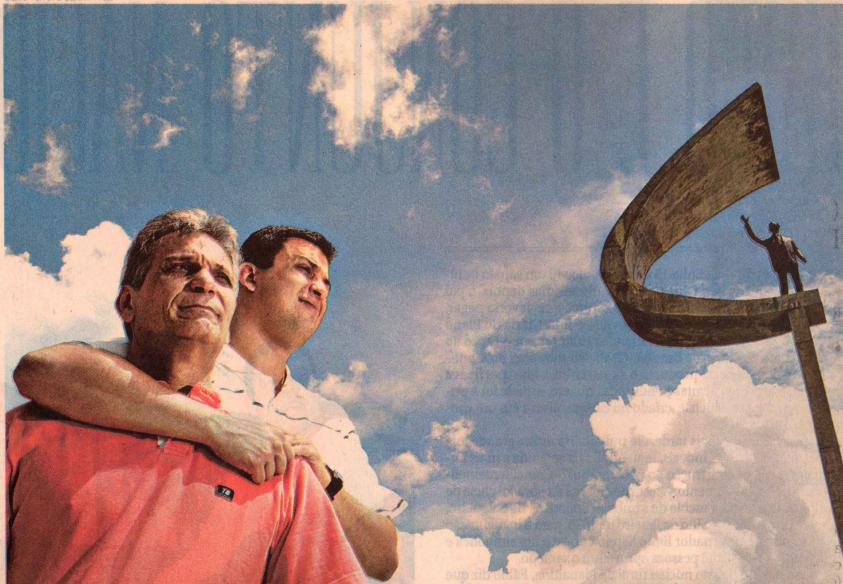
RODRIGO DÁ ALEGRIAS NO LUTO

(O DESENCONTRO DE
DUAS GERAÇÕES)

MARIA FERNANDA SEIXAS

Quando Edmilson Fontenele, então com 27 anos, ligou o rádio para ouvir o noticiário, na noite de 22 de agosto de 1976, não acreditou no que escutara: um acidente na Rodovia Presidente Dutra, que liga os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, vitimara o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Edmilson ficou atônito. Achou que se tratava de uma manobra do regime militar que dominava o país. Sua mulher, na época grávida de sete meses do primeiro filho do casal, assim como os parentes, vizinhos e amigos, tiveram a mesma sensação de incredulidade. "Ninguém queria acreditar. Não conseguimos nem comentar uns com os outros sobre o fato. A cidade ficou silenciosa e triste naquela noite", relata. Na manhã do dia seguinte, a imprensa anunciava, em letras gar-

Daniel Ferreira/CB/DA Press



RODRIGO, ABRAÇADO AO PAI, EDMILSON, TRANSFORMOU A TRISTEZA EM FELICIDADE NO DIA EM QUE JK ERA ENTERRADO EM BRASÍLIA

E MAIS...

Em 6 de fevereiro de 1976, o então presidente Ernesto Geisel e o governador do Distrito Federal, Elmo Serejo, inauguraram o viaduto de ligação norte-sul, no Plano Piloto. Ambos anunciaram também nesse ano a construção do Guarã II. Em junho, o Cine Brasília foi reaberto, e o governo anunciou a reformulação do projeto do Espaço Cultural e criação do Centro de Convenções de Brasília. Em outubro Geisel inaugurou o Clube do Servidor Público, na L4 Norte. Em agosto, ocorreu um atentado contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro, onde uma bomba explodiu. Já na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também no Rio, foi encontrada uma bomba com o pavio apagado. As duas ações terroristas foram assumidas pela Aliança Anticomunista Brasileira. No mesmo ano, o general Jorge Rafael Videla comandou o golpe militar que derrubou a presidente argentina, Isabel Perón. O Saara Ocidental e as ilhas Seychelles

parto dois meses antes do esperado. Ele abandonou o cortejo e foi acompanhar o nascimento do filho Rodrigo Borges no Hospital de Base. "Foi a compensação. Num momento tão triste para a história da cidade, um fato tão bonito aconteceu na minha vida", lembra.

Rodrigo, hoje com 32 anos, casado e formado em análise de sistemas, afirma que crescer na capital é um privilégio. Para ele, os brasilienses nascidos na década de 1970 viveram "a melhor infância" de todos. "A cidade tinha aquela cultura de que os jovens das quadras tornavam-se amigos. Bastava morar na mesma quadra ou no mesmo bloco para andar junto. Era uma galera imensa e unida, até hoje", relata. Em 1989, o jovem chegou a se mudar para Fortaleza com a mãe, mas voltou

Dutra, que liga os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, vitimara o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Edimilson ficou atônito. Achou que se tratava de uma manobra do regime militar que dominava o país. Sua mulher, na época grávida de sete meses do primeiro filho do casal, assim como os parentes, vizinhos e amigos, tiveram a mesma sensação de incredulidade. "Ninguém queria acreditar. Não conseguimos nem comentar uns com os outros sobre o fato. A cidade ficou silenciosa e triste naquela noite", relata.

Na manhã do dia seguinte, a imprensa anunciava, em letras garrafais, a morte do presidente que representou anos de crescimento para o país. O impacto desse desaparecimento foi tão grande que dobrou até a rigidez da ditadura: a morte de JK foi o primeiro luto decretado em honra a um adversário do regime militar.

O cortejo fúnebre começou na manhã do dia seguinte ao acidente, no Edifício Manchete, no Rio de Janeiro. Naquela tarde, o corpo do ex-presidente foi trazido a Brasília e a comoção popular tornou proporções jamais vistas, até então, na capital. Mais de 30 mil pessoas se amontoaram do lado de fora da Catedral, durante a missa de corpo presente. "Era gente demais. Muitos achando que a morte dele havia sido envenenada. Havia muita revolta", descreve Edimilson, que acompanhou o funeral.

Após o ato religioso, o cortejo seguiu pela W3 Sul até o cemitério

do Cine Brasília e reaberto, e o governo anunciou a reformulação do projeto do Espaço Cultural e criação do Centro de Convenções de Brasília. Em outubro Geisel inaugurou o Clube do Servidor Público, na L4 Norte. Em agosto, ocorreu um atentado contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro, onde uma bomba explodiu. Já na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também no Rio, foi encontrada uma bomba com o pavio apagado. As duas ações terroristas foram assumidas pela Aliança Anticomunista Brasileira. No mesmo ano, o general Jorge Rafael Videla comandou o golpe militar que derrubou a presidente argentina, Isabel Perón. O Saara Ocidental e as Ilhas Seychelles conquistaram a independência, e a primeira-ministra indiana Indira Gandhi recebeu plenos poderes políticos. Em 1976 morreram o pintor brasileiro Di Cavalcanti, o ex-presidente João Goulart, o humorista Manoel da Nobrega, o líder revolucionário chinês Mao Tsé-Tung e a estilista Zuzu Angel.

Campo da Esperança. Em coro, o povo gritava o nome do fundador de Brasília: "JK, JK, JK", e "O povo leva! O povo leva!". A canção *Peixe Vivo* — a preferida de JK — também foi lembrada pela multidão no momento do sepultamento, às 23h35.

No meio do tumulto, Edimilson foi surpreendido por outra notícia inesperada, que transformaria o dia de luto em um dos mais felizes da sua vida: a mulher Rosângela Simões entrara em trabalho de

amor do filho pela capital. "Quase não vim morar aqui. Quando minha família estava de mudança, do Rio, meu pai morreu em um avião que vinha para cá e caiu na Baía de Guanabara, em 23 de junho de 1960. Pensamos em desistir, mas a vontade de continuar o sonho do meu pai foi maior", relata. "Sou grato por isso. Não teria sido as mesmas oportunidades de vida em outra cidade", finaliza Rodrigo.

O pai, Edimilson, hoje com 60 anos, orgulha-se do amor do filho pela capital. "Quase não vim morar aqui. Quando minha família estava de mudança, do Rio, meu pai morreu em um avião que vinha para cá e caiu na Baía de Guanabara, em 23 de junho de 1960. Pensamos em desistir, mas a vontade de continuar o sonho do meu pai foi maior", relata. "Sou grato por isso. Não teria sido as mesmas oportunidades de vida em outra cidade", finaliza Rodrigo.

1977

DUDU MAIA E O CLUBE DO CHORO

(TRANSIÇÃO MUSICAL PARA O SUCESSO)

LÚCIO FLÁVIO

Aos 21 anos, Dudu Maia era um fã ardoroso de heavy metal. Predefinição que o levaria a aprender tocar guitarra, e do instrumento, com os colegas da quadra, costumava tirar sons de bandas como Metallica e Def Leppard. Um dia foi convidado para participar de uma festa na casa de amigos. Avisado que o encontro seria pontuado por roda de choro, fez cara feia. Mas, lá, encontraria uma turma da pesada formada por nomes como Alencar 7 Cordas, o compositor Clésio Ferreira, Nivaldo do Acordeon, além do mítico Cunca e um jovem com mãos de capeta que botava fogo num instrumento, que Maia tinha pouco ou quase nenhum contato: o bandolim. Quem comandava o pedaço era ninguém menos do que Hamilton de Holanda, então com 22 anos.

"Foi muito bacana, era a primeira vez que via o Hamilton, aquele cara novinho, quase da minha idade, mandando ver no bandolim", lembra Dudu. "Na época, era um professor de inglês e com o salário daquele mês comprei um bandolim. Aprendi a tocar com o próprio Hamilton." Hoje, 11 anos depois, Dudu Maia é uma cria da cidade, com seu talento de bandolinista reconhecido e respeitado no Brasil e no exterior, onde participa, todos os anos, de simpósios e palestras sobre o instrumento e o ritmo consagrado por nomes como Chiquinha Gonzaga, Jacob do Bandolim e, claro, Pixinguinha.

Muito desse prestígio é devotado não apenas a mestres como Hamilton de Holanda, mas a uma instituição que viraria sinônimo de

Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



DUDU MAIA TROCOU O RITMO DO HEAVY METAL E SE TORNOU, COM O BANDOLIM, UMA REFERÊNCIA ATÉ NO EXTERIOR

música de qualidade no Distrito Federal e no mundo: o Clube do Choro. Oficialmente fundado em 1977, no mesmo ano que Maia nasceu, o espaço concentra um celeiro de instrumentistas do país. "Praticamente vi o Clube crescer. Toda semana ia lá para ver os grandes mestres tocar", recorda Maia. "Mas na época, o lugar era muito diferente do que é hoje. Parecia mais um 'barzão', com luzes acesas, gente conversando alto, em pé, era uma confusão", compara.

A transformação definitiva do ambiente tal qualco conhecemos hoje, ou seja, com um importante polo de música e organizada casa de show, se daria em 1993, pelas mãos e sonhos de Henrique Lima Filho, mais conhecido como Reco do Bandolim. A guinada seria motivada por nota desafiada, uma ação de despejo contra a sede. "O Clube do Choro nasceu de uma história bonita, a semente seria plantada por pessoas que abandonaram o Rio de Janeiro, naqueles anos dourados, em busca de oportunidades neste fim de mundo que era o cerrado na época", relembra Reco, há 14 anos à frente da instituição.

CLUBE DO CHORO

SDC, Bl. G, Eixo Monumental, Conjunto: 3224-0599. Bilheteria aberta segundas e terças-feiras, das 13h30 às 20h30. Quartas e sextas-feiras, das 13h30 às 22h30. Sábados, das 19 às 22h30.

E MAIS...

O ano de 1977 foi marcado por uma tragédia: no Zoológico da cidade, o oficial da Aeronáutica, Silvio Hølembach, se transformou em herói nacional depois de pular no poço das ariranhas para socorrer Adilson Florêncio da Costa, na época com 13 anos. O ano também foi marcado pelo crescimento da população da cidade, que chegou a 1 milhão de pessoas. Na África do Sul, o ativista Steve Biko foi capturado pela polícia do seu país, sendo assassinado seis dias depois. Em São Paulo, os Corinthianos quebrou um jejum de 23 anos, tornando-se o novo campeão paulista em cima do rival Ponte Preta. No Recife, Enéias Freire, cria o bloco Galo da Madrugada, até hoje, uma das atrações no carnaval da capital pernambucana.

O processo de recuperação ganharia forma com a convocação geral de todos os "chorões" da cidade. Não demorou muito para o espaço ser tomado por quatro grupos de choro que, por meio de apresentações semanais, revitalizariam a programação da casa com apresentações memoráveis.

Foi mais ou menos nesse período que o Dudu Maia começou a frequentar o lugar em busca de referências para enriquecer o seu repertório. "Era só lá, no Clube, que eu conseguia ouvir os choros que conhecia apenas de partituras", revela Maia, que foi por quatro anos um dos professores da Escola Brasileira de Choro Raphael Rabello (em homenagem ao músico morto precocemente), a primeira do gênero no país, criada em 1997 por Reco do Bandolim.

Para Dudu Maia, a escola — hoje com 400 matrículas — representa uma espécie de filtro socio-cultural para grande parte dessas crianças. Agora, tanto Reco quanto Maia esperam pela viabilização do Espaço Cultural do Choro, um complexo moderno com salas, auditório e um museu projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

1978

JOSÉ LUIZ E O PACOTÃO

(A IRREVERENTE INFÂNCIA DO FILHO DO FUNDADOR
DO TRADICIONAL BLOCO CARNAVALESCO)

MARIA FERNANDA SEIXAS

Por um bloco sem bandeira ou fingimento, que balance ou bagunce o desfile e o julgamento. Por um bloco que aumente o movimento, que sacuda e arrebeite o cordão de isolamento". O samba-enredo *Plataforma*, de Aldir Blanc e João Bosco, inspirou um grupo de foliões a trazer para a capital um carnaval irreverente, contestador e completamente desorganizado.

Em fevereiro de 1978, o Pacotão fez sua estreia nas ruas de Brasília. E já que a festa era na capital política do país, o tema não poderia fugir desse contexto. "Eram uns 100 gatos pingados por lá naquele ano. Todo mundo reunido no Chorão (extinto bar da Asa Norte). Em clima de medo e censura da ditadura, a opção era aproveitar para debochar do poder com irreverência musical, faixas, fantasias improvisadas, integrantes fictícios (como o presidente Charles Preto) e muita animação", resume Paulo Roberto Miranda, 54 anos, jornalista e compositor do Pacotão — nome que surgiu, por sinal, como deboche ao pacote de abril de 1977, que fechou o Congresso Nacional e outorgou leis que fortaleciam o regime militar.

Paulo Roberto conta que o clima de protesto estava presente em todas as ações dos integrantes do Pacotão. Vide uma das primeiras marchinhas composta por eles, intitulada *Aiatolá*. "Geisel você nos atolou, o Figueiredo também vai nos atolar, aí Aiatolá, aí Aiatolá venha nos salvar, esse governo já ficou gagá". Segundo Paulo, as músicas sempre foram boicotadas. "Fomos mais censurados que Gilberto Gil e Caetano Veloso juntos", reclama.

Mas se Paulo é chegado a uma polêmica e usa o carnaval como uma catarse para desopilar a insatisfação com o cenário

político, o filho José Luiz, nascido no mesmo ano em que surgiu o Pacotão, encara o carnaval com mais descontração. "Cresci acompanhando meu pai compondo marchinhas e organizando a festa. Pulei no Pacotão muitas vezes com ele quando moleque e, depois, com meus amigos. Lembro uma vez que meu pai saiu fantasiado de Fidel Castro e todos os meus amigos comentaram. Era uma farra", relata José Luiz.

O clima desordeiro típico do Pacotão esteve muito presente durante toda a infância do menino — que fez inúmeras travessuras, como pular da janela do primeiro andar do prédio e desbravar as galerias do esgoto do Plano Piloto. "Brasília permite que as crianças vivam uma infância muito mais cheia de possibilidades e liberdade do que outras capitais do país", analisa ele.

E MAIS...

Em 1978, foi inaugurado o Parque da Cidade de Brasília, a partir do projetos de Oscar Niemeyer e de Burle Marx. Em dezembro, Geisel enviou uma emenda ao Congresso Nacional pelo fim do Ato Institucional 5 e Figueiredo foi escolhido presidente da República pelo colégio eleitoral. No Brasil, em maio, 2,5 mil metalúrgicos iniciaram a primeira greve de trabalhadores do país após o AI-5. No mundo, destaque para a Itália, que legalizou o aborto, e a Argentina, que venceu a Copa do Mundo em casa. Naquele ano também nascia o primeiro bebê de proveta, em Londres, e, em Roma, morria o papa João Paulo I.

Ronaldo de Oliveira/CB/DA Press



JOSÉ LUIZ E O PAI PAULO MIRANDA. CRESCENDO AO SOM DE MARCHINHAS

Brasília elege seu primeiro governador.

Cidade é tombada pela Unesco.

População do Distrito Federal supera os 2 milhões.

Catedral de Brasília.

Ponte Juscelino Kubitschek.

Universidade de Brasília.

Conjunto Cultural da República.

Brasília é inaugurada.

A capital do Brasil completa mais
um aniversário sendo admirada
por todo mundo.

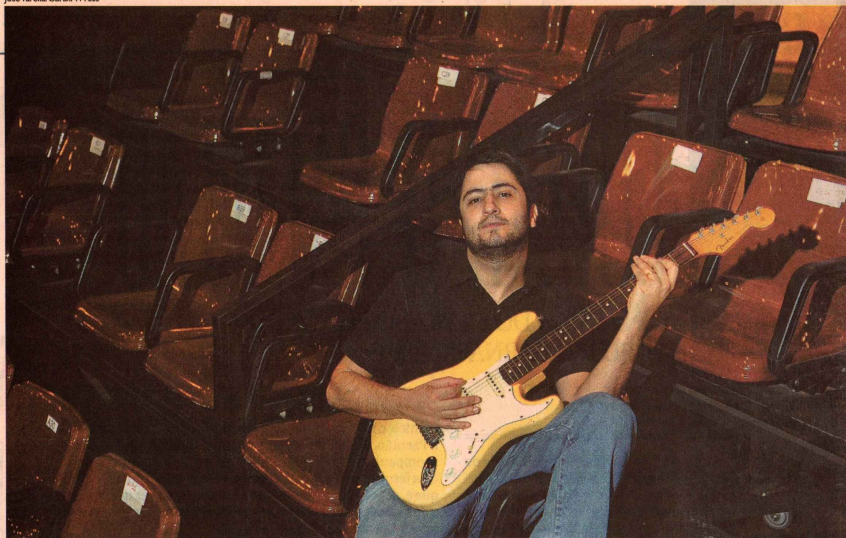


Uma homenagem da Chevrolet aos 49 anos de Brasília.

REDE CHEVROLET



José Varella/CB/D.A. Press



PROFESSOR DE HISTÓRIA, RAFAEL FARRET ACOMPANHOU O DESENVOLVIMENTO DE UMA DAS REFERÊNCIAS DA CULTURA MUSICAL BRASILIENSE, O TEATRO GARAGEM

1979

RAFAEL NO EMBALO DO ROCK

(CULTURA NO LUGAR DE VEÍCULOS)

JOÃO CAMPOS

Em 5 de julho de 1979 a apresentação do espetáculo *A Capital da Esperança*, do extinto Grupo Carroça, marcou a inauguração do Teatro Sesc Garagem, na 913 Sul. Em novembro daquele mesmo ano, nascia o historiador e músico brasiliense Rafael Farret, hoje com 29 anos. Na década de 1980, enquanto o garoto crescia na Superquadra 308 da Asa Sul, o espaço cultural se consolidava como um dos mais democráticos da cidade nas artes cênicas, dança e música. Mal sabia Rafael que, em um futuro não muito distante, o Garagem teria um papel fundamental também na sua vida. Vocalista da banda Bois de Gerião e admirador assumido de Brasília, o rapaz passou boa parte dos anos 1990 no teatro, entre shows de rock, paqueras, lançamentos de CDs e chuvas de suor.

Chuvas de suor? Isso mesmo. No início da década passada, o Garagem era a casa e a cara do rock brasiliense. Abrigava shows de bandas que vieram a ficar famosas tempos depois, como Raimundos, Maskavo Roots e Little Quail, mas que, à época, não passavam — literalmen-

E MAIS...

Em 1979 a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro fez o seu concerto de estreia. Naquele ano, Brasília sediou pela primeira vez o concurso Miss Brasil, realizado pelos Diários Associados, no Ginásio Presidente Médici (atual Nilson Nelson). Empossado na Presidência da República, o general João Baptista Figueiredo sanciona a Lei da Anistia. Com o desembarque do secretário geral do Partido Comunista Brasileiro em território nacional, Luiz Carlos Prestes, cerca de 10 mil pessoas festejaram nas ruas a anistia no país. No esporte, é criada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e o Flamengo conquista o tricampeonato carioca. O período também marcou a ascensão de mulheres ao poder, como a primeira ministra Margaret Thatcher, na Inglaterra, e a chefe de governo portuguesa, Maria de Lurdes Pintasilgo. A Sony revolucionou o mercado eletrônico com o lançamento do *Walkman*. Em 1979 começou e terminou a guerra entre China e Vietnã e a URSS invadiu o Afeganistão. Entre as personalidades que morreram naquele ano estão os atores Procópio Ferreira e John Wayne e o cineasta francês Jean Renoir.

Rafael — se reunia. A Feira de Música e o Jogo de Cena eram os eventos mais badalados entre a juventude roqueira, pois abriam as portas para a cena artística alternativa. "Era um ambiente bacana, democrático e sem burocracia."

Otra lembrança viva ocorreu no lançamento do primeiro CD (Bois de Gerião), em 2002. "O Garagem tinha passado por uma reforma que tirou a cara de 'o espaço do rock'. Mas fizemos questão de lançar lá. Foi lindo", afirmou.

A obra a que Rafael se refere, feita em 1999, deixou as portas do teatro fechadas por dois anos. Quando reabriu, em 2001, o espaço havia sido remodelado pelo projeto do arquiteto Robson Gonçalves, da equipe de Oscar Niemeyer.

História

A reforma foi a segunda na história do Garagem. A primeira, em 1986, inaugurou camarins, mesa de som e ar-condicionado. Aquela época, Cássia Eller, Legião Urbana e a companhia de comédia Os Melhores do Mundo figuravam entre os ilustres desconhecidos que agitavam a noite de Brasília no teatro.

O nome do espaço veio pelo fato de ter sido planejado para servir de garagem para carros da diretoria do Sesc da 913 Sul. Mas, por ter a rampa muito íngreme, a vocação de garagem logo foi descartada. Já em 1977, o salão passou servir de local de ensaio para o diretor Humberto Pedranci, dos brasilienses do Grupo Carroça. E aí, firmada a parceria com o extinto Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), ligado ao Ministério da Educação e Cultura, a eflervescência no espaço nunca mais parou.

Hoje, 29 anos depois da inauguração do Garagem e do nascimento de Rafael, o enredo é outro. A dupla amadureceu junta. Casado, o músico divide o tempo entre as aulas de história, a família e a banda. O teatro

mo um dos mais democráticos da cidade nas artes cênicas, dança e música. Mal sabia Rafael que, em um futuro não muito distante, o Garagem teria um papel fundamental também na sua vida. Vocalista da banda Bois de Gerião e admirador assumido de Brasília, o rapaz passou boa parte dos anos 1990 no teatro, entre shows de rock, paqueras, lançamentos de CDs e chuvas de suor.

Chuvas de suor? Isso mesmo. No início da década passada, o Garagem era a casa e a cara do rock brasileiro. Abriam shows de bandas que vieram a ficar famosas tempos depois, como Raimundos, Maskavo Roots e Little Quail, mas que, à época, não passavam — literalmente — de bandas de garagem.

As festas abarrotavam o lugar. E ao som distorcido de guitarras o público delirava. Farret lembra que, por ser um subsolo sem ventilação, a transpiração do público condensava no teto e formava gotas. “De repente começava a pingar. E era meio esquisito, pois o gosto era salgado, mas fazia parte. Foi um tempo em que a cidade valorizava mais as bandas daqui”, contou.

Nas festas do Garagem, a turma — Tell, Vicent, Gabriel, Sue e

com o lançamento do Walkman. Em 1979 começou a terminou a guerra entre China e Vietnã e a URSS invadiu o Afeganistão. Entre as personalidades que morreram naquele ano estão os atores Procópio Ferreira e John Wayne e o cineasta francês Jean Renoir.

Rafael — se reunia. A Feira de Música e o Jogo de Cena eram os eventos mais badalados entre a juventude roqueira, pois abriam as portas para a cena artística alternativa. “Era um ambiente bacana, democrático e sem burocracia.”

Logo veio a vontade de tocar. E, em 1994, surgiu o Bois — nome inspirado em um dos trabalhos de Hércules, da mitologia grega. Em 1996, ocorreu o primeiro show da banda no Garagem, organizado pelos próprios componentes. De lá para cá, Farret não se lembra ao certo, mas devem ter sido umas 15 apresentações no lugar.

O hoje professor de história não hesita ao falar sobre os momentos que marcaram a trajetória da banda e do Garagem. Um deles foi a abertura para o show do Little Quail & the Mad Birds, em 1998. “Foi a glória”.

1980

A HISTÓRIA DE RAQUEL COM O SARAH

(UMA ÍNTIMA RELAÇÃO DE SAÚDE)

JOÃO CAMPOS

Brasília tinha apenas 20 anos quando a Rede Sarah inaugurou o primeiro centro de reabilitação do grupo. O ano era 1980 e, em maio, numa maternidade da Asa Sul, nascia um bela menina, Raquel. Moradora de Taguatinga, ela tinha só um ano e meio quando precisou de atendimento no hospital recém-inaugurado na cidade. Tinha os pés tortos, que poderiam lhe comprometer o andar, com sequelas para toda vida. Ali,

na primeira consulta, começaria uma história de superação e gratidão. Hoje, 29 anos depois, Raquel Andrade Sousa tornou-se uma bela e saudável mulher. E uma apaixonada fisioterapeuta, que descobriu na relação com a equipe do Sarah o apreço pela profissão.

Ela lembra pouco da primeira vez que precisou dos cuidados no hospital, então dirigido pelo médico Aloysio Campos da Paz. Os pais — Nilson e Vera Lúcia — lhe disseram que ela tivera um grave desvio nas pernas e que a levaram em vários centros médicos da cidade. “Eles não queriam me submeter a um tratamento agressivo tão nova. Foi então que decidiram me levar ao Sarah”, relatou Raquel. No hospital, recebeu tratamento inovador, sem botas ortopédicas, mas apenas exercícios físicos e fisioterapia para curar o problema. Com as orientações para corrigir a pisada, ficou a pouco o pé foi se endireitando. Aos três anos a criança já brincava normalmente.

Em 1991, o Congresso Nacional aprovou o contrato de gestão que permitiu a expansão da Rede Sarah — nome em homenagem à esposa do ex-presidente JK, conhecida pelo forte engajamento em causas sociais — para o restante do país. São Luís (MA), Belo Horizonte (MG) e Fortaleza (CE) também ganharam o centro de recuperação.

Nesse tempo, final da década de 1990, Raquel já desfrutava das descobertas da adolescência e começava a se preocupar com a vida adulta.

E MAIS...

O ano de 1980 marcou a visita do papa João Paulo II a 13 cidades brasileiras. Em Brasília, o religioso levou cerca de 300 mil fiéis para a Esplanada dos Ministérios. Na música, outra multidão de 140 mil pessoas foi ao Maracanã, no Rio de Janeiro, assistir ao show histórico de Frank Sinatra. Ainda no Rio, um atentado explode três bombas na Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e mata a secretária Lyda Monteiro da Silva. Em São Pulo, agentes do Dops prendem o então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Inácio Lula da Silva, e outras 14 pessoas após uma série de confrontos com as forças do governo. No futebol, o Flamengo leva a taça do brasileiro. Entre as personalidades que morreram em 1989 estão o dramaturgo Nelson Rodrigues, o compositor Cartola, o poeta Vinícius de Moraes, o escritor francês Jean-Paul Sartre e o Beate John Lennon, assassinado com cinco tiros em frente ao prédio onde morava, em Nova York.

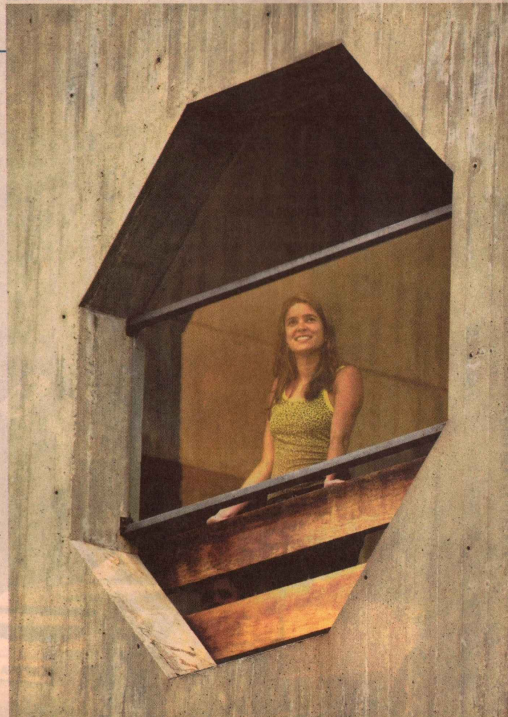
Aos 25 anos, uma surpresa insólita a levaria de volta aos consultórios do Sarah. Do nada, as imagens começaram a aparecer pela metade, na visão de Raquel. Certo dia sentiu a língua dormente. Em 21 de maio, na sua festa de aniversário, não conseguiu articular o agradecimento aos convidados. As palavras não saíam e o pensamento ficou confuso. No dia seguinte, a dormência em um dos braços levou a então estudante a procurar o pronto-socorro de um hospital da cidade. “Lembro bem do médico dizendo que era uma dor de cabeça e que ia passar. Sabia que não era.” Então, ela se lembrou da infância e retornou ao Sarah, onde fez uma bateria de consultas e exames. O diagnóstico indicava que ela tinha sido vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), problema raro em pessoas jovens.

A causa, além da vida estressante, era uma falha no bombeamento de sangue do coração para o cérebro. Seis meses depois, hábitos revisitos para a sua vida mais tranquila, a taguatinguense estava novamente curada. “Sou muito grata, eles formam uma equipe extremamente competente. O Sarah me salvou”, declarou. A paixão foi tanta que lhe serviu de inspiração para mergulhar na conclusão do

nome do espaço veio pelo fato de ter sido planejado para servir de garagem para carros da diretoria do Sesc da 913 Sul. Mas, por ter a rampa muito íngreme, a vocação de garagem logo foi descartada. Já em 1977, o salão passou servir de local de ensaio para o diretor Humberto Pedranci, dos brasileiros do Grupo Carroça. E aí, firmada a parceria com o extinto Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), ligado ao Ministério da Educação e Cultura, a efervescência no espaço nunca mais parou.

Hoje, 29 anos depois da inauguração do Garagem e do nascimento de Rafael, o enredo é outro. A dupla amadureceu junta. Casado, o músico divide o tempo entre as aulas de história, a família e a banda. O teatro já não abriga jovens roqueiros da cidade. Hoje, recebe projetos mais brandos, mas não menos importantes para o cenário cultural de Brasília, como festivais de teatro e shows instrumentais. Mesmo com o passar do tempo, os dois personagens dessa história não se separaram. Em 2006 o Bois de Gerião voltou ao berço para lançar o clipe da música *Inte-restelar*. E um ano depois, lançou o segundo CD (Nunca mais monotonia) também no teatro. “Só tenho boas lembranças, aqui está a história de Brasília”, concluiu Farret.

Daniel Ferreira/CB/DA Press



RAQUEL NO SARAH: RELAÇÃO COM A REDE ACABOU INFLUENCIANDO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

curso de fisioterapia. Hoje, Raquel está do outro lado. Do lado da cura. “O meu contato com o Sarah me influenciou muito. Aqui, como fisioterapeuta, me sinto forte e com uma responsabilidade imensa. O erro na minha profissão é inadmissível”, observou ela, que não esconde a vontade de, um dia, integrar a equipe do Sarah.

1981

MARIE E O TEATRO NACIONAL

(A LIGAÇÃO DE UMA ARTISTA
COM UM AMBIENTE EM QUE
SE RESPIRA ARTE)

ERIKA KLINGL

Marie nasceu aqui dentro”, brinca um músico da Orquestra Sinfônica Cláudio Santoro, quando percebe que a colega Marie de Novion está sendo entrevistada na Sala Martins Penna do Teatro Nacional. Apesar do exagero, existe uma razão na provocação. A história da jovem de 27 anos se confunde com a trajetória da mais importante casa de cultura e espetáculos da capital do país. A relação é tão íntima que a violista nasceu no mesmo ano da inauguração oficial desse espaço projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer: 1981.

A paixão de Marie pelo lugar veio logo depois, ainda quando criança. A menina não tinha nem 6 anos, mas já aprendia a conhecer e reconhecer os acordes de música clássica tocada na Sala Villa-Lobos — a maior dos três ambientes de espetáculos do teatro. “Eu era pequena e meu pai me trazia para ouvir a orquestra. Ele até brincava que eu cairia pelo buraco das poltronas verdes”, lembra, emocionada. Não é para menos. Criança, ela teve a chance de ver o trabalho do grande maestro e compositor Cláudio Santoro, fundador da orquestra, em 1979. Ele foi regente principal até o final da vida, em 1989. Assim, pelo incentivo dos pais e sedução irresistível da arte, Marie ingressou nesse universo de cultura universal. “Colocaram meu nome para estudar

E MAIS...

Os refletores se apagaram. A orquestra começou a tocar a música *Lady Laura*, e os desmaios se sucederam. Não era para menos. No início da noite do dia 19 de abril, subia no palco montado na Esplanada dos Ministérios o cantor Roberto Carlos. Essa não foi a única emoção dos brasilienses nesse 1981. O Brasil comemorou, no fim do ano, o primeiro de três campeonatos mundiais de Fórmula 1 do carioca Nelson Piquet, criado nas ruas da capital. Já no Brasil e no mundo, os ânimos estavam acirrados no primeiro semestre de 1981. Em 30 de abril, ocorreu o atentado do Riocentro, uma espécie de gota d’água para o fim da ditadura militar. Em 13 de maio, o papa João Paulo II sofreu atentado, atingido por duas balas disparadas com uma pistola 9mm pelo terrorista turco Mehmet Ali Agca.

com uma corda para sons mais graves. “Brinco que não escolhi tocar a viola, mas fui escolhida”, afirma. Convicta de que a música e a arte eram a razão da sua vida, Marie até pensou em tocar em outros cantos mas, depois de dois anos em São Paulo, concluiu que Brasília era o lugar em que seria feliz. Ela tinha 22 anos quando entrou na Orquestra Cláudio Santoro. “Me lembro da minha primeira apresentação, em 2003. Fiquei emocionada, porque nunca pensei que estaria aqui. Me lembrei de quando era criança.” A mãe, Olga, assistiu a tudo. A felicidade só não foi completa porque o pai, Martim, havia falecido poucos meses antes e não viu a filha realizando o sonho.

A emoção de Marie tem razão de ser. É difícil entrar no Teatro Nacional e não perder o fôlego. Os traços, as cores e as obras ali expostas são um espetáculo à parte. Um monumento em movimento, o Teatro Nacional é sóbrio e surpreendente, desde os relevos externos de

Daniel Ferreira/CB/DA Press



MARIE NA SALA VILLA-LOBOS: DESDE OS SEIS ANOS FREQUENTANDO O LUGAR

na Escola de Música de Brasília e eu fui sorteada. De lá para cá, nunca parei de tocar”, conta.

A vontade inicial era aprender a tocar violino, mas o professor identificou na aplicada estudante talento para a viola clássica, instrumento um pouco maior e

Athos Bulcão — tirados para reforma, no ano passado — aos pequenos detalhes que vão aparecendo em seu interior, como as obras de arte criadas especialmente para pontuar seus espaços amplos e cheios de sentido.

Como obra de arte que é, a trajetória do Teatro Nacional não poderia existir sem drama. Foram mais de 20 anos até a inauguração. A construção teve início no dia 30 de julho de 1960, e a estrutura ficou pronta em 30 de janeiro de 1961, mas por cinco anos a obra parou. A Sala Martins Penna ficou pronta em 1966 e, após 10 anos de atividade, foi fechada para reforma e finalização do teatro, que ocorreu em 21 de abril de 1981. Na abertura oficial do lugar, os solistas Ana Botafogo e Alain Leroy apresentaram o ballet *Sonho de uma noite de carnaval*, numa festa de gala.

O espetáculo escolhido para a inauguração definitiva do teatro não podia ser mais perfeito. Além de ser uma peça totalmente brasileira, ela remete ao carnaval, feriado que, anos antes, Niemeyer usou para desenhar o espaço. “Em Brasília, tudo foi feito a correr. Elaborei o projeto durante um carnaval de 1960. No dia seguinte, convoquei um especialista em acústica da Alemanha, que, uma semana depois, já estava em Brasília nos atendendo”, disse o arquiteto, certa vez, ao contar a experiência de projetar o Teatro Nacional, cuja reforma foi concluída em 2009. “Foi uma experiência muito rica e muito importante para o Brasil e para o mundo”, afirmou o arquiteto.



UM CÉU QUE É ÚNICO.
UMA ARQUITETURA QUE É ÚNICA.
E UMA FACULDADE QUE
SÓ PODIA SER IGUAL: ÚNICA.

11 ANOS DE IESB.
49 ANOS DE BRASÍLIA.

PARABÉNS.



1982

DA REDAÇÃO

Fã das músicas de Renato Russo, como qualquer bom brasiliense, Flávio Lima Constâncio é o mais recente integrante da banda Quatro Estações, cover da histórica Legião Urbana, o maior sucesso de um movimento que se convencionou chamar de Rock Brasília. No grupo há dois meses, o recém-chegado nasceu em 7 de outubro de 1982, justamente no ano em que surgia a Legião.

Fazer parte da Quatro Estações, tornou-se, de certa forma, a realização de um sonho. "Tocar Legião é muito bom. Onde a gente vai, sempre tem um fã, alguém que curte muito", empolga-se o tecladista, morador de Taguatinga. O convite veio do amigo Dhema, guitarrista e companheiro em outra banda. "Quando aceitei, já tínhamos quatro eventos marcados."

Flávio não esconde o prazer em ajudar a perpetuar as famosas músicas que ainda hoje encantam o fiel público de Brasília. "Acho que a Legião faz parte da história de todo mundo. As músicas mexem com qualquer pessoa em algum momento da vida", acredita.

O repertório da banda cover é de músicas da Legião, claro. E as semelhanças, eles procuram estender além do som. "O Celso Andrade, vocalista, lembra bastante o Renato Russo e canta parecido com ele", compara Flávio.

Tentar retratar o maior ícone do rock da capital não é tarefa simples. Foram 14 anos de trajetória, 13 álbuns e mais de 14 milhões de cópias vendidas, entre LPs e CDs. Originada após a dissolução do grupo Aborto Elétrico, a banda fez seu primeiro show em setembro de 1982, em Patos de Minas (MG), para depois percorrer diversos pontos do DF que acabaram recebendo nomes em homenagem a Renato Russo, que morreu em 1996.

Canções como *Eduardo e Mônica, País e filhos*, *O país é esse?* e *Faroeste caboclo* tornaram-se ícones da banda, formada por Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Negrete e Renato Manfredini Junior, que adotou o sobrenome Russo em homenagem ao iluminista suíço Jean-Jacques Rousseau, ao pintor francês Henri Rousseau e ao filósofo inglês Bertrand Russell. O último álbum lançado antes da morte de Re-

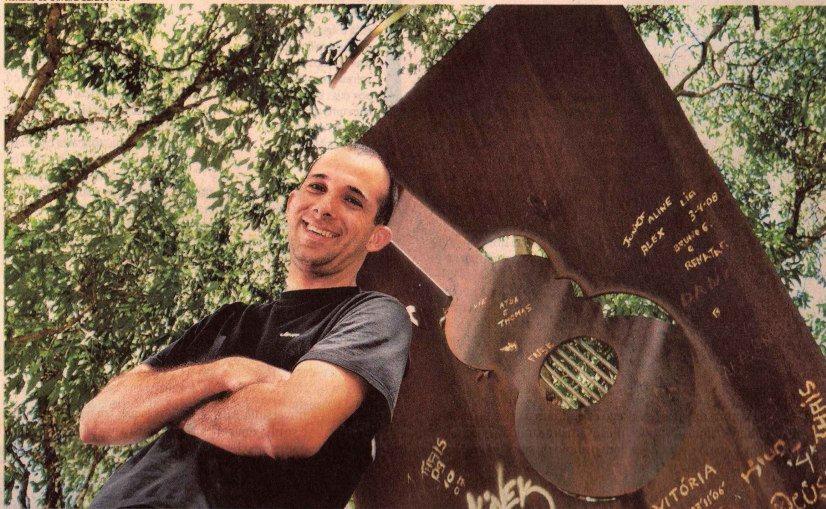
FLÁVIO E O SOM DA LEGIÃO URBANA

(O MÚSICO QUE NASCEU COM A BANDA E HOJE REVIVE ANTIGOS SUCESSOS DE RENATO RUSSO)

E MAIS...

Em 1982 surgia também a banda brasiliense Capital Inicial, dos irmãos Fê e Flávio Lemos e do vocalista Dinho Ouro Preto. Assim como a Legião, o grupo teve início depois da separação do Aborto Elétrico. O ano foi marcado pela morte da cantora Elis Regina, do ator Jardel Filho e do historiador Sérgio Buarque de Holanda. Foi ainda nesse ano que Brizola venceu a primeira eleição direta para governador do Rio e que o PT recebeu registro definitivo do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O ano marcou o início do funcionamento da Usina Nuclear de Angra I e a conclusão da represa de Itaipu. O mundo foi impactado pela morte da princesa de Mônaco e atriz Grace Kelly, em um acidente de carro, e viu o filme *E.T.*, de Steven Spielberg, superar todos os recordes de público. Na medicina, a Aids foi identificada como uma nova doença, e os EUA realizaram o primeiro implante de coração artificial.

Ronaldo de Oliveira/CBIDA Press



de Mônaco e atriz Grace Kelly, em um acidente de carro, e viu o filme E.T. de Steven Spielberg, superar todos os recordes de público. Na medicina, a Aids foi identificada como uma nova doença, e os EUA realizaram o primeiro implante de coração artificial.

fa, Negrete e Renato Manfredini Russo, que adotou o sobrenome Russo em homenagem ao iluminista suíço Jean-Jacques Rousseau, ao pintor francês Henri Rousseau e ao filósofo inglês Bertrand Russell. O último álbum lançado antes da morte de Renato

Russo foi *A tempestade*, em 1996. No ano seguinte, seus companheiros — já sem Renato — lançaram o disco *Uma outra estação*.

Tanto sucesso plantou inúmeras sementes em fãs e músicos da cidade, caso do tecladista Flávio Constância. E nem mesmo o conturbado show no Mané Garrincha, em 1988 — com pancadarias e confusões promovidas por fãs eufóricos, depois do qual a banda não voltou a tocar em Brasília — foi capaz de arrancar a admiração dos conterrâneos.

A banda cover teve início em 1997, após a morte de Renato Russo, e fez apresentações nas inaugurações de importantes pontos da cidade que homenageiam a Legião, como a Praça Renato Russo, no Gilberto



TECLADISTA DA BANDA QUATRO ESTAÇÕES, FLÁVIO EXALTA O ÍDOLO RENATO RUSSO: "A LEGIÃO FAZ PARTE DA HISTÓRIA DE TODO MUNDO"

Salomão, e Eduardo e Mônica, no Parque da Cidade, que ganhou o nome da canção em 2001. Nos eventos, já cantaram com presenças ilustres como a de dona Carminha Manfredini e de Renato Rocha (Negrete), ex-baixista do Legião Urbana, que deixou a banda em 1989 e chegou a tocar com o conjunto.

O grupo cover já se apresentou também em Goiânia e na Bahia. A

Quatro Estações — nome em referência ao álbum mais vendido da Legião — fez apresentações ainda durante os intervalos das partidas da jovem equipe profissional brasiliense, o Legião Futebol Clube, que homenageia a banda de Renato Russo. O time tem tido como madrinha e Giuliano Manfredini, filho do músico, como presidente de honra.

1983

LUIZ E O TÍTULO TURBINADO DE PIQUET

(O ORGULHO DE NASCER NO ANO DO BICAMPEONATO MUNDIAL)

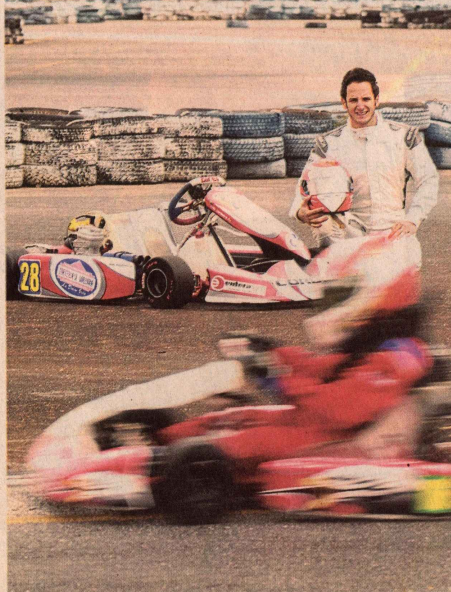
ERIKA KLINGL

O ano era o da velocidade. Em 1983, um carioca que escolheu Brasília como lar se igualou aos grandes campeões ao vencer pela segunda vez o campeonato mundial de Fórmula 1. Anos antes, Nelson Piquet havia começado a correr em rachas pela capital em um fusquinha. O feito do piloto na elite do automobilismo foi ainda mais admirável por ser o primeiro da era turbo, maior novidade tecnológica da época. Foi também naquele ano que outro ídolo brasileiro, Ayrton Senna, dirigiu um Fórmula 1, pela primeira vez, em julho, num teste na pista de Donington, na Inglaterra. Poucos meses antes, nascia, em Brasília, Luiz Cordeiro Filho.

O leitor mais desavisado pode estar se perguntando o que o jovem de 26 anos está fazendo no meio dessas feras. A relação de Luiz com a velocidade vai muito além do nascimento num ano tão expressivo. A prateleira do box que guarda o kart do gerente de vendas de softwares no Autódromo Nelson Piquet, no início da Asa Norte, é a credencial do sucesso nas pistas brasileiras. Só no ano passado, Luiz levou cinco campeonatos, o mais importante deles foi a Copa do Brasil, disputado em Goiás. Também foi vice-campeão brasileiro, num campeonato disputado no Sul. "Amo velocidade. Na verdade, não vivo sem ela."

A carreira de Luiz começou tarde, com 17 anos. "Era moleque e fui assistir a uma corrida no Guará. Fiquei apaixonado e comecei a correr

Daniel Ferreira/CB/DA Press



FERA DO KART, LUIZ GANHOU CINCO TÍTULOS SÓ NO ANO PASSADO: "AMO A VELOCIDADE"

a partir dali", lembra. Se fosse mais jovem ou mais rico, poderia estar seguindo o mesmo caminho de seus ídolos. Rubens Barrichello e Senna começaram no kart. Mas a maior coincidência Luiz guarda com Piquet, que assim como ele começou a carreira no kart mais tarde do que o habitual: aos 14 anos, em Brasília, e foi campeão brasileiro em 1971 e 1972.

Outro fato comum aos dois é a resistência dos familiares com a

E MAIS...

O rock de Brasília emplacava de vez no resto do país. Foi no ano de 1983 que a formação da banda Capital Inicial passou a tocar junta em shows maiores, e que os Paralamas do Sucesso lançaram o primeiro LP. No restante do país, a música jovem seguiu o mesmo ritmo, com o surgimento dos Titãs e do Kid Abelha. O início do fim da ditadura, cenário favorável para o surgimento das manifestações jovens, dava a cara em outros setores. Em 15 de março de 1983, tomam posse os primeiros governadores eleitos diretamente após o golpe militar de 1964 no Brasil e, poucos meses depois, foi formada a Central Única dos Trabalhadores (CUT). No futebol, uma perda levou milhões de torcedores ao luto. No dia 20 de janeiro, Mané Garrincha morreu em consequência do alcoolismo. O último jôgo da história dele havia sido em Brasília, um mês antes.

diversão de risco. O pai de Piquet, Estácio Gonçalves Souto Maior, não aprovava a carreira automobilística — queria que o filho fosse tenista. Por isso, Nelson usava o nome de solteira de sua mãe, Clotilde Piquet. No caso de Luiz, é a mãe, Joeli, que não pode ver uma corrida. "Ela morre de medo e só viu uma até hoje."

Nelson Piquet, apesar de carioca, é um herói da capital federal, sem dúvida alguma. Afinal, foi em Brasília que ele começou a correr para se tornar um dos maiores pilotos do automobilismo mundial em todos os tempos. Na década de 1970, a imensa maioria dos moradores do Plano Piloto conhecia a história do jovem que dirigia um fusquinha em rachas. Ele cursou engenharia mecânica na Universidade de Brasília (UnB) até o terceiro período e, em 1976, foi campeão da Fórmula Super-Vê. Em 1978, na Fórmula 3 inglesa, sagrou-se campeão e quebrou o recorde de Jackie Stewart de maior número de vitórias numa temporada. Naquele mesmo ano, Piquet estreou na F-1, no Grande Prêmio da Alemanha, em Hockenheim, com um carro alugado da equipe Ensign.

Em 1983, igualou-se a Emerson ao conquistar o bicampeonato e passou a dividir o título de maior piloto brasileiro naquela época. Piquet também foi o primeiro piloto nacional a sagrar-se tricampeão de Fórmula 1, feito que depois foi igualado por Senna. Em toda a sua carreira na F-1, disputou 204 GPs, com 23 vitórias e 24 poles.

1984

Daniel Ferreira/CB/DA Press

ANDRÉ E O PAÍS NAS RUAS PELAS DIRETAS

(DO INÍCIO DO SONHO À CIÊNCIA POLÍTICA)



ANDRÉ BRUGGER NASCEU SOB O SIGNO DAS MANIFESTAÇÕES POLÍTICAS: "NA MINHA CASA, A DEMOCRACIA SEMPRE EXISTIU"

ERIKA KLINGL

A ditadura já estava com os dias contados. Inflação alta, dívida externa exorbitante e desemprego expunham a crise do sistema. Os militares, ainda no poder, pregavam uma transição democrática lenta, ao passo que perdiam o apoio da sociedade, que pedia o fim do regime o mais rápido possível. A última eleição direta para presidente fora em 1960. Quando a família Brugger da Bouza mudou-se para a capital do

minha casa, a democracia sempre existiu." Não à toa, André é atualmente estudante de ciência política da Universidade de Brasília (UnB) e sonha em ser protagonista em um novo processo de transformação do país: um lugar com mais justiça social e menos desigualdade.

E MAIS...

O menino pobre que vivia apostando corrida descalço com os moleques em Taguatinga conquistou o mundo. Em 1984, Joaquim Cruz ganhou a medalha de ouro dos 800 metros rasos nas Olimpíadas de Los Angeles, com o tempo de 1m43s (recorde olímpico na época). Além disso, os brasileiros acompanharam, em 7 de outubro, o nascimento do primeiro bebê de proveta do país. E o mundo assistia, impressionado, ao sucesso do cantor Michael Jackson — em fevereiro, ele ganhou oito

presidente da República. Em 1984, haveria eleição para a Presidência, mas seria realizada de modo indireto, por meio do Colégio Eleitoral. Para que tal eleição transcorresse pelo voto popular era necessária a aprovação da emenda constitucional do deputado

A ditadura já estava com os dias contados. Inflação alta, dívida externa exorbitante e desemprego expunham a crise do sistema. Os militares, ainda no poder, pregavam uma transição democrática lenta, ao passo que perdiam o apoio da sociedade, que pedía o fim do regime o mais rápido possível. A última eleição direta para presidente fora em 1960.

Quando a família Brugger da Bouza mudou-se para a capital do país, vinda do Rio, em 1984, o país vivia um momento de ebulição política. E Brasília, como não poderia deixar de ser, estava no epicentro da esperança. Depois de duas décadas de ditadura militar, o grito que marcou aquele ano foi um só: "Diretas Já!". Na casa do médico Paulo César e da professora Marta, que vieram para a cidade em busca de melhores chances profissionais e hoje trabalham na rede pública, a trilha sonora era definida pela voz suave, de ideais firmes, de Chico Buarque. Foi nesse ambiente que nasceu o caçula André Brugger da Bouza.

Nos 25 anos de democracia recente do país e de vida do jovem, os assuntos contemporâneos sempre pautaram as reuniões da família. "Na

minha casa, a democracia sempre existiu." Não à toa, André é atualmente estudante de ciência política da Universidade de Brasília (UnB) e sonha em ser protagonista em um novo processo de transformação do país: um lugar com mais justiça social e menos desigualdade.

O curioso é que o atual discurso do jovem não é diferente daquele que reforçava a convocação dos manifestantes reunidos na Esplanada dos Ministérios, no Vale do Anhangabau, em São Paulo, na Cinelândia, no Rio de Janeiro, ou em todas as outras capitais que assistiram, em 1984, ao movimento de maior participação popular da história do país. As reivindicações pela abertura política tiveram início em 1983, no governo de João Batista Figueiredo, e propunham eleições diretas para

E MAIS...

O menino pobre que vivia apostando corrida descalço com os moleques em Taguatinga conquistou o mundo. Em 1984, Joaquim Cruz ganhou a medalha de ouro dos 800 metros rasos nas Olimpíadas de Los Angeles, com o tempo de 1m43s (recorde olímpico na época). Além disso, os brasileiros acompanharam, em 7 de outubro, o nascimento do primeiro bebê de proveta do país. E o mundo assistiu, impressionado, ao sucesso do cantor Michael Jackson — em fevereiro, ele ganhou oito prêmios Grammy pelo álbum *Thriller*. Meses depois, em 30 de outubro, o mesmo álbum recebeu o 20º disco de platina nos Estados Unidos e entrou para o Guinness como o mais vendido da história.

presidente da República.

Em 1984, haveria eleição para a Presidência, mas seria realizada de modo indireto, por meio do Colégio Eleitoral. Para que tal eleição transcorresse pelo voto popular era necessária a aprovação da emenda constitucional do deputado Dante de Oliveira (PMDB/MG). Foram realizadas várias manifestações públicas. A maior delas, no dia 16 de abril, em São Paulo. Aos gritos de "Diretas

Já!", mais de 1 milhão de pessoas lotaram o Vale do Anhangabau. Em Brasília, a população não pôde acompanhar a votação dentro do plenário. Para que a emenda fosse aprovada, eram necessários dois terços dos votos. Foram 298 votos a favor e 65 contra. Por 22 votos, a proposta de Dante de Oliveira não vingou.

1985

MARINA E UM PASSEIO PELO JARDIM BOTÂNICO

(ELA UNIU TRABALHO E PRAZER)

JOÃO CAMPOS

A brasileira Marina Crivaro Tamanini, 23 anos, ama a natureza. E ama Brasília. A história dela e a memória da cidade que completa 49 anos hoje se confundem nas paixões dessa estudante de arquitetura. Ela nasceu em outubro de 1985, em uma maternidade da Asa Sul. Em março daquele ano, como um presente da capital que lhe serviu de berço, o governo inaugurou o Jardim Botânico de Brasília (JBB), o único do país em área de cerrado. Desde então, os passos da área de preservação do segundo maior bioma brasileiro e da jovem admiradora das árvores secas e retorcidas caminham juntos.

Desde que se entende por gente Marina frequenta o Jardim Botânico. Ela busca paz no lugar. Um gosto pela natureza que veio do pai, Túlio Tamanini, 54 anos. "Ele sempre nos levava para passeios em áreas verdes e um dos lugares que a gente mais ia era o Jardim Botânico", conta a jovem, que guarda lembranças de caminhadas pelo JBB quando tinha apenas 4 anos. Ainda criança, em 1992, ela

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press



MARINA TAMANINI, 23 ANOS, FEZ ESTÁGIO NO JARDIM BOTÂNICO: GARANTINDO O ACESSO A LOCAIS RESTRITOS

testemunhou a expansão da área original do jardim: de 500 hectares — equivalente a 500 campos de futebol — para 4 mil hectares.

Um ano depois, em 1993, a responsabilidade pela área passou para a Secretaria de Meio Ambiente Ciência e Tecnologia do GDE. Em novembro daquele ano, quando Marina tinha 8 anos, o JBB tornou-se um órgão autônomo, com orçamento próprio.

Na adolescência, a bela jovem de sorriso largo e cabelos castanhos se mudou com a família para uma casa a 3 km do seu lugar preferido em Brasília, no Setor de Mansões Dom Bosco. "Foi quando descobri o prazer de andar de bicicleta pela trilha. Há muitos lugares desconhecidos. Pedalar pelo cerrado me transmite paz."

Já adulta e estudante universitária, a brasileira conseguiu uma vaga de estágio no departamento de arquitetura do Jardim Botânico. No primeiro dia ela conheceu todo o JBB, inclusive as áreas restritas a funcionários. "Pude ver estufas com espécies exóticas e áreas lindas de cerrado — vegetação que ocupa 25% do território nacional —, um espaço a que os visitantes não têm acesso", lembra.

Apesar de terem nascido no mesmo ano, o Jardim Botânico é bem

mais antigo que Marina. A história do lugar começou antes mesmo da inauguração da cidade, em 1957. O projeto urbanístico da nova capital, assinado pelo arquiteto Lucio Costa e escolhido entre 26 concorrentes, já previa a localização do JBB. A área destinada era a parte sul do Eixo Monumental, onde hoje fica o Parque da Cidade.

O historiador Lourenço Fernando Tamanini contou os bastidores da criação da capital no livro *Brasília: memória da construção*. O pioneiro é avô de Marina, que desde pequena viveu histórias daqueles tempos. E daí veio o amor pela cidade. "O horizonte aqui é lindo, você olha para frente e vê o céu. Amo Brasília e não pretendo sair daqui."

E MAIS...

O ano de 1985 foi marcado pelo dia em que milhares de brasilienses madrugaram para receber o presidente Tancredo Neves, representante da democracia após duas décadas de regime militar. Tancredo morreria pouco tempo depois, causando comoção nacional. Na música, o Rock in Rio mudou a maneira como o país era visto para shows internacionais. Cerca de 5 mil brasilienses deixaram a cidade rumo ao Rio de Janeiro para assistir a shows de bandas como Queen, Iron Maiden, Yes e AC/DC no festival. O ano também marcou a morte de personalidades internacionais, como o filósofo francês Michel Foucault, o escritor argentino Julio Cortázar e o jornalista americano Truman Capote, e nacionais, como a poetisa Cora Coralina. Na Colômbia, após um século adormecido, o vulcão colombiano Nevado Ruiz despertou, tirando a vida de 21 mil pessoas e soterrando seis cidades.

1986

FELIPE FAZ ARTE NA CASA DO CANTADOR

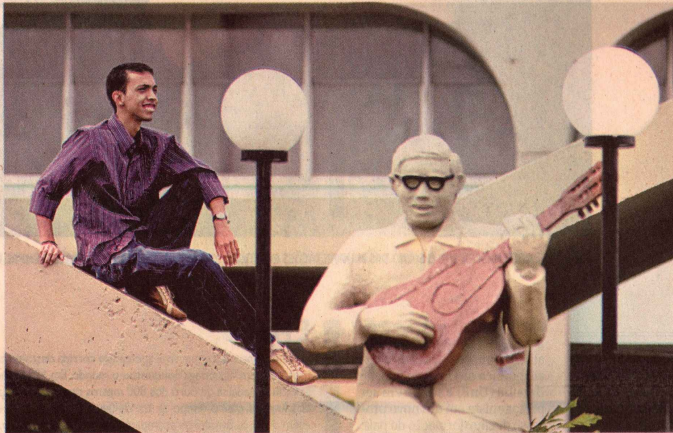
(LOCAL É UM GRANDE ALIADO NA BATALHA PARA PROMOVER A CULTURA POPULAR)

LÚCIO FLÁVIO

Filho de xilogravurista e cordelista, Felipe Menezes, 22 anos, carrega no sangue a cultura da arte popular que grandes mestres do Nordeste ensinaram a seu pai, o artista plástico cearense Zênio, um dos mais respeitados no ramo em Brasília. Embora a habilidade com a xilogravura, por exemplo, seja quase primária, o jovem admite que o fascínio pela arte que imortalizaria nomes como o de J. Borges é grande. "A xilogravura me encanta porque, assim como o cordel e outras manifestações artísticas do Nordeste, é um trabalho reflexivo, com um valor simbólico muito forte, sempre ligado a temas da nossa cultura ou questões sociais. Com o cordel não é diferente", observa Felipe, que desde os 7 anos acompanha a labuta do pai no manuseio com a madeira. "Eu observava, mas não entendia muito bem todo aquele processo de criação do meu pai. Hoje, até que me arrisco a fazer alguns trabalhos. Não sai com aquela perfeição, mas fica bacana."

O esforço e a dedicação, no entanto, lhe deram segurança para apresentar, recentemente, uma minúscula exposição, só com

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D'A Press



FILHO DO ARTISTA PLÁSTICO ZÊNIO, FELIPE RESPIRA CULTURA: MOTIVOS DE SOBRA PARA DIVULGAR TRABALHOS POPULARES

E MAIS...

Em 1986, a economia brasileira passou por grande transformação com o lançamento do Plano Cruzado, prevendo o congelamento e tabelamento de preços e salários. Com a mudança, a moeda, antes Cruzeiro, passou a se chamar Cruzado. Na extinta União Soviética, um desastre nuclear assolou todo o país, entrando para história como o caso Chernobyl. Na cultura, duas perdas significativas marcaram a literatura. Na França, a morte da escritora Simone de Beauvoir; Na Argentina, morreu um dos mais importantes poetas do século 20, Jorge Luis Borges. Em Brasília, na Praça dos Três Poderes, foi inaugurado o Panteão da Pátria — um projeto assinado por Oscar Niemeyer.

cultura regional como repentistas, cordelistas, xilogravuristas, emboladores, além de violeiros. Talentos como a emboladeira potiguar Otília Dantas de Lima, 75 anos, de passagem por Brasília, onde faz uma série de apresentações pela cidade.

Também repentista, ela explica que a Casa do Cantador é uma espécie de grande mãe

O esforço e a dedicação, no entanto, lhe deram segurança para apresentar, recentemente, uma minúscula exposição, só com trabalhos seus, na universidade. "As pessoas ficam encantadas porque muitas delas nunca tinham ouvido falar em xilogravura. Poucas conheciam o cor-de-l", lamenta. "Fiquei feliz por poder ajudar a divulgar essa cultura que não está muito presente no dia a dia dos jovens", constata.

Em sua busca por mais divulgação para a cultura nordestina em Brasília, Felipe Menezes tem uma base aliada, a Casa do Cantador, órgão ligado ao Governo do Distrito Federal que presta assistência a vários representantes da cultura popular.

Embora admita que nunca tenha colocado os pés na entidade onde o pai já apresentou vários trabalhos, o jovem de 22 anos reconhece sua importância como centro de valorização da cultura do Nordeste. Sem desconfiar, no entanto, que sua ligação com o espaço é bem mais direta que imagina, já que nasceu no mesmo ano em que a Casa foi inaugurada, ou seja, em 1986. "Apesar das recentes denúncias

FILHO DO ARTISTA PLÁSTICO ZÊNIO, FELIPE RESPIRA CULTURA: MOTIVOS DE SOBRA PARA DIVULGAR TRABALHOS POPULARES

feitas sobre a administração da casa, acho grandioso o trabalho de viabilização que o espaço dá à cultura popular nordestina, oferecendo oportunidade a artistas desconhecidos na cidade", avalia.

Inaugurada em novembro de 1986, a Casa do Cantador de Brasília nasceu espelhada na sede piauiense, fundada um ano antes, em Teresina. "Um dia o meu pai visitou a Casa do Cantador do Piauí e achou fantástico", lembra Rosa Alves, diretora da instituição brasiliense há dois anos. "Saiu de lá com o desejo de criar algo idêntico aqui em Brasília. Então ele reivindicou um espaço semelhante em Brasília em apoio do movimento Brasileiro de Cordel", conta Rosa.

Conhecido também como o Palácio da Poesia, a sede brasiliense, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, fica em Ceilândia, na QNN 32, oferecendo auxílio a uma vasta gama de artistas ligados à

ções pela cidade.

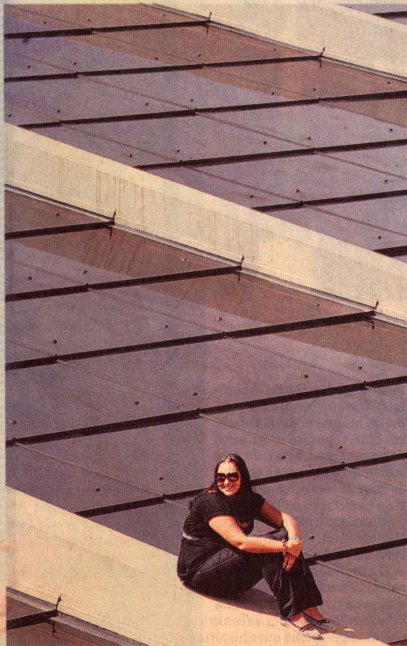
Também representista, ela explica que a Casa do Cantador é uma espécie de grande mãe que acolhe debaixo de suas asas os filhos amantes da cultura popular. "É aqui que artistas como eu, de passagem, encontram refúgio e hospitalidade. É um ótimo lugar", elogia. Palco de grandes festas, a Casa do Cantador sempre é reverenciada por autoridades e artistas da cidade e de renome nacional, entre eles o poeta Gonçalo Gonçalves Bezerra, o Gougou.

Para Felipe Menezes, o fato de a cidade abrigar um simbólico espaço polarizador da cultura popular é mais do que salutar, e chama a atenção das novas gerações por os tradicionais trabalhos do universo nordestino. "Brasília é uma cidade genuinamente urbana e isso contribui para que a juventude se afaste. A grande maioria nunca ouviu falar de algumas dessas manifestações", avalia.

CASA DO CANTADOR.

QNN 32, Área Especial G - Ceilândia Sul.
Contatos: 3378-5067/3378-4891 ou
casadocantadorbrasil@igmail.com

1987



MIRELA ADMIRA LUCIO COSTA: DESEJO DE TAMBÉM SE TORNAR REFERÊNCIA

MIRELA E A INSPIRAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

(AOS 27 ANOS, BRASÍLIA GANHOU RECONHECIMENTO MUNDIAL E UMA JOVEM SONHADORA)

DA REDAÇÃO

O que Brasília, a Muralha da China, a Acrópole de Atenas e Veneza têm em comum? Todos os lugares entraram na lista de Patrimônio Cultural da Humanidade da Unesco no mesmo ano, 1987. O que eles não têm em comum é a idade: Brasília, a caçula, que sequer completou meio século de história, foi considerada uma obra da genialidade e criatividade humana com apenas 27 anos de existência. Para uma cidade que foi criada ex nihilo, do nada, e espantou o mundo com sua arquitetura singular, ícone da modernidade, uma prova cabal do surrado ditado: idade realmente não é documento.

Em 7 de dezembro de 1987, o Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco atendeu ao pedido do então governador do Distrito Federal, José Aparecido, de tornar a capital brasileira um bem cultural da humanidade. Além de reconhecer a magnitude do trabalho de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, o título foi uma das formas encontradas por Aparecido para preservar o projeto urbanístico original da cidade e livrá-la da especulação imobiliária.

Brasília não só foi o primeiro — e único — monumento contemporâneo a ser inserido na lista, como quebrou os paradigmas de seleção da Unesco. O órgão passou a avaliar a genialidade

humana viva, atuante no presente e que deve ser preservada para a posteridade — o caso de Lucio Costa e de Niemeyer.

Em outubro do mesmo ano, Lúcia e Natanael Barcelos tiveram Mirela, a primeira brasiliense da família. Hoje, aos 21, a moça está no 7º semestre da faculdade de arquitetura. Antes de decidir pelo curso, cogitou outras áreas bem diferentes. Quis ser veterinária, estilista, bióloga. Decidiu pelo desenho industrial, mas não passou no vestibular. A opção que lhe pareceu mais próxima foi arquitetura. "Tinha dúvidas, não sabia se queria continuar. Na metade do curso, comecei a trabalhar na área e tomei gosto pela coisa", conta.

Tendo nascido e passado toda a vida em Brasília, Mirela se acostumou a viver em uma obra-prima. Mesmo antes de conhecer as teorias acadêmicas, ela já fletava com o legado do arquiteto e urbanista Lucio Costa. "Sempre achei o plano urbanístico fantástico. Gosto muito do fato de poder olhar o céu, ter noção do horizonte." Em 1957, o projeto de Lucio Costa venceu o concurso para o Plano Piloto pela simplicidade e objetividade.

Essencial para que Brasília fosse apadrinhada pela Unesco, o documento *Brasília revisitada*, escrito pelo arquiteto, é uma defesa ao plano urbanístico original ao ratificar a importância das escalas para preservar a harmonia da cidade. É o caso, por exemplo, da quantidade máxima de seis andares para blocos de apartamentos do Plano Piloto.

Apesar de pender mais para a decoração de interiores e para o design de móveis, Mirela almeja um pouco da glória dos homens que tiraram Brasília do papel. "Eu quero ser reconhecida pela minha profissão e poder me tornar uma referência para outras pessoas", sonha.

E MAIS...

Em 1987, a economia passou por turbulências e o governo de José Sarney lançou o Plano Bresser, em mais uma tentativa de conter a inflação. O ano marcou ainda o grave acidente radioativo de Goiânia, que deixou quatro mortos e mais de 100 mil pessoas expostas aos efeitos do célio. Quem deu alegrias foi o piloto Nelson Piquet, que sagrou-se tricampeão mundial de Fórmula 1. Madonna saiu dançando pelos palcos do mundo em sua primeira turnê internacional. *Who's that girl*, consolidando de vez seu status de ícone da música pop. E no Brasil, o país se despediu do poeta maior do modernismo, Carlos Drummond de Andrade.

1988

MARIANA E O GÊNIO OSCAR NIEMEYER

(ELA NASCE, ELE RECEBE O PRÊMIO MÁXIMO)

SAMANTA SALLUM

Ele está em tantas memórias de menina, influenciará a futura profissional e continuará até o fim da vida preenchendo, com seu cenário imutável, os capítulos da história de Mariana. A jovem aluna de arquitetura da Universidade de Brasília (UnB) é uma típica moça da geração Brasília, filha de uma médica servidora pública e de um professor de educação física que vieram para a capital construir uma família e um futuro.

O traçado de Oscar Niemeyer cerca a vida de Mariana Brito Portela. Fez-se dentro dela também e de tantos outros brasilienses. Nascer no berço de uma das maiores referências do trabalho de Niemeyer fez, sim, diferença no que Mariana é hoje, mesmo sem ter consciência disso.

Ela nasceu num ano marcante para Niemeyer e para a arquitetura brasileira. Uma data de consagração internacional: 1988. Quando a filha do meio chegava à família Portela, o mestre da prancheta, então com 80 anos, recebia o prêmio Pritzker, a maior condecoração profissional na área, conhecido como o Nobel da arquitetura. Niemeyer foi o primeiro brasileiro a conquistar tal reconhecimento. O prêmio, criado em 1979, escolhe todo ano um arquiteto vivo e o premia pela excelência de sua produção.

Mariana estava predestinada a seguir os passos daquele que já tinha oito décadas de realizações à sua frente. Os monumentos da Esplanada

dos Ministérios é da Praça dos Três Poderes são referências fortíssimas para Mariana. É a lembrança de tantos percursos de carro, para ir e voltar da escola, para ir ao médico, para passear. A Catedral remete a momentos de família, felizes e tristes, como o aniversário e a missa de sétimo dia do tio. O Palácio da Alvorada, aos passeios de escola. Mas é pelo Palácio do Itamaraty que ela se deslumbra. "É maravilhoso. Niemeyer foi genial, tenho orgulho de ter nascido aqui, em meio à obra dele e de Lucio Costa", diz a moça.

Mariana pretende ser uma arquiteta engajada. A palavra-chave para ela é sustentabilidade. A futura arquiteta reverencia Niemeyer, mas não o endeuza. Faz algumas críticas, aquelas sobre funcionalidade e conforto. Aponta em algumas obras o que seriam falhas aguçadas pelas aulas na universidade. "Há discussões sobre alguns trabalhos dele. Mas nem de longe dá para não valorizar toda a sua obra, tudo que



ESTUDANTE DE ARQUITETURA, MARIANA APOSTA NA SUSTENTABILIDADE E RASGA ELOGIOS A NIEMEYER: "ELE FOI GENIAL"

E MAIS...

O país viveu uma das suas maiores transformações políticas do século com a promulgação da Constituição de 1988, a sétima a reger o país desde a proclamação da independência — trabalho da Assembléia Nacional Constituinte, instalada em fevereiro do ano anterior. O ano marcou ainda a realização das Olimpíadas de Seul, a primeira depois dos boicotes dos Estados Unidos, em 1980, e da então União Soviética, em 1984. O Brasil, naqueles Jogos, conquistou apenas uma medalha de ouro, com o judoca Aurélio Miguel. Em outubro, porém, o esporte daria uma das maiores alegrias aos brasileiros amantes do automobilismo: Ayrton Senna, com uma vitória histórica no GP do Japão, conquistou seu primeiro título mundial de Fórmula 1. A velocidade perdeu ainda um dos seus maiores ícones, o comandante Enzo Ferrari, bem como a música seguiu sem o trompetista Chet Baker. Antes de 1988 acabar, em 22 de dezembro, o ambientalista e sindicalista brasileiro Chico Mendes ainda seria assassinado, aos 44 anos, a tiros, em Xapuri, no Acre.

representou na história da arquitetura", diz ela.

E, para Niemeyer, a jovem Mariana, mesmo sem conhecê-la, tem mais valor que os prêmios já recebidos. Ele destaca: "O mais importante não são a arquitetura, os prédios, os prêmios. É a vida que os permeia, são as pessoas." Para ela e para todos os jovens alunos, diz: "É preciso que tenham interesse além da arquitetura, além de ser um especialista, um vencedor. É preciso dar importância à vida e buscar a humanidade em tudo."

E, para os 49 anos de Brasília, o arquiteto que desenhou os monumentos da nova capital relembra incansavelmente seus companheiros. "Sobre Brasília, só tenho bem a falar. O povo que vive nessa cidade é maior que minha arquitetura. Os operários que construíram a capital também são autores principais desta obra. Relembro o entusiasmo de Juscelino, a persistência de Israel Pinheiro, o feliz plano de Lucio Costa..."



Bancorbrás
Turismo

Para uma cidade com asas e eixos, nada mais justo do que querer alcançar o céu.

Uma homenagem da Bancorbrás à cidade que há 49 anos recebe todos de braços abertos.

Parabéns, Brasília

1989

RUBENS E A TERRA PROMETIDA

(DA CHEGADA, AINDA NA BARRIGA DA MÃE, À VONTADE DE PROTEGER A SUA GENTE)

Daniel Ferreira/CB/DA Press





RUBENS GOMES DA SILVA, QUE VEIO AO MUNDO NO ANO EM QUE A CIDADE FOI REGULARIZADA, QUER AGORA SER POLICIAL

"Nasci aqui, cresci aqui e é aqui que quero viver. Amo esse lugar"

JOÃO CAMPOS

Samambaia e o jovem Rubens Gomes dos Santos, 19 anos, nasceram juntos. O ano da chegada: 1989. A cidade surgiu do Plano Estrutural de Organização Territorial (Peot), criado em 1978 para ordenar a crescente demanda populacional da capital do país. Já o rapaz veio para Brasília na barriga da mãe, a potiguar Clamídia Regina, 41, que deixou a pequena Antônio Martins (RN) para tentar uma vida melhor na chamada "terra prometida". A cidade virou a 12ª Região Administrativa do Distrito Federal. E o menino franzino tornou-se mais um dos milhares de samambaienses de famílias humildes que desembarcaram em Brasília para ocupar lotes concedidos pelo governo. Cresceram juntos, entre risos e lamentos. Mas, acima de tudo, prevaleceu no rapaz o amor e o orgulho pela cidade natal.

Esta história começa em 1985, quando a família de Rubens chegou do Nordeste — de caminhão — para viver na invasão da Boca da Mata, acampamento na área rural de Taguatinga. A avó dele, dona Maria Madalena, 62, fugia da seca. E buscava melhores condições para criar os cinco filhos. Após quatro anos morando no amontoado de barracos de lona preta, chegou a notícia de que a área ocupada irregularmente seria uma das beneficiadas com terrenos em Samambaia. "Quando nos mudamos, minha mãe já estava com oito meses de gravidez, cheguei ainda na barriga. Dizem que foram tempos difíceis", lembra o rapaz. Rubens nasceu em um dos primeiros barracos da QR 603, onde vive até hoje, apenas um mês depois de a família receber o terreno. "Fui um dos primeiros bebês daqui."

De olhos fechados para acessar a memória, ele recorda que, ainda criança, ia para uma igreja improvisada com a avó. E tinha que limpar o pé sujo de poeira antes de entrar. "Não tinha infraestrutura. As pessoas arrancavam pés de café para fazer as casas e a diversão era jogar bola na terra batida", conta. Samambaia — batizada por causa do córrego de mesmo nome, que passa abaixo das quadras 127 e 327 — cresceu além do esperado.

Com um ano de existência tinha 67.298 habitantes. Hoje, a terceira cidade mais populosa do DF chega aos 230 mil. O crescimento desordenado tornou-se sinônimo da falta de serviços básicos para a população. Rubens assistiu a tudo, mas a incoerência lhe protegia da dura realidade.

Aos 11 anos, mudou-se com a família para Montes Claros (MG). Viveu por quatro anos na cidade mineira. Mas a tentativa da família de tornar a vida menos penosa não saiu como o planejado. Como no começo, decidiram retornar para Samambaia. Lá estavam amigos e o restante dos parentes. Tinham com quem contar. Voltaram e ali continuam até hoje. "Mesmo com as dificuldades, sentia falta daqui. É minha casa, onde estão todos que amo", observou

E MAIS...

O ano de 1989 foi marcado pela inauguração do Templo da Boa Vontade, na 916 Sul. Também houve uma grande reforma na Catedral Metropolitana de Brasília, que recebeu mão de tinta branca para cobrir o concreto aparente e teve vidros incolores trocados por vitrais. Nas primeiras eleições diretas para presidente, a candidatura do apresentador Sílvio Santos tumultuou o processo eleitoral e acabou derrubada pelo TSE. Nas urnas os brasileiros elegeram Fernando Collor com 53% dos votos. Naquele ano o Brasil amargaria uma inflação de 1.764,86% ao ano. O obituário registrou a morte de personalidades como o pintor catalão Salvador Dalí, os cantores e compositores Luiz Gonzaga e Raul Seixas e o escritor irlandês Samuel Beckett. No esporte, Emerson Fittipaldi se consagra campeão na fórmula Indy e o Vasco rouba a cena levando o título brasileiro no futebol. Enquanto George Bush (pai) toma posse nos EUA, na Alemanha cai o Muro de Berlim. E no ano em que a Polónia adota, de vez, o capitalismo, um massacre na Praça da Paz Celestial, na China, acaba com a morte de dezenas de milhares de estudantes que lutavam por reformas democráticas.

Rubens. Assim que voltou, aos 15 anos, passou um dos momentos mais tristes da vida. Um amigo, de 16 anos, morreu em uma richa de grupos rivais. A causa da execução a tiros na Quadra 615 foi o ciúme por causa de uma garota. "A cidade estava mais violenta. Tive alguns amigos que se perderam nas drogas, no crime. Hoje, felizmente, contamos com uma cidade mais segura, mas mesmo assim evito certos lugares", disse.

Segurança

Os melhores amigos Rubens fez nas escolas onde estudou, como a 415 — de onde lembra com carinho da professora Fátima, que o ensinava a ler e escrever —, a 411 e a 619. Diante da falta de opções de lazer, a diversão da rapaziada era ir aos bailes de forró e rap nas casas noturnas da cidade, segundo Rubens "as formas de expressão culturais de Samambaia". Por conta de um acidente de trânsito em 2007, em que teve a perna gravemente fraturada, o rapaz abandonou os estudos e o trabalho de técnico em eletrônica. "Não quero parar de estudar. Este ano volto para o Ensino de Jovens e Adultos para me formar", planeja ele, que ainda usa faixa na perna e caminha com dificuldade. Para o futuro, o jovem sonha se tornar policial militar para levar mais segurança às ruas de Samambaia.

Rubens também gostaria de um rede de saúde mais digna para cidade. E de um teatro, um cinema. Quando pensa no presente que gostaria de receber hoje, no aniversário de Brasília, ele não hesita. "Ver as melhorias chegando aqui, como o asfalto e o hospital (Regional de Samambaia) me deixa feliz. A gente precisa disso", afirmou. Ele vibra ao falar da obra da Vila Olímpica Rei Pelé, em andamento na região, que oferecerá opções de lazer e esportes para jovens e crianças. "Só assim a vida aqui pode melhorar. O melhor presente é mais dignidade para o povo. Quem não quer viver melhor, né?", perguntou. Independentemente de que aconteça, de quanto tempo demore, o jovem samambaiense não pensa em deixar a cidade. "Nasci aqui, cresci aqui e é aqui que quero viver. Amo esse lugar", concluiu.

1990

CLEVERSON E AS ELEIÇÕES

(VINTE ANOS DEPOIS DA AUTONOMIA POLÍTICA, O PRIMEIRO VOTO)

ELE, QUE ESTAVA NOS BRAÇOS DA MÃE NO PRIMEIRO PLEITO DO DF, VOTARÁ NO ANO QUE VEM



ROVÊNIA AMORIM

Em 3 de outubro de 1990, dia da tão aguardada eleição, a estudante-brasiliense Célia Alves da Silva, então com 17 anos, levava nos braços o bebê de três meses para dar o seu voto ao candidato Roriz. Cleverson Alves de Carvalho tem hoje 18 anos. Ele nasceu em 6 de julho de 1990, ano das primeiras eleições gerais no Distrito Federal, que incluíram a escolha do governador e dos 24 distritais na Câmara Legislativa, responsáveis pela elaboração da Lei Orgânica do DF — promulgada em 8 de junho de 1993.

No próximo ano faz duas décadas que o brasiliense foi às urnas pela primeira vez para escolher o governador. E o estudante de enfermagem vai estar entre os jovens que votarão pela primeira vez. Até 1990, os políticos que ocupavam o Palácio do Buriti eram indicados pelo governo militar. A vontade popular não tinha direito a voto. Somente a partir de 1967 esses políticos indicados deixaram de ser chamados prefeitos para ganhar o status de governadores.

A Prefeitura do DF foi criada pela Lei nº 3.751, de 13 de abril de 1960, que vigorou até 17 de outubro de 1969, quando a Emenda Constitucional nº 1 transformou a prefeitura em governo. Israel Pinheiro foi o primeiro e Wadjó Gomide o último dos 12 prefeitos que os brasilienses tiveram. E Hélio Prates, que dá nome a uma das principais avenidas em Taguatinga, o primeiro dos oito governadores indicados a comandar a capital federal. O prefeito que passou mais tempo no cargo é quase desconhecido na história de Brasília — Plínio Reis de Cantanhede Almeida. Hélio Prates e Elmo Serejo foram os governadores que

E MAIS...

No ano em que Brasília escolheu o seu primeiro governador, a política nacional também viveu momentos de ineditismo. Em vez do rodízio café com leite, entre políticos de São Paulo e de Minas Gerais, foi empossado presidente o algoano Fernando Collor de Melo. No mundo, euforia com a libertação de Mandela, após 27 anos de prisão. Na União Soviética, teve início o governo de Gorbachev. Um ano triste para os fãs de Cazuza. O compositor de *Bete Balduino* e *Maior Abandonado* perdeu a luta contra a Aids. Em 1990 morreu também o revolucionário Luiz Carlos Prestes, que liderou um grupo de soldados na marcha que ficou conhecida com Coluna Prestes. Era casado com Olga Benário, entregue no governo de Getúlio Vargas a Adolf Hitler. No futebol, sorte para a Alemanha, que venceu a Argentina por 1x0 e foi campeão do mundo pela terceira vez. E também para o piloto brasileiro Ayrton Senna, que conquistou o bicampeonato de Fórmula-1.

mais tempo permaneceram no cargo — quase cinco anos cada.

Em 1990, enfim, depois de 30 anos da inauguração, Brasília conquistava a autonomia política. Em 3 de outubro, 776.739 eleitores compareceram às urnas. Joaquim Domingos Roriz, que já havia sido governador bônico do DF em 1988, voltava novamente ao cargo, desta vez pela vontade do povo. Candidato pela Frente Comunitária, ele venceu as eleições com vantagem de 229.189 votos sobre o segundo colocado, Carlos Saraiva (PT), que obteve nas urnas — 132.254.

"Roriz foi um bom governador. Sempre preocupado em melhorar a situação da classe mais humilde", diz Cleverson, militante do PMDB, partido a que pertenceu Roriz em quase toda a sua trajetória política. Em 1990, no entanto, ele era candidato pelo PTR. O PMDB apoiava o candidato Elmo Serejo, do PL, que já havia governado o DF entre 1974 e 1979. Foi ele inclusive o governador bônico que mais tempo passou no cargo. Nomeado em 20 de outubro de 1988, deixou o cargo em 12 de março de 1990 para disputar as eleições em que saiu vitorioso.

A autonomia política plena do DF foi assegurada pela Constituição Federal de 1988. Dois anos antes, porém, coube ao governador José Aparecido conduzir as primeiras eleições no DF realizadas em 15 de novembro — quando se elegeram os três senadores e oito senadores pelo DF. A disputa teve a participação de 259 candidatos de 22 partidos — 169 disputaram as vagas na Câmara dos Deputados e 49 as do Senado. Foi uma eleição atípica: cada eleitor podia votar em três nomes para o Senado e um para a Câmara.

O processo de eleição no DF mudou a história da sociedade. "Grupos de interesse que não estavam em posição de poder passaram a ter", observa Eurico Gonçalves Santos, professor de sociologia política na Universidade de Brasília (UnB). E por que decorreu tanto para a autonomia política chegar a Brasília? "É preciso lembrar que os militares fizeram a ditadura elegendo deputados e governadores o tempo todo. O que explica a falta de representatividade política no DF é a facilidade para exercer um governo central, distanciando das paixões políticas. Mas, claro, tudo isso casava com a tendência autoritária de governar."

1991

JÚLIA E O SUDOESTE

(QUANDO A JUVENTUDE AMADURECE COM O NOVO)

José Varela/CB/DA Press



ESTUDANTE NASCEU NO ANO EM QUE O PROJETO PARA O SETOR FOI APROVADO

FLÁVIA FOREQUE

Era no vão dos prédios da SQSW 302 que as crianças brincavam e os adolescentes se encontravam para conversar. Também foi nesse espaço que, há oito anos, ocorreu um simbólico protesto contra a retirada de duas árvores em frente ao edifício recém-construído. A justificativa era de que as duas espécies poderiam cair e atingir o bloco. Um estudante de biologia, morador do local, não se conformou com a decisão e desceu de seu apartamento com cartazes para protestar. Ainda que sozinho, o solitário protesto ficou marcado na memória da jovem Júlia Naves Lins, que havia acabado de se mudar com a família para o — tão jovem quanto ela — Sudoeste.

Júlia e o hoje bairro nobre de Brasília nasceram no mesmo ano: 1991. O setor fazia parte do projeto Brasília Revisitada, do urbanista Lucio Costa, aprovado pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente em 1987, e foi inserido na área tombada pelo Patrimônio Histórico da Humanidade. Dois anos depois ocorria o lançamento do bairro, com a divulgação das primeiras licitações de terrenos, numa área de 3,8 milhões de metros quadrados. Finalmente, no começo da década de 90 tinha início sua construção.

A mudança da família de Júlia para a nova região não ocorreu no tempo previsto. Ela foi adiada devido à falência da Encol, maior construtora do país na segunda metade da década de 1990. "O prédio ficou no esqueleto", afirma a adolescente. Assim mesmo, o edifício, numa das primeiras quadras erguidas no Sudoeste, ficou pronto antes de prédios vizinhos. "A quadra era muito barenta por causa das construções", recorda-se a menina. De fato, o Sudoeste foi apelidado, nessa época, de "lamoeste", durante o período de chuvas, e "poeiraoste", na seca. Os restos das obras, entretanto,

faziam a alegria da garotada — eram usados pelos meninos para improvisar casas de madeira.

A facilidade em achar tudo o que se deseja a poucos metros de casa é elogiada por Júlia. O bloco da jovem fica a poucos metros de uma área comercial, onde é possível encontrar bancos, locadoras de vídeo, escolas de inglês e restaurantes. "Você consegue resolver tudo aqui. Eu gosto dessa praticidade que o Sudoeste dá". Há seis anos, o setor foi oficializado, junto com a Octogonal, com a 22ª Região Administrativa de Brasília, desmembrando-se do Cruzeiro.

Os sete anos no local, no entanto, também permitiram a Júlia acompanhar o avanço do número cada vez maior de carros — e os consequentes engarrafamentos. E, em breve, Júlia pode ter de encarar diariamente a realidade do trânsito — a jovem pretende fazer vestibular para concorrer a uma vaga no curso de Engenharia na UnB. Os engarrafamentos para chegar à universidade prometem ser constantes no futuro dela, se for aprovada. Mas nem por isso ela deixa de gostar do local que a família escolheu para morar: "As pessoas de quem me aproximei, que também moram aqui, fizeram o Sudoeste ficar especial".

E MAIS...

No início de 1991, tropas aliadas, sob o comando dos Estados Unidos, começaram uma guerra contra o Iraque. A invasão do Kuwait por tropas iraquianas levou à Guerra do Golfo. No mesmo ano, formou-se o bloco econômico do Mercosul, composto por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Ao mesmo tempo, os brasileiros passaram a ter mais um instrumento para garantir seus direitos, com a entrada em vigor do Código de Defesa do Consumidor.

Parabéns Brasília!

No aniversário de 49 anos da Capital Federal
Brasília recebe um grande presente:

SESC Presidente Dutra,
a mais nova Unidade de prestação de serviços
do SESC-DF no coração da cidade.

Adelmiir Santana
Presidente do SESC-DF



1992

PATRICK E O METRÔ

(UMA OPORTUNIDADE PARA FAZER AMIGOS)

LÚCIO FLÁVIO

A rotina é dura. Todos os dias, às 5h30, Patrick Almagro dos Santos já está de pé. É a hora que precisa levantar para se arrumar e pegar o metrô na estação de Ceilândia Sul. Só assim conseguirá chegar a tempo na Escola Centro Fundamental Polivalente da 114 Sul, no Plano Piloto. Ele entra às 7h30. Bem, a rotina é dura, mas ele não reclama. Sabe que tudo seria mais difícil se tivesse que ir para o colégio de ônibus. O que aconteceu às vezes. "Daí tenho que levantar mais cedo, às 5h, pelo menos", explica. "Mas nem sempre chego porque dependo de dois ônibus e o trânsito na maioria das vezes não facilita", detalha. "Isso quando o ônibus, de tão cheio, não quebra no meio do caminho", acrescenta.

E MAIS...

Embalados pela ministério Anos rebeldes, de Gilberto Braga, e tomados por um contagiante clima de insatisfação, milhares de estudantes ganharam as ruas do país, em 1992, com um único propósito: pedir o afastamento do presidente Fernando Collor, envolvido numa série de escândalos de corrupção. Ficaram nacionalmente conhecidos como caras-pintadas. No mundo, o cenário foi marcado pela eleição do democrata Bill Clinton e a prisão do lutador de boxe Mike Tyson, condenado a 10 anos de prisão por estupro.

Usuário do transporte, ele encara essa rotina como uma sina quase simbólica, já que nasceu no mesmo ano em que o governo deu início às construções do metrô de Brasília. Hoje, aos 16 anos, o estudante, morador do P. Sul, faz parte de uma realidade que comporta milhares de estudantes e trabalhadores que utilizam um dos mais seguros e práticos transportes urbanos. "Além da segurança, o metrô é bastante rápido", observa.

Com 21 estações espalhadas pelo Distrito Federal e quase 50km de extensão, o metrô de Brasília transporta todos os dias cerca de 150 mil pessoas. Inaugurado oficialmente em abril de 1994, o prático transporte facilita a vida

Fotos: Daniel Ferreira/CBIDA Press



ESTUDANTE VÊ O LADO BOM DE PODER USAR O TRANSPORTE, MESMO TENDO DE FICAR EM PÉ. "O METRÔ CHEIO É SEMPRE UM MOTIVO PARA PUXAR CONVERSA"

Na Europa, em países como França e Inglaterra, por exemplo, o metrô é quase como parte da paisagem urbana e um eficiente meio de locomoção há décadas. O mesmo acontece nos Estados Unidos e em grandes cidades brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro. "Andar de carro hoje em dia é complicado", comenta Patrick, que faz uso do metrô também para ir ao curso de inglês e nos nos fins de semana, quando está de folga. "Além de ser mais barato, é vazio", comenta.

A mãe de Patrick, Mônica Regina dos Santos, 34 anos, sabe muito bem do conforto que é poder usufruir do metrô. Além, claro, da segurança e tranquilidade que o transporte lhe dá, longe da esquizofrenia

urbana. Só reclama um pouco do valor da passagem, R\$ 3, mas sabe que o dinheiro gasto tem retorno garantido. "O ônibus, dependendo do lugar, custa R\$ 2. Prefiro pagar mas caro e ter a garantia de comodidade e a certeza de que chegarei no horário certo", ressalva.

Ela lembra que quando viu as primeiras obras do metrô em andamento, ainda no Plano Piloto, duvidou que o projeto, de fato, vingasse. Grávida de Patrick, ela via pela janela do ônibus as árvores sendo arrancadas e replantadas em outros locais, além de máquinas fazendo dos enormes buracos no chão. "Nunca acreditei em promessa de político, duvidava que fosse sair. Para mim, era como aquela piada do (grupo humorístico) Os Melhores do Mundo: 'Algo que ia do nada para lugar nenhum'", lembra, entre gargalhadas. Mas vingou. E hoje, as-

sim como "outras 150 mil pessoas, ela pega o transporte para chegar com rapidez ao trabalho ou em casa. "Se fosse para fazer o trajeto de ônibus levaria umas duas horas", calcula. "De metrô é rapidinho", compara Mônica.

Patrick comenta que o metrô está sempre lotado nos horários de pico, ou seja, por volta das 7h e ao meio dia, quando vai e retorna da escola. Ele explica que faz parte da rotina, que muita gente deixa de ir para o trabalho para pegar o transporte, e que a superlotação já facilitou criar novas amizades. "O metrô cheio é sempre um motivo para puxar conversa, já fiz vários amigos no trajeto para a escola", confessa. "Espero que tenha mais investimentos na área, deveriam existir mais linhas de metrô", torce.

1993

LARA E AS ARTES

(A INFLUÊNCIA DE UM ESPAÇO CULTURAL EM UMA BRASILENSE)

Professor há 16 anos do Espaço Cultural da 508 Sul, o crítico, curador e jornalista Sérgio Moriconi adora pregar uma peça exemplar em seus alunos do curso de cinema. Sempre nas primeiras aulas ele desafia: "Quero que vocês descubram onde fica localizada, aqui em Brasília, a Praça 21 de Abril!", provoca.

Desesperados, muitos chegam a virar a cidade de ponta cabeça e se surpreendem, ao saber que o lugar fica a menos de 100 metros de um dos espaços culturais mais emblemáticos da cidade. Precisamente do outro lado da W3 Sul. "É importante que desde cedo eles saibam a importância da preservação da memória", salienta Moriconi, carioca de nascimento, mas morando em Brasília desde o primeiro ano de vida. "O Espaço Cultural da 508 Sul ocupa um lugar estratégico na cidade, dentro do que chamo de quadrilátero histórico de Brasília, próximo de pontos importantes como a Igreja da 308, de escolas como Elefante Branco e Caseb, além, claro, do Cine Brasília", destaca.

Essa noção de localização estratégica de um dos centros de atividades mais emblemáticos da cidade, aliada à sua importância não somente histórica, mas também como formação de público, parece ter contagiado a jovem Lara Guedes de Aquino, 15 anos, nascida no mesmo ano em que o espaço foi inaugurado, 1993.

"Eu vinha muito aqui com os meus pais quando criança. Como eles gostam de arte plástica, eu e meu irmão sempre acompanhávamos as exposições. Foi aqui também onde eu assisti à primeira peça de teatro. Não lembro o nome, só sei que era um musical",



LARA É HOJE ASSÍDUA NO ESPAÇO CULTURAL QUE FREQUENTAVA COM OS PAIS

revela a estudante, que costuma ir da escola ou de casa para a 508 Sul. "O acesso é fácil porque é bem localizado e fica perto de tudo no Plano. E os ônibus param em frente. Tenho muitos colegas que moram nas satélites que fazem isso. É um lugar bastante democrático em todos os sentidos", observa.

Construído no local onde funcionou a primeira sede da Novacap, o

E MAIS...

Em 1993 Brasília ganhou mais uma cidade, Recanto das Emas, hoje com quase 94 mil habitantes. O nome teve origem no fato de a área, antiga ocupação de chácaras, ser habitada por muitas aves da espécie. No cenário internacional, enquanto o ano começou com a divisão da Tchecoslováquia na República Checa e Eslováquia, mediadores da ONU tentavam uma solução de paz para a Bósnia e Herzegovina, prevendo a divisão do país em 10 províncias. Em Nova York, terroristas detonaram um carro-bomba no estacionamento do World Trade Center, matando seis pessoas.

sobras de escombros do GDF, o Teatro Galpão, fazendo despontar no cenário rostos que hoje fazem parte da cena teatral brasileira como Guilherme Reis, Humberto Pedranciai e Hugo Rodas. Não demorou muito e logo seria erguido o Teatro Galpãozinho, palco de uma memorável exibição do clássico *Encouraçado Potemkin*, filme do russo Sergei Eisenstein, na época, proibido no país pela censura. Naquela dia histórico, pelo menos 5 mil ávidos espectadores lotaram a sala com capacidade para 100 pessoas.

Estudante do 2º ano do ensino médio, Lara Aquino não tem idade suficiente para contar a história do Espaço Cultural da 508 Sul, mas sabe e entende o valor histórico e simbólico do lugar. "Tenho plena consciência da importância desse espaço", comenta, categórica. Enquanto espera a hora de tentar uma vaga no curso de agronomia, da UnB, mata o tempo desenvolvendo hobbies, um deles o curso de cinema da 508 Sul. "O legal daqui é que os cursos são bons, dados por profissionais experientes. Além, claro, de serem uma opção artística para os jovens já que tudo é de graça e de qualidade. Só podia ter mais estrutura para eles (os professores) trabalharem", avalia. (LF)

Espaço Cultural é um lugar mítico na cidade. "Foi aqui que começou a nascer o quarteirão do Plano do Lúcio Costa", observa Sérgio Moriconi. Importante complexo cultural nos anos 1970, o local foi se formando da necessidade de expressão das mais variadas manifestações artísticas e da busca, sobretudo dos jovens, por uma formação profissional na área. "É um lugar onde as pessoas podem ir sem precisar consumir nada", sintetiza o professor e ator Marcelo Beré.

Os traços iniciais do centro foram desenhados no longo ano de 1973, com as instalações das primeiras galerias. Dois anos depois, foi inaugurado, a partir de

ESPAÇO DA 508 SUL
Horário de funcionamento:
das 8h às 22h. Telefone para
contato: 3443-6039/1559.
www.sc.fgv.br

1994

ADOLFO JÚNIOR E A RAINHA DA PAZ

(O PRIMEIRO BATISMO DA SEGUNDA CATEDRAL)

DA REDAÇÃO

No mesmo ano em que Brasília se tornava a única cidade do Brasil com duas catedrais, nascia Adolfo José Pimenta Soares Júnior. O brasiliense, hoje com 14 anos, foi a primeira criança registrada no livro de batismos da Rainha da Paz, já em 12 de março de 1995. Quem celebrou a missa inaugural foi Dom Geraldo Ávila, na época pároco da nova igreja, que mesmo após o evento, prosseguiu em obras. Por isso, o batizado de Júnior (como ele prefere ser chamado, já que tem o mesmo nome do pai) foi excepcionalmente realizado na casa do bispo.

O pai, Adolfo Pimenta, justifica o privilégio do batizado. "Ávila era amigo da minha avó havia muitos anos. Foi ele que rezou a missa dela de 90 anos, aqui na paróquia Rainha da Paz. Ele me batizou, me crismou, me casou e batizou esse danado aqui", diz, orgulhoso, apontando para o filho. "O Dom Ávila disse que ia fazer um batizado especial, na casa dele." E foi assim. A data escolhida foi o aniversário do padrinho do menino, que morava em Belo Horizonte. "Vou marcar o batizado do Júnior para o dia do seu aniversário, aí a gente faz tudo junto, uma festa só", prometeu Adolfo ao seu primo.

Mas Júnior precisava ser registrado em alguma igreja. "Dom Ávila era pároco da Rainha da Paz, então registrou aqui. Por coincidência, eu descobri que o Júnior tinha sido o primeiro batizado quando vim buscar o batistério dele para a primeira comunhão. Foi quando eu vi que ele era o livro um, página um, batizado um, tudo um!". E a surpresa agradou. "Eu falei para ele: 'É bicho, você está com uma moral, hein?'", diverte-se Adolfo, que conta ainda que, no mesmo dia, outra criança também foi batizada depois de Júnior.



RAPAZ NASCEU NO ANO DA INAUGURAÇÃO DA ATUAL IGREJA DOS MILITARES, QUE RECEBEU, EM SUA PEDRA FUNDAMENTAL, A BÊNÇÃO DO PAPA JOÃO PAULO II

No dia da descoberta, o menino já tinha 12 anos. "Fiquei sabendo quando fiz minha primeira comunhão, achei engraçado" — é apenas o que diz Júnior, muito tímido.

Adolfo, o pai, nasceu em Brasília em 1963 e morava na Vila Planalto, local em que Dom Ávila criou, em 1970, a Fraternidade Pastoral de Maria, conhecida como Casa da Sopa, com atendimento alimentar a necessitados, e que hoje funciona no Cruzeiro, Paranoá, Taguatinga e Itapoã. Em 1969, Adolfo mudou-se para Taguatinga, onde mora até hoje com a esposa e os dois filhos, Júnior e Felipe. Seu pai veio para Brasília em 1958, para trabalhar na construção da cidade, e não quis mais sair daqui. A família não chegou a frequentar a Rainha da Paz, por ser longe de casa, mas ainda faz visitas esporádicas.

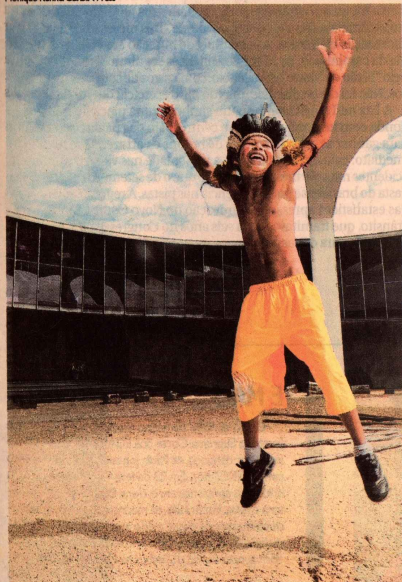
A igreja é mais uma obra do arquiteto Oscar Niemeyer e foi inaugurada na capital no dia 12 de dezembro de 1994. Localizada no canteiro central do Eixo Monumental, a Catedral Militar Rainha da Paz foi construída com a bênção do papa João Paulo II, que rezou uma missa em visita a Brasília três anos antes e abençoou a pedra fundamental — hoje embutida aos pés da cruz da fachada. O pároco da igreja era dom Geraldo do Espírito Santo Ávila, que se tornou arcebispo militar do Brasil em 1990, sob nomeação do papa. O padre trabalhou em Brasília por quase 50 anos, período no qual foi pároco de várias igrejas e criou mais de 40 pastorais. Morreu em novembro de 2005, aos 76 anos, vítima de câncer, e foi velado e sepultado na Rainha da Paz.

E MAIS:

O ano de 1994 foi marcado por tristes despedidas para a população brasileira. O país teve de dizer adeus ao piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna, que morreu em um acidente na curva Tamburello, durante o GP de San Marino, em Imola, na Itália. Também faleceram nesse ano o poeta Mário Quintana, o comediante Mussum, o cantor e compositor Tom Jobim e o atacante Dener, do Vasco, vítima de um acidente de carro. Mas o ano também foi de alegrias. A Seleção Brasileira foi tetracampeã mundial de futebol, ao vencer a Itália, nos penáلتis, na Copa dos Estados Unidos. A equipe homenageou Senna, carregando na volta olímpica uma faixa com os dizeres "Senna, aceleramos juntos. O título é nosso". Foi ainda em 1994 que o país ganhou ouro no Mundial Feminino de Basquete, ocorrido na Austrália, e que Franco e Roberto Lopes foram campeões mundiais de vôlei de praia. Fernando Henrique Cardoso foi eleito presidente do Brasil no primeiro turno. Entrou em vigor o real, a 10ª moeda brasileira, substituindo o cruzeiro real. A passagem de ônibus e o bilhete do metrô do Rio custavam R\$ 0,35, e o litro da gasolina custava R\$ 0,537. Foi ainda nesse ano que Brizola inaugurou a Universidade Estadual do Norte Fluminense, e que o mundo viu a inauguração do Túnel da Mancha, ligando a França à Inglaterra. Nos Estados Unidos, morreram o cantor e guitarrista Kurt Cobain e o presidente Nixon.

1995

Monique Renne/CBDA/Pras



MORADOR DA RESERVA BANANAL, DANILLO COMEMORA A VISITA AO MEMORIAL

E MAIS:

Em 1995, houve importantes obras em estradas. Em março, o governo inaugurou no Paraná a pavimentação das rodovias DF-001 e DF-015. No mesmo mês deu início à duplicação das rodovias 070 e 060. Em maio, uma epidemia do vírus Ebola invadiu o Zaire, na África, matando milhares de pessoas e assustando o mundo. Em julho, o presidente norte-americano Bill Clinton anunciou a normalização da relações entre os Estados Unidos e o Vietnã, o histórico inimigo asiático. Na Bolívia, em outubro, um general boliviano afirmou que os restos mortais do líder socialista Ernesto Che Guevara estavam enterrados na pista de pouso da base militar de Vallegrande. Um mês depois, em novembro, o líder israelense Yitzhak Rabin foi assassinado por um estudante judeu ortodoxo, contrário às negociações de paz entre Israel e Palestina.

MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

Aberto de segunda a sexta, das 9h às 18h. Sábado, das 10h às 18h. Entrada gratuita. Telefones: 3344-1153/3342-1156

DANILO E O MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

(O ENCONTRO DO ÍNDIO COM O TRIBUTO À SUA CULTURA)

LÚCIO FLÁVIO

Descendente de índios da tribo pankararus, de Pernambuco, e tuxás, da Bahia, o pequeno Danilo Douglas dos Santos, 14 anos, não fala o dialeto de seu povo. O português, muito pouco. Mas não por algum tipo de impossibilidade. Tímido, introspectivo, quase não abre a boca para conversar, preferindo, na maioria das vezes, comunicar-se por meio de um sorriso franco e contagiante, daqueles tão característicos de seus ancestrais. Nascido em Brasília, no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), ele nem desconfiava que leva nas costas o mesmo número de anos do monumento que reverencia a sua cultura, o Memorial dos Povos indígenas. "Nunca vim aqui porque não sabia que existia", lamenta.

Estudante do Centro Educacional 7, da 912 Norte, ele é uma das 27 pessoas de nove famílias que moram na Reserva Bananal, localizada no Setor Noroeste. Segundo o IBGE, vivem em Brasília cerca de 9 mil índios. "Grande parte distribuída em várias famílias pelas satélites, atuando de forma pessoal e familiar em atividades do governo e privadas", detalha Marcos Terena, o primeiro índio a assumir a diretoria do Memorial dos Povos Indígenas.

Na Reserva Bananal, estão reunidas três etnias: Cariri-xocó (SE), Fulni-ô (PE) e Tuxá (BA). Tia do pequeno Douglas, Edinalva Conceição Cavalcante conta que sua família mora no lugar há mais de 30 anos. "Brasília é muito bom, mas não saio dessa reserva de jeito nenhum, eu gosto é de mata", admite. Já Douglas transita com desenvoltura pelas vias desenhadas por Lucio Costa. Além de seguir toda semana para a escola de bicicleta, costuma visitar, nas horas de folga, o Parque da Cidade e a Água Mineral, a poucos metros da reserva onde mora. "Brasília tem coisas boas, não é um lugar poluído", observa sabidamente ele que, embora não conhecesse o Memorial dos Povos Indígenas, já tinha frequentado o Memorial JK, que fica do outro lado da rua. "Foi num passeio da escola, gostei muito. Mas não sabia que um era tão perto do outro", observa o jovem.

No Memorial dos Povos indígenas, Danilo ficou impressionado com as peças de artesanato de vários tribos brasileiras coletadas ao longo de 40 anos pelo casal de antropólogos Berta e Darcy Ribeiro e por Eduardo Galvão. A ligação do jovem índio com os objetos não é gratuita, já que ele também é um artista das mãos. Confecciona colares, brincos e pulseiras a partir de sementes de açaí e morototó, além de barbantens. "Faço um colar em meia hora", conta, orgulhoso.

E a lição que tira já vem na ponta da língua. "Vou trazer meus colegas para conhecer também. Todo mundo fala que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, mas é mentira, os índios já estavam aqui antes", ensina.

Parabéns Brasília!
Escola: você decide.
Seu imposto paga
Cheque-Educação

www.abeduq.org.br

Associação Brasileira pela Educação de Qualidade (ABEDUQ)
Izalci Lucas - Presidente

1996

EM BUSCA DA PAZ NO TRÂNSITO

(BRASILIENSES SE MOBILIZAM)



ANDRESSA E SUA MÃE, FLORA: UNIÃO PARA PEDIR PRUDÊNCIA AOS MOTORISTAS

Foto: Olycom/CEBIA/Press

ROVÊNIA AMORIM

Se uma passeata fosse marcada para hoje no Eixão Sul com todos vestidos de branco pedindo paz no trânsito, a pequena Andressa Paulino, 12 anos, estaria lá com a mãe, em meio à multidão. "Tem motorista de ônibus e de carro que corre muito. Isso é perigoso", diz a menina, aluna de boas notas da 6ª série da Escola Classe 405 Sul. Filha única da copeira Flora Paulino da Silva, 35 anos, Andressa nasceu em 15 de setembro de 1996, dia em que 25 mil brasilienses caminharam, a passos lentos, com faixas de protesto e de esperança pelo Eixão Sul para pedir um basta à violência nas pistas.

E MAIS...

Em 1996 a África do Sul aboliu a política do apartheid. A violência, porém, imperou no Brasil com o massacre em Eldorado dos Carajás, no Pará, quando 19 sem-terra foram assassinados por policiais. Tragédia com o Fokker 100 da TAM, que caiu sobre área residencial, a 1.200 metros da pista do Aeroporto de Congonhas, mantendo 98

Freitas de Pádua, também nascida no ano da passeata pela paz no trânsito. Marina não tinha ainda ouvido falar da campanha de 1996, iniciada pelas reportagens diárias do Correio, que tornaram o motorista brasileiro mais civilizado. Brasília era um exemplo de vergonha para o país. Em 1995, o trânsito matou 40 de cada 100 mil habitantes, mais do dobro da média nacional.

Mesmo sem saber do local do protesto, que reuniu pais, filhos, pobres e ricos, empresários, estudantes e políticos numa mobilização popular com repercussão na imprensa nacional e internacional, a estudante de 12 anos comentou sobre o Eixo Rodoviário e as seis

tidão. "Tem motorista de ônibus e de carro que corre muito. Isso é perigoso", diz a menina, aluna de boas notas da 6ª série da Escola Classe 405 Sul. Filha única da copeira Flora Paulino da Silva, 35 anos, Andreza nasceu em 15 de setembro de 1996, dia em que 25 mil brasileiros caminharam, a passos lentos, com faixas de protesto e de esperança pelo Eixo Sul para pedir um basta à violência nas pistas.

Em 1996, o trânsito matava mais que hoje. As pistas eram livres de pardais; não se respeitavam os limite de velocidade e nem o pedestre na travessia. No ano em que o brasiliense foi às ruas clamando pelas vidas perdidas, as estatísticas contabilizaram 544 acidentes com vítimas fatais — num total de 610 pessoas mortas. Em 2008, o número de acidentes foi de 416 e de mortos, 454. Em 1996, 266 pedestres faleceram; no ano passado foram 157. Brasília era duas vezes mais violenta no trânsito do que São Paulo e 10 vezes mais que Chicago, nos Estados Unidos.

As campanhas que se seguiram à passeata, além de melhorar a sinalização, contribuíram para frear a violência nas vias. Apesar da redução nas estatísticas de morte, Flora e a filha não se sentem seguras. Achem o trânsito perigoso. "A impressão que a gente tem é que naquela época havia mais paz no trânsito", surpreende-se Flora, ao saber das estatísticas do Departamento de Trânsito (Detran-DF).

A queixa dela tem a ver com a quantidade de carros nas ruas. "Os motoristas estão estressados. Tem dia que levo duas horas para chegar em casa por conta dos engarrafamentos", diz a moradora do Riacho Fundo I e que trabalha no início da Asa Norte. Há muito mais carros nas ruas. Desde 2000, a frota de veículos mais que dobrou —

E MAIS...

Em 1996 a África do Sul aboliu a política do apartheid. A violência, porém, imperou no Brasil com o massacre em Eldorado dos Carajás, no Pará, quando 19 sem-terra foram assassinados por policiais. Trágica com o Fôlkler 100 da TAM, que caiu sobre área residencial, a 1.200 metros da pista do Aeroporto de Congonhas, matando 98 pessoas. Outro acidente aéreo matou o grupo Mamonas Assassinas, no auge do sucesso. Tristeza também pela morte de Renato Russo, da Legião Urbana. Nas Olimpíadas de Atlanta, o Brasil ganhou 15 medalhas, até então a melhor campanha brasileira.

são mais de 1 milhão de carros pelas vias, o que torna o fluxo lento demais nos horários de pico.

Apesar dos exemplos de incivildade, de motoristas irritados, que estacionam onde não pode e ultrapassam até sinal vermelho, ela orienta a filha a só atravessar a faixa após fazer o sinal e os carros pararem.

A violência no trânsito que assustou e assusta o brasiliense é freada por pardais, barreiras eletrônicas e blitzes que flagram e punem com rigor. Só assim o brasiliense habituou-se a reduzir a velocidade em pistas largas e retas. "A paz no trânsito hoje é o pardal e a barreira que multam. Mas para a geração de 1996, da paz no trânsito, pode ser que a conscientização funcione. Ainda há tempo", comenta a bióloga June Freitas, 50 anos, mãe de uma única filha — Marina

1997

OS IRMÃOS RAFAEL E GABRIEL E A FAIXA DE PEDESTRE

(UM MUNDO DE RESPEITO)

KARLA MENDES

Fazer o sinal de braço na faixa de pedestre e os carros não pararem? Isso não faz parte do mundo dos irmãos gêmeos Gabriel Assis dos Santos (à direita na foto) e Rafael Assis dos Santos, nascidos na capital federal quatro dias depois do início da vigência da lei que pune os motoristas que avançam sobre a faixa quando alguém estiver atravessando a rua.

Nas ocasiões em que viajaram com os pais para Porto Seguro, Rio de Janeiro, Fortaleza, Rio e Caldas Novas, os pequenos acharam muito estranho os motoristas não frearem para eles atravessarem. "Teve uma vez que a gente ficou com o braço dando sinal igual bobo, e os carros não pararam", lembra Gabriel. Mas mesmo existindo a lei em Brasília, os irmãos foram educados a ter cautela sempre. "Minha mãe sempre diz que depois de dar o sinal de mão,

Gustavo Moreira/CBDA Press



PARA OS DOIS GAROTOS, O ANORMAL É, EM OUTRAS CIDADES, OS MOTORISTAS NÃO PARAREM NAS LISTRAS BRANCAS

a gente tem que ter certeza que o carro parou", conta Rafael.

Os pais dos gêmeos foram agentes difusores das campanhas educativas da faixa de pedestre. A mãe, a professora Flávia Assis dos Santos, teve papel fundamental em sala de aula. "Na implantação, como tudo que é novo, as pessoas estavam muito empolgadas. No início, foi difícil a gente se acostumar, mas um dos grandes ganhos para a educação é a faixa de pedestre. Hoje é uma coisa tão natural quanto o cinto de segurança. A gente fica chateado quando os motoristas não param", observa. O pai, que na época era funcionário do Detran, atuou ativamente na campanha disseminada por toda a capital federal. "O Detran tem um grupo de teatro e o meu marido era o Stop, o palhaquinho feliz", comenta Flávia.

Ela recorda que, na viagem que a família fez a Recife algum tempo depois da implantação da lei, seus filhos ficaram surpresos e bravos

brasiliense mais civilizado. Brasília era um exemplo de vergonha para o país. Em 1995, o trânsito matou 40 de cada 100 mil habitantes, mais do dobro da média nacional.

Mesmo sem saber do local do protesto, que reuniu pais, filhos, pobres e ricos, empresários, estudantes e políticos numa mobilização popular com repercussão na imprensa nacional e internacional, a estudante de 12 anos comentou sobre o Eixo Rodoviário e as seis faixas de rolamento. "Tem muito acidente no Eixo. Os carros passam velozes e são várias pistas juntas. É perigoso", observa ela.

E, com razão. O excesso de velocidade é responsável por 95% dos acidentes com morte. Mais já foi bem pior. Antes dos pardais que foram o motorista a trafegar em 80 quilômetros por hora, 85% dos veículos ultrapassavam a velocidade da via. Três meses após o início da fiscalização eletrônica, o percentual de infração era inferior a 1%. No dia da caminhada, os 25 mil brasileiros seguiram três quilômetros pelo "Eixo da Morte" em silêncio, com carros de som tocando clássicos. Não foi dia de discurso, mas do puro exercício de cidadania.

A Paz no Trânsito ganhou um símbolo, uma placa de trânsito redonda com uma mão aberta ao centro. Saiu das páginas do Correio para ganhar as ruas, em forma de botões e cartazes. O resultado foi imediato: caiu em mais de 30% a velocidade nas vias e o número de acidentes nauque mês foi menor do que o de setembro de 1995. Era o basta do brasiliense para a violência nas pistas. A repercussão positiva nas estatísticas apressou a aprovação do Novo Código Brasileiro de Trânsito, que tramitava havia seis anos no Congresso. Era o exemplo de Brasília para o Brasil.

E MAIS

O ano de 1997 correu movimentado. Em 13 de janeiro, a Suprema Corte dos EUA começou a investigar denúncia de Paula Jones de assédio sexual contra Bill Clinton. Em 23 de fevereiro, cientistas britânicos apresentaram o clone Dolly, reprodução de uma ovelha. Em Brasília, na madrugada de 20 de abril, cinco rapazes de classe média atearam fogo no cacique Galdino Jesus dos Santos, da tribo pataxó, que dormia num ponto de ônibus na Quadra 703 Sul.

Educação

Em Brasília, entretanto, até que o processo educativo se consolidou, o período de transição não foi pacífico. As primeiras 24 horas de vigência da lei foram marcadas por 650 multas e muita discussão entre motoristas, guardas

de trânsito e pedestres. Em 1998, a campanha pelo respeito à travessia de pedestres surte efeito. O número de faixas passa de 600 para 1.048. Em um ano, cai o número de pedestres atropelados sobre as listras brancas. A despeito do avanço, no ano passado 454 pessoas perderam a vida no trânsito da cidade. A análise deve levar em conta o aumento da população de 1,8 milhão para os atuais 2,5 milhões. Nesse período, a frota de veículos quase dobrou, passando de 585 mil para mais um milhão.

Mas ainda há espaço para melhorar. Em 1997, foram duas vidas perdidas em atropelamentos na faixa, número que caiu para uma em 1998 e voltou a duas em 2008. Nesse intervalo, porém, foram registrados números críticos. Em 2005 foram sete e, em 2006, 10 pessoas morreram nas listras brancas. Reportagem publicada pelo Correio em 2 de abril mostrou que a maioria dos brasilienses afirmam que a travessia na faixa não oferece segurança total.

Daniel Ferreira/CB/DA Press



1998

A TÍMIDA LETÍCIA E LUCIO COSTA

(HERANÇA EM
DOIS TRAÇOS)

FERNANDO BRAGA

As ruas movimentadas das grandes cidades não seduzem. Nem o calor das praias nem a tranquilidade demasiada do campo. Para isso existem as férias e seus poucos dias do ano em que ela pode viajar, conhecer outros lugares e voltar para o seu lugar. Para o seu mundo, Letícia Lemos prefere mesmo a cidade onde nasceu e viveu os 11 anos de sua vida. Todo o universo — ou o que importa dele — da estudante da 5ª série do Centro Educacional 3, da Asa Sul, se concentra na cidade traçada por Lucio Costa, urbanista que imaginou o projeto de Brasília e faleceu no mesmo ano em que a tímida menina nascia.

Na simplicidade que é peculiar a quase tudo que permeia a infância de uma criança ela aprende, a cada dia, a gostar da cidade. Aprende a valorizar pequenas coisas que para muitos podem passar despercebidas ou, mesmo, serem subestimadas como, por exemplo, o valor que tem o espaço vago sob os prédios do Plano Piloto. "Adoro brincar com bola e pique-pega 'debaixo do bloco' com meus amigos", diz, trazendo à memória o pensamento das gerações que tiveram, têm ou ainda terão essa fase da vida relacionada com esses vãos cuidadosamente pensados por Lucio Costa. A obrigatoriedade dos pilotos para prédios, segundo o urbanista, era para que as crianças pudessem "brincar ao alcance da voz e que qualquer pessoa pudesse circular livremente por eles", o que contribuiria

Valerio Ayres/CB/DA Press



O IDEAL DO URBANISTA PRESENTE NA INFÂNCIA DA MENINA LETÍCIA

E MAIS...

A cidade vivia um ano agitado. O Gama sagrou-se campeão da segunda divisão do campeonato brasileiro, a Rodoviária do Plano Piloto foi reformada e o zoológico conheceu um triângulo amoroso vivido por três macacos babuínos (Capitu, Eliseu e Otelo). O filme *Central do Brasil* ganhou o Urso de Ouro no Festival de Berlim. No futebol, o Brasil deu vexame na final da Copa do Mundo, perdendo para a França. Em Londres, o ditador chileno Augusto Pinochet foi preso acusado de terrorismo, tortura e genocídio; na Suécia, o escritor José Saramago se tornou o primeiro autor de língua portuguesa a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. O mundo perdeu os cantores Nelson Gonçalves, Leandro, Tim Maia e Frank Sinatra; o diretor japonês Akira Kurosawa e o urbanista Lucio Costa.

AO ADMIRAR A GRACIOSIDADE DO PAINEL DO ARTISTA, TEOTÔNIO CULTIVA UM DESEJO: QUER SE TORNAR ARQUITETO

1999

O CONCRETO DECORADO

(TEOTÔNIO E A OBRA-PRIMA DE ATHOS BULCÃO)

DA REDAÇÃO

Já com o sonho de se tornar arquiteto, Teotônio Menezes é uma criança como outra qualquer. Sorriente e com jeito de peralta, o menino, que amanhã completa 10 anos, teve a oportunidade de conhecer com sua escola algumas das principais obras de Athos Bulcão em Brasília. Com seus coleguinhos, o menino da 4ª série (5º ano) foi apresentado aos painéis do artista plástico na Catedral, no Instituto de Artes da Universidade de Brasília, no Parque da Cidade e na Igreja Nossa Senhora de Fátima. Agarrado ao pequeno livro que ganhou no passeio — com explicações sobre os painéis e azulejos do artista carioca — Teotônio eluge seu local preferido: a Igreja na 307/308 Sul.

“As formas e os desenhos dos azulejos são bonitos, e lá dentro também”, resume o garoto; ao falar da obra mais clássica de Athos Bulcão na capital. Teotônio nasceu em 22 de abril de 1999, ano em que o artista inaugurou uma das mais recentes obras, no Hospital Sarah Kubistchek, no Lago Norte. O pequeno brasileiro participou com colegas da Escola Classe 106 Norte da aula-passeio com o Programa

Educativo BrasíliaAthos, uma parceria da Tríade Patrimônio Turismo Educação e da Fundação Athos Bulcão.

Paixão

Athos Bulcão nasceu em julho de 1918 no Rio de Janeiro. Começou a cursar medicina, mas abandonou para seguir sua paixão pela arte. Em 1940, ele conheceu o pintor Carlos Scliar, que o apresentou a Burt Marx e Cândido Portinari. Logo depois, conheceu Oscar Niemeyer, que o convidou a decorar sua moderna arquitetura com azulejos.

Foi em 1958 que Athos Bulcão veio a Brasília e acabou decidindo ficar na cidade cujo céu o encantou. “Parecia um manto cintilante, um manto com uma lantejola ao lado da outra”, descreveu na época. O artista morreu em julho de 2008, aos 90 anos, após parada cardiorrespiratória.

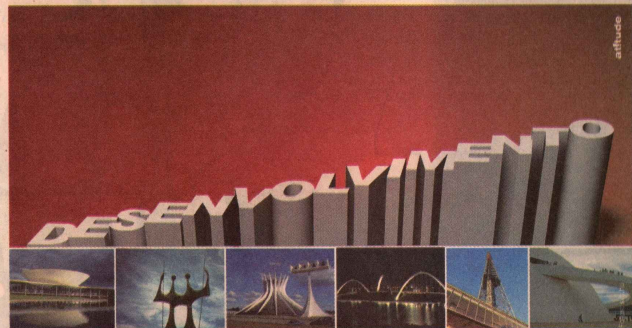
A presença de Athos Bulcão em Brasília continua visível mesmo aos olhares desatentos. Impossível não se impactar com a grandiosidade de seu legado, composto por quase 200 obras que decoram o intenso concreto da capital federal. Entre eles, a Catedral, o Congresso Nacional, a Torre de TV e o Teatro Nacional.

A obra favorita de Teotônio, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, foi inaugurada em 1957. Seu painel é o único trabalho de Athos Bulcão em que aparecem figuras. São pombas e estrelas, atribuídas ao Espírito Santo e à orientação dos magos à manjedoura de Jesus, respectivamente. Mas foi na Catedral Metropolitana de Brasília que realizou um de seus mais célebres trabalhos. Mas uma vez decorando a arquitetura modernista de Niemeyer, Athos pintou 10 pequenos quadros figurativos, com imagens de Cristo e da Virgem Maria. O painel de azulejos no batistêo completa a abstração característica do artista. Entre os monumentos importantes de Brasília, a Catedral foi eleita a primeira das sete maravilhas.

lar livremente por eles”, o que contribuiria para humanizar as áreas residenciais.

Deu certo. Passear por entre os pilótos das superquadras pode representar um passeio peculiar para alguém que vem de fora para conhecer a capital, mas para os filhos da Asa Sul e Asa Norte é muito mais que isso. Estar entre as pilstras é reviver momentos compartilhados na companhia de amigos.

“Quando crescer, quero continuar morando em Brasília”, conta. Aqui, no seu universo, ela é feliz e tem tudo o que precisa para isso. Família, amigos, lugares para se divertir. Na capital idealizada em 1957 por Lucio Costa, a geração de Letícia cresce. Jovens, ambas ainda têm muito a amadurecer e histórias para contar.



Brasília é uma cidade única. Única no jeito de ser, única no seu dia a dia, única na sua gente. A Lopes Royal orgulha-se de fazer parte há 32 anos dessa história e de ajudar a construir esse sentimento único de ser brasileiro de coração.

Parabéns, Brasília. Que muito mais desenvolvimento chegue nos próximos anos e venha repleto de felicidade para todos que a escolheram como a cidade para se viver.



3326-2233 | 3435-6666
www.lopesroyal.com.br

2000

SÍNTESE DA DIFERENÇA

(EXPLOÇÃO POPULACIONAL E DISPARIDADES SOCIAIS)

Daniel Ferreira/CBIDA Press



ALUNOS DA GERAÇÃO DO ANO 2000 EM ESCOLA PÚBLICA EM SANTA MARIA: ALEGRIA, DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS E CURIOSIDADE SOBRE A CAPITAL FEDERAL

Carlos Moura/CBIDA Press

ROVÊNIA AMORIM

O ano 2000 chegou a Brasília carregando a marca da explosão populacional. Em apenas quatro décadas, o número de habitantes atingiu a casa dos 2 mi-

chegou a 1 milhão, levou pouco mais de duas décadas para dobrar. Mas essa tendência não se manterá no futuro. "Os dois milhões estavam previstos desde 1975, no Programa de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília".

O ano 2000 chegou a Brasília carregando a marca da explosão populacional. Em apenas quatro décadas, o número de habitantes atingiu a casa dos 2 milhões. Mais motivo de preocupação com os problemas futuros do que para comemorações, o segundo milênio serviu de alerta para o brasiliense. O trânsito era uma delas. O traçado urbanístico que privilegiou a nova capital já não era suficiente para receber a frota de 585 mil carros, e apresentava para o brasiliense a realidade de uma metrópole não planejada pelo urbanista Lucio Costa, com engarrafamentos, motoristas irritados e falta de vagas nas áreas centrais.

A Brasília de 2 milhões de habitantes não era diferente da capital da primeira década e nem da atual, com as abissais diferenças sociais entre os mais pobres e os mais ricos.

O bebê-símbolo dos 2 milhões dessa então nova metrópole brasileira foi calculado estatisticamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Companhia do Desenvolvimento do Plano Central (Codeplan) para nascer em 28 de janeiro de 2000. No segundo minuto desse dia, no Hospital Regional de Taguatinga, uma menina, filha de uma dona de casa e um policial militar, virou o símbolo dos dois milhões de brasilienses.

Dava-se início, ali, à contagem das crianças da geração 2000. Em setembro desse ano, o Censo Demográfico do IBGE registrava a população oficial residente no Distrito Federal: eram 2.051.146 brasilienses. Pedro José, Sofia, Laura, Luiz Gustavo, Júlia e Lucas, colegas de uma escola particular no Plano Piloto, são crianças nascidas em 2000. Eles completam 9 anos este ano e vivem a realidade dos filhos da classe média que passeiam em shoppings e viajam para a praia, para cidades com neve e para o mundo mágico de Walt Disney, na Flórida. "Não brinco na rua porque não gosto. O que adoro mesmo é aquela montanha-russa com looping no Parque da Cidade", conta Luiz Gustavo de Santana Santos, morador da 309 Norte.

Uma realidade bem diferente da de crianças carentes de Santa Maria Sul, que chegam à escola pública na QR 403 de bicicleta ou a pé. Marília Thereza, Lucas, Joyce, André Victor, Gabrielly e Hérica também têm ou vão completar 9 anos este ano, mas fazem parte do mundo caente da maioria das crianças brasilienses. Joyce lembra de ter ido uma vez ao shopping para comprar roupas. Marília nunca foi ao cinema. Gabrielly jamais saiu de Santa Maria. "Minha mãe não tem condições de me levar lá no Plano Piloto. Queria ver a Torre de TV, o shopping, o palácio do Lula", diz a menina, criada pela mãe faxineira e órfã de pai, que morreu, segundo ela, de infarto há seis anos.

Desde o início da construção, Brasília apresenta-se como a síntese das diferenças sociais entre os brasilienses, mas é a cidade que puxa a expansão populacional e econômica no Centro-Oeste. Goiânia, por exemplo, a segunda cidade mais populosa da região, tem atualmente

ALUNOS DA GERAÇÃO DO ANO 2000 EM ESCOLA PÚBLICA EM SANTA MARIA: ALEGRIA, DEDICAÇÃO AOS ESTUDOS E CURIOSIDADE SOBRE A CAPITAL FEDERAL

Carlos Moura/CEBDA Press



CRIANÇAS DO PLANO PILOTO NASCIDAS EM 2000 QUE FREQUENTAM COLÉGIO PARTICULAR: DESCONTRAÇÃO, COLEGUISMO E GRANDE INTERAÇÃO COM BRASÍLIA

E MAIS:

A capital, inaugurada em 1960 como o marco da arquitetura modernista no Brasil, chegou a 2 milhões de habitantes no mesmo ano em que a febre amarela assustava: 850 moradores lotaram os postos de vacinação. Em 2000 também foi criada a Lei de Responsabilidade Fiscal, que obriga prefeitos e governadores a gastarem menos e melhor o dinheiro público. No mundo, o golpe de Estado no Equador derrubou o presidente Jamil Mahaud. Cuba e EUA disputaram a guarda do menino Elán, resgatado do naufrágio em que morreram a mãe e o padastro quando tentavam migrar ilegalmente para a América.

1.244.645 habitantes. Já no ano 2000, o DF abrigava a maior densidade demográfica entre as 27 unidades da Federação — na época 354 habitantes dividindo cada um dos 5.783 quilômetros quadrados do quadrilátero traçado no cerrado do Planalto Central. O que significa isso? Que em quatro décadas, ultrapassamos a população de capitais e cidades fundadas no tempo do Brasil Colônia. São Luís, no Maranhão, de 1612 até 2000, não havia chegado à marca de 1 milhão de habitantes.

Menos migrantes

Brasília completou os 2 milhões de habitantes quando ainda faltavam 81 dias para o aniversário de 40 anos. A população, que em 1978

chegou a 1 milhão, levou pouco mais de duas décadas para dobrar. Mas essa tendência não se manterá no futuro. "Os dois milhões estavam previstos desde 1975, no Programa de Desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília, por conta da questão migratória", explica Sérgio Magalhães, diretor de Gestão de Informações da Codeplan. "A questão migratória não é mais o grande fator de crescimento do DF. O crescimento hoje é vegetativo, principalmente nas cidades mais carentes", diz.

Desde 2002, tem havido saldo negativo na migração com a saída de brasilienses para o estado de Goiás — 41% das pessoas que entraram no Entorno de 2002 a 2007 vieram do Distrito Federal. Não é pouco. Esse percentual corresponde a cerca de 44,7 mil habitantes. É praticamente toda a população da Região Administrativa do Cruzeiro. "E nesse percentual não estão incluídos os migrantes que mudaram para Luziânia, cidade com mais de 170 mil habitantes e que ficou de fora da contagem populacional de 2007 do IBGE", esclarece Mirna Augusto de Oliveira, chefe do Núcleo de Estudos Populacionais da Codeplan.

Quem sai é o migrante que não consegue sobreviver numa capital com alto custo de vida e busca alternativas mais baratas de moradia, embora a maioria volte para trabalhar e mantenha aqui seus vínculos, utilizando a rede pública de ensino e de saúde. "Não gosto da palavra Entorno, prefiro classificar essas cidades como área metropolitana de Brasília. Muitas pessoas que foram expulsas para lá, são brasilienses que não conseguem pagar os preços de um Sudoeste", critica o geógrafo urbano Aldo Paviani.

Oportunidades

O perfil do migrante também mudou. Antes os que vinham para Brasília estavam atrás de moradia e melhores condições de vida. Atualmente, o que atrai são os concursos públicos e a oferta de um bom salário. "Costumo dizer que hoje o migrante, que ainda supera a população dos filhos dos nossos filhos que nasceram em Brasília, chega pelo aeroporto e tem dinheiro", diz o pesquisador associado da Universidade de Brasília (UnB).

O resultado do saldo negativo entre os migrantes que chegam e os que partem é que, pela primeira vez, o número de brasilienses não vai dobrar em duas décadas — de 2000 a 2020. Hoje somos 2,557 milhões de habitantes. Temos um trânsito de mais de 1 milhão de veículos, que forma até 60 quilômetros de engarrafamentos nos horários de pico. E em 2030 — três décadas após o segundo milhão de habitantes — vamos somar uma população de 3,634 milhões. Uma Brasília com população mais envelhecida. Nossas crianças e adolescentes, de até 14 anos, serão apenas 20%, e nossos idosos — que em 1960 eram 1,2% — quase 15% do total de brasilienses. "Vai ser uma outra Brasília, que não vai poder centralizar tudo no Plano Piloto", ressalta Paviani.

2001

GERAÇÃO DEDO VERDE NO PARQUE OLHOS D'ÁGUA

(CUIDADOS SINGELOS NA PRESERVAÇÃO)

Edilson Rodrigues/CB/DA Press



TODAS AS CORES DO OLHOS D'ÁGUA ENCANTAM CRIANÇAS NASCIDAS NO MESMO ANO EM QUE O PARQUE FOI CRIADO

NAIRA TRINDADE

Uma dimensão de área verde. Vinte e um hectares de mata com espécies nativas da fauna e da flora embelezam e dão qualidade de vida aos moradores da Asa Norte. Entre as árvores, três tipos de pistas de caminhada. Os passarinhos dão as boas-vindas e um relógio orientado pelo sol informa a passagem do tempo. Na nascente Lagoa do Sapo, patos, peixes e tartarugas nadam, se alimentam e viram modelos para fotografias. O cenário parece de filme. Mas é bem real. É o Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água, inaugurado em 2001, na 413/414 da Asa Norte.

Para conservar essa área privilegiada as crianças Lívia Almeida, Cael Lima, Gabriella Disessa, Pedro Azevedo, Maria Luiza Monteiro, Marcela Alves, Ana Clara Godoy e Ana Clara Bustamante entram em ação. Elas vieram ao mundo no mesmo ano em que o parque foi inaugurado e hoje se unem para preservá-lo.

Quando Ana Clara Godoy de Moraes nasceu, o parque tinha menos áreas construídas. "Ele não tinha o quiosque, não aquilo (ela aponta para a

E MAIS...

Em 2001, os usuários do sistema de transporte público do DF ganharam mais um aliado. O metrô começou a funcionar em 11 estações e ligava Ceilândia ao Plano Piloto. Morreu a intérprete Cássia Eller.

administração)", lembra a pequena. E era melhor assim? "Era. Se construírem muito, as árvores vão acabar. Tem que ter mais árvores, é um parque!", explica ela, atenta à conservação.

O mundo de opções que o Parque oferece encanta as crianças. "Aqui tem centopeias, lagartixas e escorpíões", conta Cael. "Eles moram aqui. O parque é a casa deles."

Na entrada central, o cartão de visita é uma academia a céu aberto. Barras e rampas inclinadas e horizontais favoreceram a prática da musculação e do alongamento. As pessoas podem malhar sem gastar um tostão. Depois dos exercícios, hora de se hidratar nos bebedouros espalhados na entrada e se refrescar sob a sombra do quiosque.

2002

O PEQUENO ARTHUR E A PONTE JK (AVENTURA AOS PÉS DOS ARCOS)

FLÁVIA FOREQUE

Na longa lista de presentes de Arthur, 7 anos, no último Natal, a bicicleta com marchas e suspensão teve prioridade em relação ao carrinho com controle remoto. A escolha foi uma forma de os pais incentivarem a prática do ciclismo pelo pequeno, que desde os três anos pedala bicicleta sem rodinhas.

O presente incluiu um capacete novo, enfeitado com adesivos do Taz, desenho animado que se locomove como um redemoinho. Indício de que o menino gosta de velocidade. "Eles já nasceram disputando corrida no andador", brinca o pai, o analista de suporte Evandro Vanderlei, 44 anos.

É com a nova "máquina" que Arthur se exercita na Ponte JK, concluída no mesmo ano em que ele nasceu. A inauguração ocorreu dois anos e meio após o início da obra e para tirar do papel a projeção dos três arcos metálicos sobre o Lago Paranoá, foi necessário o trabalho de um verdadeiro exército. Ao todo, mil operários participaram da construção. O projeto foi desenhado pelo arquiteto carioca Alexandre Chan, vencedor do concurso organizado pelo Instituto Nacional de Arquitetos.

A ponte também é trajeto recorrente para Evandro, que há três anos passou a praticar o esporte com frequência. O passeio é feito à noite, na companhia de outros ciclistas integrantes do grupo Pedal Noturno. Nessas horas, Arthur é apenas espectador — no carro de apoio, acompanha as pedaladas e ajuda na reposição de energia dos atletas.

Nos fins de semana, pai e filho passeiam juntos e usam a faixa paralela aos carros para contornar o lago, atravessando ainda a Ponte Costa e Silva.

Monique Renne/CB/DA Press



BELEZA E SEGURANÇA PARA ARTHUR DESFRUTAR DE PASSEIOS

E MAIS...

Em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva venceu a eleição presidencial. As cidades históricas Goiás Velho e Pirenópolis sofreram com as chuvas e o futebol brasileiro se tornou pentacampeão.

Família

Arthur não imagina que para fazer o passeio pelos 1.200 metros por onde pedala com frequência foi preciso muita matéria-prima. Prevista nos mapas urbanísticos da capital desde o início da década de 1980, a ponte consumiu 16 mil toneladas de concreto — o dobro do utilizado na Torre Eiffel, símbolo da capital francesa.

Os três arcos metálicos de 60 metros de altura, o equivalente a um prédio de 20 andares, trouxeram mais um cartão-postal para Brasília. Hoje, não é difícil ver turistas passeando pelas faixas laterais e tirando fotos do lago sobre a mais nova ponte da capital federal.



*Hoje é dia do
aniversário de Brasília.
Mas o Sistema FIBRA
trabalha para que você
tenha motivos para
bater palmas para a
cidade o ano inteiro.*

Brasília, parabéns pelos 49 anos.

FIBRA SESI SENAI IEL

2003

SAMUEL CRESCE EM ÁGUAS CLARAS

(ESPAÇO VERDE PARA BRINCAR)

FLÁVIA FOREQUE

Samuel Rosa da Cunha tem seis anos e o lugar que mais gosta de passear é o Parque Ecológico de Águas Claras. O menino nasceu em 2003, ano em que o Distrito Federal ganhou a sua vigésima região administrativa: Águas Claras. Com os imóveis cada vez mais caros no Plano Piloto, o novo setor habitacional surgiu como espécie de oásis para a classe média. Rôni Salomé e o marido, Ronaldo da Cunha, nem pensaram muito. Era a chance de trocar o aluguel de um apartamento no Núcleo Bandeirante para investir no imóvel próprio.

A pedra fundamental do novo setor habitacional foi lançada em 23 de dezembro de 1992 e trazia a esperança de morar bem e perto do Plano Piloto — a apenas 20km. O casal mudou-se para Águas

Kleber Lima/CB/DA Press



SAMUEL GOSTA DE BRINCAR NO PARQUE ECOLÓGICO DE ÁGUAS CLARAS: ESPAÇO VERDE E PLAYGROUND

E MAIS...

Em 2003, na Argentina, Néstor Kirchner não precisou disputar o segundo turno com Carlos Menem, que renunciou às eleições. Nos Estados Unidos, o então presidente George W. Bush determinou prazo de dois dias para Saddam Hussein deixar o Iraque. Poucas horas depois, começam as explosões em Bagdá. A Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) infecta mais de 8 mil pessoas e faz 800 mortos em vários países. No esporte, o brasiliense César Castro é o primeiro brasileiro a conquistar medalha de prata no mundial de saltos ornamentais.

Claras em 2000. Desde então, acompanha o crescimento da nova cidade, inicialmente prevista para ser um bairro de Taguatinga.

Mas tornou-se independente. Quem vive lá não precisa mais sair para fazer compras ou ir a um bom restaurante.

Cercada pelo verde, até mesmo o governador José Roberto Arruda utiliza o Parque Ecológico de Águas Claras para as caminhadas matinais. O parque é o lugar de lazer preferido de Samuel. "Mas eu só posso ir aos sábados e aos domingos porque meu pai chega todo dia de noite", explica o pequeno. O parque tem pista de caminhada, quadras de areia e poliesportiva, ciclovias, quiosques, playground.

"A cidade está crescendo. É daqui pra melhor", comenta Rôni Salomé. Águas Claras abriga cerca de 80 mil habitantes e tem paisagem urbana bem diferente dos prédios baixos, de seis andares do Plano Piloto. Por onde se anda é possível ver edifícios com mais de 20 pavimentos, de vidros espelhados e acabamentos sofisticados. E ruas com nomes de vegetação.

Daniel Ferreira/CB/DA Press

2004

2005

O AVÔ MAIS HONESTO DO BRASIL

(YURI TEM O MAIOR ORGULHO DE BASÍLIO)

NAIRA TRINDADE

Num país onde a corrupção e o jeitinho reinam em diferentes classes sociais, o funcionário da limpeza do Aeroporto Juscelino Kubistchek Francisco Basílio Cavalcante vira notícia ao fazer o certo: devolver a quantia nada simbólica de US\$ 10 mil — cerca de R\$ 30 mil na época —, que encontrou no banheiro. O dinheiro era de um esquecido turista suíço. A atitude fez Francisco Basílio famoso e deixou a família cheia de orgulho. Yuri Cavalcante Mendes nasceu dois meses depois do fato e quer "ser igual ao avô quando crescer". Em 9 de maio, ele faz 5 aninhos.

Yuri ainda estava na barriga da mamãe Maria de Fátima Cavalcante Mendes quando o avô ensinou o Basílio a ser honesto. Naquele 10 de março de 2004, Francisco se levantou, tomou o café da manhã e partiu para o trabalho no aeroporto, como fazia todos os dias havia 26 anos. Mas deixou a casinha em Céu Azul (GO), onde morava com a mulher, Raimunda Nonata, preocupado. Ele ainda não havia conseguido os R\$ 28 para pagar a conta de luz vencida. Muito católico, pedía ajuda a Deus.

No fim do expediente, a apenas 15 minutos para encerrar a rotina de limpeza, ele foi conferir se tudo estava em ordem nos banheiros. Dentro de uma cabine, uma bolsa chamou sua atenção. Ele abriu para ver o que era e tentou descobrir o dono. Encontrou muito dinheiro. Mais do que já havia visto em toda a vida. E como homem de bem, procurou o dono. Com a ajuda do alto-falante do aeroporto, o encarregado do setor devolveu todo o dinheiro.

Francisco Basílio seguiu de ônibus para casa. "O dinheiro não era meu. Tinha que ser devolvido para o dono", enfatiza o simpático cearense. Em casa, Francisco Basílio continuava apreendido com a conta. Tanto que nem contou com a mulher e que havia ocorrido no trabalho. Passados dois dias, a história veio à tona pelos jornais. Um mês depois, ele passou de auxiliar de limpeza à encarregado geral do setor. O salário triplicou. "No ônibus, as pessoas diziam que eu era bobo de ter devolvido a mala", reconhece.

A boa ação trouxe fama e homenagens. Francisco Basílio ganhou viagem para Sobral (CE), a cidade natal; recebeu medalha de honra ao mérito do Ministério Público do DF — foi o primeiro cidadão a ser homenageado pelo MPDF por honestidade —, e encontrou-se



YURI NASCEU NO ANO EM QUE O AVÔ FEZ FAMA AO DEVOLVER OS US\$ 10 MIL ACADOS NO AEROPORTO

E MAIS...

A cidade fez escola, em 2004, ao aprovar o sistema de cotas para negros na Universidade de Brasília (UnB), primeira instituição de ensino do país a incluir o sistema na seleção de candidatos. A vinda do Incor para a capital trouxe esperança aos pacientes enfermos do coração. Em São Sebastião, porém, a hantavírose assustou e fez vítimas. No Zoológico, nasce um filhote albino de canguru, e um enxame de abelhas africanas dizima a população de macacos. O Brasil perdeu o líder trabalhista Leonel Brizola, aos 82 anos, e vibrou em Atenas com as 10 medalhas — destaque para a de bronze do maratonista Vanderlei Cordeiro, barrado durante a prova.

com o presidente Lula no Palácio do Planalto, onde teve o antigo uniforme de faxineiro autografado. Detalhe, hoje ele trabalha de terno e gravata. "Mas continuei a mesma pessoa. Só mudou a roupa", diz. Na época, Francisco também foi garoto propaganda do governo federal, estrelou em filme, visitou um programa de televisão e recebeu o título de Cidadão Honorário.

Os frutos e o bom coração são razões para os seis netinhos se encherem de orgulho do avô. "Quero ser famoso igual ao meu avô", conta Yuri, que cresceu ouvindo a história de honestidade. Desde que nasceu, ele sonha em ter a mesma bondade no coração. E consegue. Apesar de tão pequeno, ele tem consciência de quanto os pais Fátima, 36, e William Mendes Alves, que trabalha na engraxataria do aeroporto, podem e fazem por ele e os irmãos Rayane, 10, e Willian Cavalcante Mendes Júnior, 9. "Quando crescer vou trabalhar no avião (como piloto) e se eu achar, vou devolver. O que é de outra pessoa, tem que devolver", ensina Yuri.

UM ESPAÇO PARA GAÇARIN

(FAVELA GANHA DIGNIDADE)

Em apenas quatro anos como região administrativa, a antiga favela do Itapoã ganhou infraestrutura para seus 100 mil moradores. A 28ª Região Administrativa do Distrito Federal tornou-se oficial em 3 de janeiro de 2005. Anos antes, em meados de 2001, a invasão já hospedava pessoas que trabalhavam no Paranoá, Varjão e Sobradinho. A falta de condições salubres de moradia não impediu o seu crescimento. Com o intuito de fugir do aluguel, milhares de pessoas cercavam terrenos e montavam seus barracos.

Maria Aparecida Félix Nascimento foi uma delas. Antes de Itapoã ser considerada RA, em 2003, ela, o marido Valdir da Silva Matos e os dois filhos do primeiro casamento dela — Everton, 11, e Wellington, 12 — se instalaram na invasão. Em meio à escuridão e saneamento básico, Maria engravidou. A gestação do primeiro filho do casal foi tranquila. Yuri era esperado para dezembro de 2004. Mas resistiu e escolheu uma data privilegiada para nascer: no primeiro dia de 2005.

Esperto e curioso, o pequeno "Gagarin" — apelido dado pelo pai Valdir, em homenagem ao primeiro homem a viajar pelo espaço, Yuri Gagarin — conquistou seu espaço no chão empoeirado do Itapoã — um lote na Quadra 329 do Condomínio Del Lago, invasão que se transformou oficialmente em cidade dois dias após seu nascimento. É nessa nova cidade, legalizada, que ele cresce feliz e aprende a jogar futebol. (NT)

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A. Press



O PEQUENO YURI BRINCA NA NOVA CIDADE: INVASÃO ANTES DELE NASCER

E MAIS...

A reforma do Centro de Convenções Ulysses Guimarães propiciou crescimento do turismo de eventos em Brasília. A capital ganhou espaço de qualidade para receber congressos. Em 2005, o Brasil vota NÃO pelo direito de andar armado. O papa João Paulo II morre aos 84 anos. Na Suíça, Ronaldo Roldão Gaúcho conquista pela segunda vez seguida o prêmio de melhor do mundo pela Fifa.

2006

Daniel Ferreira/CBDA Press

ARTE QUE NASCE DO TRAÇO

(MARCELO DESCOBRE O MUSEU)

NAIRA TRINDADE

Os traços de giz de cera que Marcelo Cartaxo Camarano, de 3 anos, faz no papel são a primeira expressão de criatividade. Aos poucos, o menino vai descobrindo linhas e curvas. O Conjunto Cultural da República nasceu de curvas. De riscos bem traçados pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Em 2006, o desenho do mestre saiu do papel, ganhou formas reais, e do cinza do concreto brotou uma cúpula branca que contrasta com o céu de Brasília.

Na área interna, um mezanino de 800 metros quadrados preso ao teto por vigas recebe trabalhos de artistas nacionais e internacionais. No salão, um vão livre de 50 metros de diâmetro e 3,2 mil metros quadrados é destinado às exposições e pode receber divisórias de acordo com cada projeto exposto. O dois espaços são ligados por uma rampa, atração principal para o curioso Marcelo Cartaxo.

De mãos dadas com a mãe, Ana Laura Cartaxo, ele corre, brinca e se diverte entre uma exposição e outra. As cores atraem os olhares aten-



ANA LAURA E O FILHO NO MUSEU DA REPÚBLICA: AMBIENTE COLORIDO INSPIRA A CRIANÇA

E MAIS...

José Roberto Arruda venceu as eleições no Distrito Federal e Lula foi reeleito com 58 milhões de votos. Tragédia no ar: um Legacy, da Embraer, pilotado por norte-americanos, provocou a queda de um avião da Gol, mantendo 154 pessoas. O astronauta brasileiro Marcos Pontes retornou à Terra depois de passar 10 dias no espaço, oito deles na Estação Espacial Internacional. Plutão deixou de ser um planeta do Sistema Solar.

tos do menino que já sabe identificar e pronunciar corretamente os nomes delas. "Olha lá a letra A", grita ele ao reconhecer, na pintura da parede, a letra que inicia o nome da mãe. O ambiente colorido e rico em recortes inspira a criança. "Mãe, quero minha tesoura", pede.

Ana Laura Cartaxo tenta entre tê-lo. Mas é em vão. Rapidamente, Marcelo encontra no salão de exposições um cantinho educacional.

"É um núcleo de inclusão social. Temos programas educativos, seminários, palestras, cinema", diz o diretor do Museu da República, Vagner Barja. O museu tem dois auditórios: um com 680 lugares para palestras e conferências e outro que comporta 72 pessoas, reservado para eventos menores. Em ocasiões especiais, os auditórios viram salas de cinemas e recebem a comunidade para assistir a filmes nacionais e internacionais.

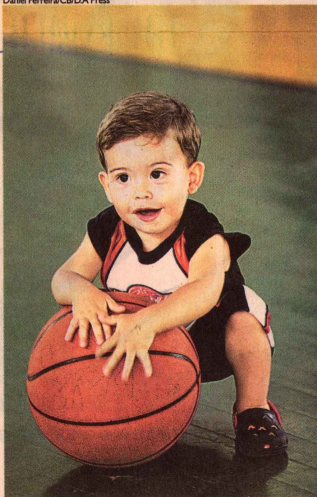
No Museu Nacional, é adotada a cultura de aprender para entender. Cada exposição tem o seu projeto educativo. "Uma exposição não é meramente uma exposição. É necessário realizar projetos para ensinar às crianças que frequentam o cantinho educativo", explica. As últimas obras que ficaram expostas no Museu foram os azulejos de Athos Bulcão. Para que as crianças entendessem a forma e a imagem das peças, foram deixados recortes de embrachados coloridos na mesa. Assim, a meninada pode exercer a criatividade. "O Museu não é apenas uma bola branca. Ele tem conteúdo", diz Barja.

2007

BOLA, A PRIMEIRA PALAVRA

(A CONQUISTA DO BASQUETE)

Daniel Ferreira/CB/D.A. Press



VÍTOR NASCEU EM 2007, ANO EM QUE O UNIVERSO BRB SAGRA-SE CAMPEÃO BRASILEIRO

FLÁVIA FÓREQUE

Com tanta paixão dos pais pelo basquete, não é de se admirar que a primeira palavra dita pelo filho Vitor tenha sido bola. Deborah Rezende Sabino Côrte, 25 anos, estava grávida de cinco meses quando torceu, nas arquibancadas lotadas do Nilson Nelson, pelo Universo BRB no jogo contra o Flamengo. O pai do bebê que nasceria em outubro tinha de conter a vibração porque estava trabalhando. Formado em educação física, Ricardo é um dos seis estatísticos de Brasília responsáveis por contabilizar o número de rebotes, lances livres, cestas de três e outros arremessos em partidas de basquete.

Desde que o time brasileiro Universo BRB garantiu vaga na Liga Nacional de Basquete, ele está na mesa da estatística. Depois de contabilizar os dados, precisa passá-los em tempo real para o site e entregar os números para os técnicos a cada quarto de jogo. "Em cima do nosso trabalho eles modificam o jogo se quiserem", explica. O sucesso do time candango trouxe mudanças para o cenário do esporte na capital. "O pessoal safá de Brasília para jogar. O Universo está mudando um pouco essa cultura", diz Ricardo.

Na histórica partida contra o Flamengo, em 1º de maio de 2007, 24.286 torcedores se reuniram no ginásio. É o maior público registrado em um jogo de basquete no país. O Universo, que já era líder na disputa, venceu por 101 x 78. Um mês depois, o Universo, então comandado pelo técnico José Carlos Vidal, sagrou-se a primeira equipe brasileira campeã do Brasileiro. De volta à Brasília depois de uma agitada final contra o Unimed Franca, na casa do adversário, o time foi recebido com alegria pelos brasilienses e percorreu a cidade em carro de bombeiros.

E MAIS...

Ao tomar posse, no dia 1º, Lula anunciou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Na Europa, Nicolas Sarkozy assumiu a presidência da França após 12 anos de governo de Jacques Chirac; os britânicos viram Tony Blair deixar o cargo de primeiro-ministro e dar lugar a Gordon Brown. Na Argentina, a senadora Cristina Kirchner, apoiada pela popularidade do governo do marido, venceu as eleições presidenciais com 40% dos votos. No DF, a sede do governo foi transferida para Taguatinga. A crise aérea atingiu o auge, marcada pelo episódio trágico do acidente com o Airbus A320 da TAM, em Congonhas, que deixou 199 mortos em São Paulo. O papa Bento XVI visitou o Brasil e canonizou Frei Galvão, primeiro santo nascido no Brasil.

2008

José Varella/CB/D.A. Press



GUSTAVO NASCEU NO DIA EM QUE O ESTÁDIO DO GAMA FOI REINAUGURADO: BRASIL VENCEU PORTUGAL POR 6 X 2

A TORCIDA VIBRA NO BEZERRÃO

(UM FILHO E A VITÓRIA DO BRASIL)

Na noite de 19 de novembro de 2008, o Bezerrão foi reinaugurado com um amistoso entre as seleções do Brasil e de Portugal. Construído em 1977, o estádio passou por ampla reforma e voltaria a ser palco de clássicos do futebol. O Gama estava em clima de festa. A expectativa de conhecer o novo Bezerrão e ver de perto a Seleção Brasileira deixou os moradores da cidade eufóricos.

Na noite do dia anterior, às vésperas da inauguração, a sete minutos do estádio, no Núcleo Rural Recanto das Palmeiras, em Ponte Alta Norte do Gama, Eliane Ribeiro da Cruz, 23 anos, sentia as dores do parto, que perduraram até as 10h do dia seguinte. Eliane achou que não estava ainda na hora de o bebê

nascer, mas parece que o pequeno Gustavo já sentia a vibração dos torcedores. Não queria esperar. Queria vir ao mundo logo. E veio. Às 13h46, momento em que o movimento já era grande na porta do estádio, Gustavo nasceu. Saudável, pesando 3,890kg.

"Como não me permitiram dormir no hospital, voltei para casa e vi a cerimônia de inauguração pela TV", conta o pai Silvestre Souza Linhares. Naquele dia, pelo menos 19 mil pessoas assistiram à partida. O Brasil bateu Portugal por 6 x 2. Ao lado do estádio, um complexo está em construção, com pista de atletismo, quadra de tênis e piscinas. "Um dia o Gustavo vai brincar por lá, antes de virar um doutor de bebês", diz a mãe, que sonha em ver o filho pediatra. (NT)

E MAIS...

Em 2008, Brasília perdeu Athos Bulcão. A brasiliense Ketylen Quadros conquistou a medalha de bronze no judô e se tornou a primeira brasileira em esportes individuais a chegar ao pódio olímpico. As Olimpíadas de Pequim ainda levaram ao lugar mais alto do pódio os brasileiros Maurren Maggi e César Aia. Justiça no Brasil permitiu os estudos com células-tronco embrionárias. Barack Obama foi eleito presidente dos Estados Unidos, e Fidel Castro deixou definitivamente o governo de Cuba, após 49 anos no poder. Nos EUA, o banco Lehman Brothers pediu concordata, iniciando a fase mais aguda da crise econômica. O mundo se emocionou com o resgate de Ingrid Betancourt, sequestrada havia seis anos pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

49 **Brasília**
anos

32 • Brasília, terça-feira, 21 de abril de 2009 • CORREIO BRAZILIENSE

2009

BEATRIZ, ISABEL E SAMUEL

(QUE SEJAM FELIZES EM BRASÍLIA)

Daniel Ferreira/CB/D.A Press





○ FUTURO: MICHELE, MARIA E TARSILIA SONHAM COM UMA CIDADE JUSTA E CHEIA DE VITÓRIAS PARA OS FILHOS BEATRIZ, ISABEL E SAMUEL. OS TRÊS BEBÊS NASCERAM NA CAPITAL ÀS VÉSPERAS DO 49º ANIVERSÁRIO

"A maternidade muda a gente e faz com que tenhamos um olhar diferente de tudo que cerca o nosso lar. Não quero para minha filha nem um milímetro a menos do que eu vivi"

Michele Márcia Leal Fontes, mãe de Beatriz

ERIKA KLINGL

Como será o futuro? A pergunta faz parte do imaginário de todos os brasileiros, mas ainda é mais forte para os pais de Beatriz, Isabel, Samuel e de tantos outros bebês que nasceram este ano. "A maternidade muda a gente e faz com que tenhamos um olhar diferente de tudo que cerca o nosso lar. Não quero para minha filha nem um milímetro a menos do que eu vivi", observa Michele Márcia Leal Fontes, de 32 anos, mãe de Beatriz.

Beatriz veio ao mundo em janeiro e transformou a vida de Michele, de 32 anos, e Fábio Coutinho Pompermayes, 34. É a primeira filha deles e carrega os sonhos de uma nova geração na capital do país. Michele e Lázaro nasceram em Brasília na década de 1970 e querem que Bia siga os mesmos passos da infância que eles tiveram, brincando embaixo dos prédios e vivendo sem medo.

Isabel nasceu um mês depois, em fevereiro, e foi a primeira menina de Lázaro Ekua, 43 anos, e Maria Delpillar, 22. Eles já tinham dois garotos e sonhavam com uma princesa para alegrar a casa. "Sempre quis uma garotinha", resume Maria. Os dois representam um outro lado de Brasília. A formação universal da capital do país. Maria e Lázaro são de Guiné Equatorial e vieram para Brasília para que Lázaro pudesse trabalhar na embaixada. "A vida aqui é boa e a cidade é muito bonita. Para ser perfeita, só faltam minhas amigas e minha família", brinca Maria.

O menino do grupo acabou de completar um mês de vida. Para Tarsília Araújo, 25 anos, Samuel foi uma esperança de vida. A mãe dela havia morrido dois meses antes do menino nascer. "A vinda do Samuel alegrou ainda mais as nossas reuniões. Ele é

absolutamente perfeito e o mais amado menino do mundo", comenta a mulher do fotógrafo Cristiano Mariz, de 32 anos.

Os três bebês, lindos e saudáveis, representam o futuro da capital do país, formada, principalmente, por trabalhadores, vindos de todos os lugares e repletos de esperança. Mas, aos 49 anos, Brasília precisa de tantos cuidados quanto Beatriz, Samuel e Isabel. A cidade deve ser nutrida de boas intenções. Deve ser limpa e amada diariamente pelas pessoas que convivem nela e com ela. "Sou otimista com o nosso futuro. Acredito que de alguma forma a cidade vem melhorando", observa Alfredo Gestal, diretor do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (Iphan), em Brasília.

O segredo dos avanços, segundo ele, está no crescimento da sensação de pertencimento à cidade. "As pessoas estão se concientizando e os grupos de pressão estão mais organizados." José Carlos Coutinho, do Departamento Histórico e Artístico (Depha), completa. "É preciso estar muito atento, sempre. Os cuidados na preservação do Distrito Federal devem ser intensos porque são eles que fazem daqui um lugar único."

Moradores do Sudoeste, Michele e Fábio lembram da infância tranquila em Brasília. "Joguei muito beto embaixo do prédio. Brinque de pique na rua e passeava no parque com a minha família. Minha infância foi maravilhosa", lembra a mãe. Para Maria, da Guiné Equatorial, a diferença está na escola dos filhos. "Meus dois meninos mais velhos, de 2 e 6 anos, já estão na escolinha e é muito boa", argumenta a moradora do Lago Sul. O ensino no DF é considerado um dos melhores do país. "Aqui temos a Universidade de Brasília (UnB), ótimas escolas privadas e colégios públicos que, apesar de alguns problemas, ainda estão entre os melhores do Brasil", analisa o educador Raul Brito Mendes.

Para Tarsília, moradora da Asa Sul, o que faz de Brasília um lugar especial para criar Samuel é a proximidade da família. "Somos quase 60 morando aqui. Minha mãe foi a primeira a vir e depois todo mundo veio atrás. Hoje estamos todos por aqui", afirma. A família dela personifica uma característica nova na capital. "Até há poucos anos, não havia muito vínculo entre os moradores. Cada um era de um lugar diferente e os feriados eram vazios nas ruas da cidade porque todos aproveitavam para sair e visitar a família em Minas, Rio e outros estados", interpreta a cientista social Beatriz Lima.

"Hoje há vínculos. As gerações já nascem aqui e estão firmando raízes", completa. "São essas raízes que fazem uma cidade viva. É maravilhoso me sentir parte de uma comunidade, mesmo que eu reconheça que Brasília já teve dias mais tranquilos e de mais segurança nas ruas", afirma Michele.

Futuro

E o que todas essas mães querem para o futuro de seus filhos? Michele, Maria e Tarsília são unânimes: "Que sejam felizes". É o que todos os brasileiros, nascidos ou que se apaixonaram pela capital, esperam para as próximas gerações. Os desafios não são pequenos. Especialistas ouvidos pelo Correio destacaram os principais pontos a serem enfrentados e algumas soluções. Para o trânsito, que prejudica o humor do brasileiro, investimento em transportes coletivos de qualidade ou alternativos, como bicicletas. Para o crescimento urbanístico, respeito às áreas de preservação e ao ordenamento público. Para a saúde, mais recursos. Para a cidade, carinho. Nada de jogar papel no chão, de buzinar nas ruas e de colocar os interesses pessoais acima dos comunitários. E que venham os próximos 49 anos.